FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR

NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA- NCET

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGEO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM GEOGRAFIA - PPGG

PAULO CÉSAR BARROS PEREIRA

O NOVO ARCO E FLECHA DOS POVOS INDÍGENAS: As novas tecnologias como salvaguarda do povo Paiter Suruí em Cacoal, Rondônia

PORTO VELHO,

OUTUBRO DE 2020

PAULO CESAR BARROS PEREIRA

O NOVO ARCO E FLECHA DOS POVOS INDÍGENAS: As novas tecnologias como salvaguarda do povo Paiter Suruí em Cacoal, Rondônia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia– PPGG/UUNIR, como requisito para obtenção de título de Mestre. Área de concentração e Linha de Pesquisa: Território e Sociedade na Pan-Amazonia - TSP.

Orientador: Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva

Porto Velho, outubro de 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

P436n Pereira, Paulo César Barros.

O novo arco e flecha dos povos indígenas: as novas tecnologias como salvaguarda do povo Paiter Suruí em Cacoal, Rondônia / Paulo César Barros Pereira. -- Porto Velho, RO, 2020.

129 f. : il.

Orientador(a): Prof. PhD Adnilson de Almeida Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Território Indígena. 2.Paiter Suruí. 3.Defesa Cultural. 4.Novas Tecnologias. I. Silva, Adnilson de Almeida. II. Título.

1. CDU 572.029-054(811.1)

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ATA DE DISSERTAÇÃO

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PAULO CÉSAR BARROS PEREIRA

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pelo Orientador e Presidente **Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva** e constituída pelos examinadores: **Prof. Dr. Ricardo Gilson da Costa Silva** - Examinador Interno/PPGG-UNIR; **Prof. Dr. Clarides Henrich de Barba** - Examinador Externo/Programa de Mestrado em Educação/PPGE-UNIR; **Prof. Dr. Daniel Belik** - Pós-doutorando do PPGG-UNIR - Examinador Interno/Bolsista PNPD/PPGG/UNIR, reuniram-se em 22 de maio de 2020, às 14h30min, através de **Videoconferência - Google Hangouts Meet** – Link: https://meet.google.com/xvu-fruy-ndi, para avaliar a dissertação de mestrado intitulada: "***O NOVO ARCO E FLECHA DOS POVOS INDÍGENAS: As novas tecnologias como salvaguarda do povo Paiter Suruí em Cacoal, Rondônia***" do mestrando **Paulo César Barros Pereira** - Matrícula: 20181000994. Após a explanação do pós-graduando e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADA. O Candidato terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada e a comprovação do cumprimento dos demais créditos, conforme Regimento Interno. ***Este documento tem validade de 90 dias a contar desta data.***

Porto Velho-RO, 22 de maio de 2020.

Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva
Orientador/Presidente/PPGG-UNIR

Prof. Dr. Ricardo Gilson da Costa Silva

Examinador Interno/PPGG-UNIR

Prof. Dr. Clarides Henrich de Barba

Examinador Externo/Programa de Mestrado em Educação/PPGE-UNIR

Prof. Dr. Daniel Belik

Pós-doutorando do PPGG-UNIR

Examinador Interno/Bolsista PNPD/PPGG/UNIR

Documento assinado eletronicamente por **ADNILSON DE ALMEIDA SILVA, Docente**, em 22/05/2020, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **RICARDO GILSON DA COSTA SILVA, Docente**, em 22/05/2020, às 18:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **DANIEL BELIK, Usuário Externo**, em 25/05/2020, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **CLARIDES HENRICH DE BARBA, Docente**, em 27/05/2020, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0423740** e o código CRC **5530079B**.

DEDICATÓRIA

Ao povo PAITER SURUÍ da Aldeia Paiter - linha 09, Terra Sete de Setembro, em Cacoal, Rondônia.

AGRADECIMENTOS

- Ao meu Deus, pois sem Ele nada seria possível, e às várias pessoas que me ajudaram direta e indiretamente para a realização deste projeto;

- À minha esposa, amiga inseparável, confidente e ajudadora, Profª. Me. Maria Liziane Souza Silva por estar sempre me incentivando, cobrando mais empenho, dedicação e fazer do meu sonho o seu. Pelas lutas que passamos nas horas de escassez, sonhos e conquistas deste Mestrado. Nós conquistamos mais um degrau em nossas vidas! Te amo;

- Aos meus filhos: Isabela Silva Barros Pereira e Paulo Arthur Silva Barros Pereira, vocês são meus impulsionadores!

- A minha querida mãe, Odinei Barros Pereira *(in memórian),* pelo tempo dedicado à minha criação e educação ajudando de todas as formas os filhos e netos;

- À minha querida sogra Maria de Lourdes Souza Silva, uma segunda mãe, que está sempre do meu lado após o falecimento de minha amada mãe, pelos belos e sábios conselhos;

- Aos meus cunhados e cunhadas que me ajudaram durante a fase de Mestrado; Irmãs e irmãos que acreditaram e incentivaram. Amo vocês, meu muito obrigado pela força e dedicação!

- Ao meu pai Artur José Pereira (*in memoriam*). Você se foi tão repentinamente! Obrigado pela prontidão, pelas suas orações e preces feitas a mim sempre;

- À minha querida vozinha, Filomena Vieira Barros, que nos seus 106 anos de idade, antes de partir me disse: “nunca desista meu filho você vai conseguir vencer as batalhas”. Te amo vó!;

- À meu avô Francisco Barros que me ensinou a ter personalidade digna de uma pessoa alinhada;

- Aos vários entrevistados, filhos, netos, anciãs, do povo Paiter Suruí da TI Sete de Setembro em Cacoal – Rondônia;

- À uma amiga que fiz durante a viajem para o mestrado em Porto Velho – RO, Aparecida Bonfanti, “dona Cida”, muito grato por sua amizade, Deus a abençoe conjuntamente todos os dias de sua vida e todos de sua família;

- À Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, em especial aos amigos da turma 2016/1/2 e da minha turma de 2018/1 do Mestrado em Geografia que construí durante esse pouco tempo, e a todos os professores do curso PPGG/UNIR em especial aos Grupos de Pesquisas: GEPCULTURA, GEPGÊNERO e GENTEH;

- Aos meus queridos professores de graduação, Prof. MSc. Cleuton de Menezes Almeida; Prof. MSc. Ítalo Campos de Melo Silva; Prof. Dr. André Nasserála, meus incentivadores e inspiração para buscar uma pós-graduação. Aos Professores do Curso de Geografia da Universidade Federal do Acre, Profª. Drª. Maria de Jesus Morais e Prof. Dr. José Alves, que viram o esforço que fazíamos na correria intensa do vai e vem. Grato pelo incentivo e ajuda nestes anos!

- Ao meu orientador Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva que muito contribuiu para que esse projeto de pesquisa fosse concluído. Sem sua contribuição e conhecimento seria mais difícil a pesquisa sobre o universo dos povos tradicionais da Amazônia. Gratidão!

- Ao amigo e querido Prof. Dr. Josué da Costa Silva, por sua grandiosa e valiosa amizade, ajuda, conselhos, hospitalidade, generosidade, e amabilidade em nos receber em seu lar. Um ser humano incrível, que tive a oportunidade de adentrar em nível de conhecimento epistemológico geográfico, que me fascinou e me envolveu de forma extraordinária como pesquisador. Obrigado por tudo!

- E sem dúvida a querida e amorosa Prof.ª. Drª. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, que me recebeu como filho em seu lar sempre nos incentivando e motivando com exemplos, mostrando que é possível chegar à conquista desejada com dedicação e esforço. Pelo “cafezinho gostoso” que tomamos, gratidão eterna!

- Ao prof. Dr. Almir Naraiamoga Suruí pois sem sua autorização para pesquisar na T. I. Setembro nada disso seria possível, muito obrigado grande líder Paiter Suruí.

- A meu amigo doutorando Gasodá Suruí que apresentou-me ao seu povo e que tive o grande prazer de aprender com seu povo, sua cultura e costumes. Grato por tudo meu amigo!

- Ao meu amigo e irmão Luís Suruí que me recebeu junto com minha família quando fui passar alguns dias em sua aldeia. Obrigado pela oportunidade de conhecer sua história, os contos, as experiências de vida e enfrentamentos. Muito grato a vocês que hoje fazem parte da minha família.

- Ao meu amigo e irmão Francisco Ribeiro Nogueira pelos momentos que passamos juntos, viagens de campo, nas pesquisas. Nós aprendemos muito juntos.

- Aos colegas de turma e aos companheiros dos “cafofos”: Bárbara Elis; Dhuliane Bonfanti; Edilson; Charlôt; Ednilson; Emanuel; Alessandra Manchineri; Suzana Dourado; Elizane; Cláudia Ximenes; Ellen; Danúbia e outros que contribuíram para meu aprimoramento como pessoa e pesquisador;

- Ao meu grande amigo Prof. Dr. escritor e membro da Academia Brasileira de Letras do Estado do Acre e doutorando Jefferson Henrique Cidreira. Deus te abençoe, obrigado por tudo.

- Aos meus amigos e companheiros de graduação de turma e de outras turmas e períodos diferentes de Sistemas de Informação. Aos Professores e Professoras de todos os períodos pela torcida, orações e força nas horas necessárias. Valeu moçada! “É nóis”; “tamo junto, urul!!” (um “acrianês” para finalizar).

A todos vocês, a gratidão!

A Geografia não é somente um caminho possível para a compreensão dos coletivos humanos em sua relação com os seres e não seres, é também possibilidade de valorizar as experiências e vivencias em sua multiplicidade objetiva e subjetiva estabelecidas na cotidianidade do espaço de ação.

(Adnilson de Almeida Silva)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi discutir a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação dentro do Território Indígena dos Paiter Suruí como meio de defesa territorial. Para refletirmos sobre tais questões adotamos o método fenomenológico que consiste na ciência dos fenômenos. O método propõe olhar para as nossas experiências com uma postura científica, pois, acredita que tudo o que é real é fenômeno — e aí está a essência das coisas. Em outras palavras o método consiste no acesso ao campo da consciência, para então submetê-lo à análise. A técnica adotada foi a fonte oral, considerada a mais antiga na difusão e propagação do saber, através de entrevistas colhidas com este povo. Também recorremos à análise documental do Plano de Gestão dos Paiter e apoiamo-nos numa revisão bibliográfica de cunho geográfico através das ideias de autores que abordam a temática. Nos últimos anos alguns povos indígenas da Amazônia brasileira têm buscado novos métodos de melhorar seu bem viver, defendendo seu território e preservando sua herança cultural. As perdas culturais depois do contato com o não indígena foram incalculáveis. Diante disso, alguns destes povos tem se posicionado no enfrentamento diante tais ameaças. A exemplo disso está o povo Paiter Suruí, residente na Terra Indígena Sete de Setembro no município de Cacoal, em Rondônia, que nos últimos anos vem utilizando ferramentas tecnológicas de última geração para combater os males causados pelo processo do contato, auxiliando-o no monitoramento de seu território e também na divulgação de suas riquezas naturais e culturais. O método inovador que os Paiter encontraram para minimizar seus conflitos e perdas, estabelece perspectivas para o futuro, diante da criação de um plano de gestão ambiental. Os modernos aparatos surgem como oportunidade não somente de ressignificação ancestral e histórica, mas, de autonomia indígena, em um cenário multifacetado e complexo.

Palavras Chaves: Território Indígena; Paiter Suruí; Defesa Cultural; Novas Tecnologias.

ABSTRACT

The objective of this research was to discuss the insertion of new information and communication technologies in the Paiter Suruí Indigenous Territory, as a means of territorial defense. To reflect on these issues adopted or the phenomenological method that consists of the science of phenomena. The method of looking at our experiences with a scientific stance, because it believes that everything that is real is a phenomenon - and that is the essence of things. In other words, the method consists of accessing the field of consciousness, then submitting it to analysis. The technique adopted was an oral source, considered the oldest saber spread and spread, through interviews with these people. We also resort to documentary analysis of the Paiter Management Plan and we rely on a bibliographic review of a geographical nature through the ideas of authors who address the theme. In recent years, some indigenous peoples in the Brazilian Amazon have been looking for new methods to improve their well-being, defending their territory and preserving their cultural heritage. How to reduce cultural after coming into contact with the non-indigenous were incalculable. Given this, some of these peoples have the potential to face these threats. An example of this is the Paiter Suruí people, residing in the Sete de Setembro Indigenous Land in the municipality of Cacoal, in Rondônia, who in recent years have been using state-of-the-art technological tools to combat males through the contact process, assist in monitoring their territory and also in the dissemination of its natural wealth. The innovative method that Paiter selects to minimize his conflicts related to the prospects for the future, in view of the creation of an environmental management plan. Modern devices appear as an opportunity not only for ancestral and historical reframing, but for indigenous autonomy, in a multifaceted and complex scenario.

Key words: Indigenous Territory; Paiter Suruí; Cultural Defense; New technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Territorialidades diversas no território brasileiro..... 23

Figura 02: Principais categorias da análise geográfica..... 24

Figura 03: Concepção de território segundo Raffestin..... 29

Figura 04: Fenomenologia: olhar as experiências através de uma postura científica..... 45

Figura 05: Ilustração da perspectiva fenomenológica de Edmund Husserl..... 50

Figura 06: Ilustração das etapas do método fenomenológico por Husserl..... 51

Figura 07: Ilustração das etapas do método fenomenológico por Heidegger... 54

Figura 08: Etapas da pesquisa bibliográfica..... 59

Figura 09: Etapas da utilização da técnica oral..... 62

Figura 10: Organograma metodológico..... 64

Figura 11: As novas tecnologias oferecidas pelo mundo contemporâneo..... 66

Figuras 12: Diferença ilustrativa do sentido de técnica e tecnologia..... 69

Figura 13: O Processo tecnológico..... 71

Figura 14: As fases da globalização..... 73

Figuras 15: As novas tecnologias como motores da globalização..... 78

Figura 16: Sociedade moderna e a consequência devido ao uso desenfreado das novas tecnologias da informação..... 80

Figuras 17: Ilustração das inúmeras tecnologias disposta a nós atualmente... 82

Figura 18: Gasodá Suruí filmando sua mãe Manganogan Suruí, uma das anciãs da Linha 09, Terra Indígena Sete de Setembro..... 85

Figura 19: Suruí no início do contato, 1969..... 89

Figura 20: Vista de malocas em uma aldeia Paiter, 1970..... 89

Figura 21: Aldeia da Linha 14, em Espigão D´Oeste/RO..... 90

Figura 22: O líder Almir Suruí, eleito pela revista norte-americana "Fast Company" como uma das 100 pessoas mais criativas do mundo..... 95

Figura 23: Almir Suruí em Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, Copenhague, Dinamarca, 2009..... 97

Figura 24: Boas vindas do Povo Indígena Paiter Suruí à equipe Google..... 97

Figura 25: Suruí em treinamento pela Google, 2012..... 98

Figura 26: Comunidade Suruí aprendendo a filmar para divulgar sua cultura..... 99

Figura 27: À esquerda, equipe Google monitorando a T.I. Sete de Setembro de dentro de uma de suas Aldeias; no centro, mapa da T.I. disponibilizada pelo Google Maps; à direita divulgação do mapa nas redes sociais indígenas..... 99

Figura 28: Imagem aérea do centro cultural Paiter filmada através de um drone..... 100

Figura 29: Grupo Wagôh Pakob, Paiter Suruí em apresentação pelo Projeto Sonora Brasil..... 106

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Cacique Urariwe Suruí, da linha 09, Terra Sete de Setembro..... 101

Imagem 02 e 03: À esquerda, roca de fiar algodão, modo tradicional da mulher Suruí confeccionar suas de redes; à direita, a rede confeccionada por Manganogan Suruí, uma das anciãs da linha 09..... 103

Imagem 04 a 07: Ferramentas tradicionais utilizadas pelas mulheres Suruí para confeccionar colares e cocás..... 104

Imagem 08 e 09: Iamadan-pob, do povo indígena Suruí, Terra Sete de Setembro, Cacoal, RO..... 107

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Diferença avaliativa entre ciência e tecnologia..... 70

Quadro 02: Planejamento dos Paiter-Suruí para os próximos 50 anos..... 92

MOSAICO DE IMAGEM

Mosaico 01: Comunidade Suruí nas redes sociais divulgando sua cultura.... 102

Mosaico 02: Alguns dos modernos equipamentos existentes dentro do Centro Cultural Indígena Paiter..... 105

Mosaico 03: Algumas objetos e técnicas tradicionais utilizados pelos Paiter Suruí..... 108

Mosaico 04: A utilização das novas tecnologias pelos Paiter Suruí..... 110

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01: Dados do crescimento demográfico da T.I. Sete de Setembro..... 111

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Terra Indígena Sete de Setembro entre Rondônia e Mato Grosso.... 87

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 16

1. INTRODUÇÃO..... 19

2. O TERRITÓRIO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE PARA O ENTENDIMENTO DA NOSSA REALIDADE: conceitos e debates na ciência geográfica..... 23

2.1 Pressupostos teóricos de território..... 25

2.2 Território e territorialidades indígenas..... 39

3. O MÉTODO FENOMENOLÓGICO: para além da aparência superficial..... 45

3.1 Enfoque metodológico da pesquisa – O surgimento da Fenomenologia..... 48

3.1.1 A fenomenologia por Edmund Husserl..... 48

3.1.2 A fenomenologia por Martin Heidegger..... 52

3.1.3 A fenomenologia por Merleau-Ponty..... 55

3.2 Procedimentos Metodológicas..... 58

3.2.1 A Pesquisa Bibliográfica..... 58

3.2.2 A Fonte Oral..... 60

4. AS NOVAS TECNOLOGIAS E AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO: conceitos, debates e reflexões..... 66

4.1 Origem do termo Tecnologia..... 68

4.2 O mundo Globalizado..... 72

4.2.1 Efeito do mundo globalizado: Benefícios e malefícios..... 79

5. O NOVO ARCO E FLECHA: as novas TICs como salvaguarda dos Paiter Suruí..... 85

5.1 Os Suruí: contexto histórico de lutas e conflitos..... 88

5.2 O Plano de Gestão: em busca do resgate cultural..... 91

5.3 O contato com as novas tecnologias: o novo mundo pede mudanças..... 96

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 114

REFÊRNCIAS..... 117

APRESENTAÇÃO

Sou de Rio Branco Acre extremo ocidental do país, para os daqui um “acreano roxo, do pé rachado”. Terra banhada pelo Rio Acre, que corta a capital dividindo-a em primeiro e segundo distrito de Rio Branco. Sou da terra conquistada na batalha, mas também de inúmeras oportunidades para migrantes internos e externos do Estado e do país, descendentes de cearenses e de outros países que chegaram ao final do século XIX e meados do século XX. Terra que recebeu e acolheu estes, mesmo quando ainda não era espaço brasileiro.

Como eles também passei pelo processo migratório, interno claro, para a princesinha do Acre, Xapurí, capital da borracha, como era assim chamada, ainda no final da década de 1980. Comigo levei os mesmos sonhos de meus passados: de ter uma vida melhor, buscar novas possibilidades, novas oportunidades. Sabia que era ainda mais difícil, e certamente foi. Continuei a trabalhar, como meus pais, avós, tios, porque via no trabalho uma perspectiva de mudança financeira, que sem dúvida não aconteceu, mas isso não era o fundamental. No fundo sentia que o fundamental era mesmo o estudo, sabia que ele me levaria à novas descobertas, do invisível se tornar visível.

Minha vida acadêmica começou tardia, aos quarenta e quatro anos, pois tive que trabalhar muito cedo para ajudar a família e ter minha própria liberdade financeira. Todavia, dentro de mim ardia uma intensa sede de adquirir o conhecimento científico

Foi com este interesse ao estudo que entrei, mesmo que tardiamente, na graduação. Foi uma festa! era a primeiro filho de quatro irmãos a entrar numa faculdade, algo incomum na nossa família. Me dediquei com muito esforço e empenho na graduação de Sistemas de Informação, área que atuava há mais de 15 anos no meu trabalho. Fiz desta porta a grande oportunidade da minha vida. Entretanto, apesar de curioso estava enferrujado nos estudos e, senti o peso da nova jornada. Mas não desisti, concluí dentro do período exigido. Foi neste momento que as “escamas começaram a cair”, porque é isso que o estudo faz, tiram as vendas dos olhos. A entrada no curo superior me propiciou bons frutos e resultados mais que esperados. Os conhecimentos, as experiências adquiridas foram sem tamanho. A participação como voluntário aos programas de atendimento as comunidades vizinhas carentes, foi fundamental para meu crescimento e amadurecimento.

Nesse momento foi onde descobri que existia muito mais coisas há aprender, que ali era a porta. Foi assim que decidi fazer um mestrado, influenciado pelos meus professores que eram mestres e doutores. Também tive a sorte de contar ajuda de minha parceira e esposa Maria Liziane, que naquele momento estava finalizando seu Mestrado em Geografia e que muito me incentivou. Quando decidi encarar mais uma etapa de estudo, ela disse-me: “é incrível, é a sua cara. Você vai se identificar muito, vai sair-se muito bem. Pensa logo em um projeto de pesquisa”. O maior desafio conquistado até agora, a graduação em Sistemas de Informação, o que estava a vir era somente um teste.

Mas, como fazer para unir as áreas de Sistemas da Informação com a Geografia? Pensei, e logo decidi pesquisar as novas tecnologias utilizadas pelos povos indígenas. Bingo! Uni o útil ao agradável. Discutir a inserção das novas tecnologias dentro da Terra Indígena do povo Paiter Suruí foi um casamento que deu muito certo.

Em 2017/2 submeti meu projeto e para minha grata surpresa e alegria fui selecionado para entrevista. Contudo, a pior parte foi o enfrentamento cara a cara com os futuros professores e orientadores do programa, eu não tinha tal experiência. Eu havia acabado de perder minha mãezinha naquela semana, um golpe muito forte. Quando saí daquela sala, no dia da defesa, foi um derramar de lágrimas incontroláveis, senti a presença de minha mãe no local e desmoronei em prantos nos braços da minha esposa e passamos a nos consolarmos, pois era um sonho que minha mãe não veria eu realizar. E para nossa maior surpresa veio o resultado, a conquista de Mestrado. Ninguém da família, nem de primeiro ou de segundo grau havia cursado um mestrado. Mestrado era algo inatingível na família. Todos, ao ouvi o fato ficaram muito felizes em saber que alguém da família faria um Mestrado.

O ingresso no Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado da Fundação Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR me proporcionou momentos tão importantes que tenho a certeza que estes dois anos me valeram (conceitualmente) mais que todos os anos. As disciplinas cursadas (que me desconstruíram por completo), o envolvimento com os Grupos de Pesquisa GEPCultura e GENTH e GEPGenero, as viagens de campo, as viagens para apresentar trabalhos em outros estados, foi sem dúvida, de uma riqueza cultura, conceitual, ideológica incontável. Os professores/amigos, que fiz (Josué, Gracinha)

sou eternamente grato. Estarão sempre em minhas orações, pois, sem me conhecer estenderam suas mãos para me ajudar e acolher. Este Mestrado foi fenomenal para meus conhecimentos, eu realmente precisava me reciclar.

2. INTRODUÇÃO

Desde o contato que os povos indígenas da Amazônia tiveram com os não indígenas, a pressão social, cultural e territorial tem sido enorme. Nos dias atuais essa pressão continua existindo de toda ordem: invasões de terras; desmatamento ilegal por madeireiros; ação de garimpeiros entre tantos outros problemas vigentes que assolam e infelizmente são comuns nas Terras Indígenas.

Diante de tal cenário alguns destes povos têm se levantado, saído da posição de expectadores, colocando-se na posição de enfrentamento e buscado outras e novas formas de cuidar e monitorar as ameaças que rondam seus territórios. São novos meios de gestão e preservação de suas riquezas naturais e culturais que visa entre outros benefícios, também, melhorar sua comunicação com o mundo não indígena. Nesta perspectiva, entra os novos aparatos tecnológicos como ferramenta poderosa para o auxílio de seus projetos.

O contexto desta mudança começa quando estes povos se depararam com o desfacelamento cultural e territorial. Para isso a tecnologia da informação e comunicação entra como suporte primordial na busca de seus anseios. Alguns líderes indígenas, que tiveram acesso à língua e o conhecimento do não indígena, entenderam a necessidade de aprender a manusear suas novas ferramentas tecnológicas para poder usar em benefício de seu povo. São as novas tecnologias que chegam para agregar valor ao universo não indígena, aquilo já conhecido e utilizado pela sociedade não indígena desde o início de sua revolução.

A chamada Revolução da Tecnologia da Informação, também conhecida como Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científica-Informacional, tem seu processo inicial no final do século XIX. Esse foi o princípio daquilo que iria dominar e mudar radicalmente o dia-dia do homem, inclusive dos povos tradicionais da Amazônia brasileira décadas depois. A revolução tecnológica iniciada mais especificamente a partir da década dos anos de 1970 remonta ao final da Segunda Guerra Mundial, e cujo complexo de seu desenvolvimento transcorre durante toda segunda metade do referido século, com potencial para modificar em muitos aspectos da vida cotidiana. Alguns fatos e elementos foram determinantes nesse crescimento:

a tecnologia da informação, a computação e comunicação, quais estão diretamente ligados aos objetos tecnológicos que proporcionaram a esse crescimento uma velocidade nunca vista: microcomputador e rede de Internet. (MANDEL; SIMON & LYRA, 1997).

Nas duas últimas décadas, o mundo tem testemunhado uma invasão dessas novas tecnologias. É quase impossível estar em um dado espaço geográfico e não perceber a presença destas novas ferramentas. Esse fato mudou a rotina de incontáveis pessoas, principalmente àquelas utilizadas para a troca de informação e comunicação mudando drasticamente a quantidade, a qualidade e a velocidade das trocas de informações em todo planeta.

Vivemos em uma era da enxurrada de computadores, eles atuam sob uma ótica tecnológica ultramoderna através de uma teia mundial. Modificando o trabalho e o espaço geográfico do homem em todo mundo. Para Pinto, (2009), todo esse avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), trouxe profundas mudanças nas relações sociais, empresariais, institucionais, políticas, sociais e também culturais, uma vez que a existência dessas tecnologias revoluciona a maneira de se comunicar com povos das regiões mais distantes do planeta.

E assim como em outras regiões do mundo, na Amazônia brasileira as tecnologias também invadiram o dia a dia dos povos indígenas, seja através de um aparelho celular e até mesmo pelos aparelhos sofisticados, que passaram a fazer parte da vida pessoal ou profissional. Costa (2010) reforça que os índios foram atraídos pelos encantos desses aparatos tecnológicos, levado pela proximidade de suas aldeias e/ou sua inserção e convívio com as cidades. Esse contato com as mídias já foi incorporado a várias culturas indígenas.

Um dos motivos desta aliança a essas novas tecnologias segundo Pinto (2009), é a busca através de novas formas de vida, meios para beneficiar seus povos. Longe de ser mero hobbie, estas novas ferramentas causaram impactos em muitas das comunidades indígenas. As TICs tornaram-se para alguns destes povos, objeto de luta, ferramenta para competir com os meios de comunicação e unir povos de vários lugares do Brasil e do mundo. É o desenvolvimento de novos métodos e estratégias de resistências. (ALMEIDA E SILVA, 2015).

Este é o caso do povo indígena Paiter Suruí, situados na Terra Sete de Setembro do município de Cacoal Rondônia. Eles decidiram adotar o que existem de mais moderno na tecnologia do não indígena como forma de melhorar sua comunicação; monitorar as ameaças à floresta e divulgar o plano de gestão de suas riquezas como forma de perpetuar sua cultura.

É partido deste contexto e, entendendo o poder de influência transformadora que exercem estas tecnologias em qualquer tipo de sociedade, indagamo-nos diante tal transformação tecnológica: estas novas tecnologias geraram algum impacto dentro desta TI? Se há existência de algum impacto, é positivo ou negativo? Como é a manifestação destas tecnologias na vida deste povo?

Neste sentido entra o objetivo desta pesquisa, de analisar a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação dentro do Território Indígena dos Paiter Suruí utilizadas como um meio de defesa territorial e cultural.

Como objetivos específicos priorizamos:

- Discuti o território como categoria de análise para o entendimento da realidade amazônica;
- Discorrer sobre as novas tecnologias e suas diferentes interpretações no espaço geográfico;
- Analisar o contexto histórico, lutas e conflitos do povo Paiter Suruí e a inserção das novas TICs nesta Terra Indígena.

Diante dos objetivos específicos apresentamos a estruturação desta Dissertação através das seguintes seções:

Segunda seção: *"O Território como categoria de análise para o entendimento da nossa realidade: conceitos e debates na ciência geográfica"*. Trata-se de uma abordagem teórico-metodológica sobre o conceito de território através das ideias de alguns autores que trabalham a temática, dando ênfase também naquele entendido por território indígena;

Terceira seção: *"O método fenomenológico: para além da aparência superficial"*. A sessão apresenta a parte metodológica detalhando a ordenação e todo passo a passo para a concretização da pesquisa, uma maneira de obter um resultado fundamentado em uma teoria. O método fenomenológico foi escolhido neste estudo

por ajudar a entender as subjetividades das narrativas dos sujeitos selecionados. Também são abordadas as técnicas utilizadas na pesquisa perpassando pela pesquisa bibliográfica e a fonte oral. Estes métodos possuem suas ideologias e posicionamentos epistemológicos quanto ao objeto estudado;

Quarta sessão: *"As novas tecnologias e as diferentes interpretações no espaço geográfico: conceitos, debates e reflexões".* São apresentados os conceitos e origem deste termo, apontando as diversas facetas construídas ao longo da história que constituíram diferentes interpretações para o termo tecnologia.

Quinta seção: *"O novo arco e flecha: as novas TICs como salvaguarda dos Paiter Suruí"*. A sessão apresenta uma discussão sobre a inserção das novas tecnologias utilizadas pelo povo Paiter Suruí como forma de defesa cultural. Também são apresentadas narrativas de líderes indígenas que relatam o porquê da opção destas tecnologias em seu território;

Por fim temos as *"Considerações Finais"*, uma revisita de toda discussão do trabalho, reflexões sobre o objeto da pesquisa, respostas aos nossos questionamentos e apontamentos possíveis para futuras pesquisas.

Posto isto, consideramos ser esta pesquisa pioneira, uma vez que não é comum na geografia, estudos como este existindo uma escassez do debate. Trazer esta discussão representa, portanto, oportunidade de analisar tais questões. Também contribui com relevância para a linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação PPGG/UNIR, "Território e Sociedade na Pan-Amazônia", enriquecendo o debate teórico dentro do Programa.

3. O TERRITÓRIO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE PARA O ENTENDIMENTO DA NOSSA REALIDADE: conceitos e debates na ciência geográfica

O território brasileiro, enorme em extensão e diversidade cultural, é fruto de inúmeros povos colonizadores que aqui aportaram sob uma nação originária que juntos formaram o que hoje conhecemos por nação brasileira. Todavia, compreender o conceito de território, importante para a ciência geográfica, não é tarefa fácil, mas são suas diferentes perspectivas que contribui para o entendimento dos processos humanos de apropriação constituídos no espaço geográfico.

Figura 01: Territorialidades diversas no território brasileiro

Fonte: maissensibilidades.blogspot.com, adaptado por Paulo Cesar B. Pereira, 2020.

A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une.

(Milton Santos)

Nesta perspectiva, a existência geográfica pode ser analisada através de diferentes perspectivas, mais conhecida como categorias geográficas (ver figura 02), que em síntese refere-se à elaboração e utilização de conceitos básicos que orientam a análise do recorte de um determinado fenômeno a ser estudado. Souza (2013), afirma que é pertinente compará-los a ferramentas úteis na edificação do conhecimento. Deste modo, a geografia desenvolve um corpo conceitual, uma linguagem geográfica para um processo de leitura de mundo através de um olhar espacial. Tais categorias tornam-se instrumento de aprendizagem diante de um dado fenômeno analisado.

Figura 02: Principais categorias da análise geográfica

Fonte: Elaborado por Paulo César B. Pereira, 2020.

A figura 02 mostra as diferentes possibilidades para a análise geográfica que existe atualmente. A categoria que mais se destaca é o território, um dos principais e

mais utilizados termos na Geografia, uma vez que está diretamente relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico.

A princípio, esse termo expressa relação de poder e tem sido foco de estudos de profissionais, estudantes ligados a ciência geográfica, e também de outras diferentes áreas, tendo como característica a pluralidade de definições. Todavia, apesar das diversas formas de utilização não tira sua importância, uma vez que ele pode ser uma chave para a adequada compreensão do nosso espaço geográfico.

O objetivo desta seção é fazer um apanhado geral do surgimento, evolução e transformações do conceito sobre território, destacando também aí a concepção sobre territorialidade, embasado pelas diferentes perspectivas de autores que se destacaram por suas contribuições no decorrer da história. No final desta será discutido o conceito de território indígena, qual será nosso objeto de reflexão também nesta sessão.

3.1 Pressupostos teóricos de território

A priori, a concepção de território mais difundida é aquela que nos remete a ideia de uma área sob uma posse, algo delimitado, sob um monopólio, seja de um grupo, pessoa, organização, instituição, ou seja, um espaço gestado em que decorrem relações de poder. Na Geografia, tradicionalmente o conceito de território é usado para estudar as relações entre espaço e poder desenvolvidas pelos Estados, especialmente os Estados nacionais. Contudo, as definições variam conforme a corrente de pensamento ou abordagem adotada e o momento histórico em que ele é concebido. Isso nos levar a refletir que os conceitos podem metamorfosear-se:

> Todo conceito tem uma história, seus elementos e metamorfoses; tem interações entre seus componentes e com outros conceitos; tem um caráter processual e relacional num único movimento do pensamento, com superações; as mudanças significam, ao mesmo tempo, continuidades, ou seja, dês-continuidades (descontinuidade-continuidade-descontinuidade), num único movimento; o novo contém, pois, o velho e este, aquele". (SAQUET, 2007, p.13).

Pela análise deste autor todo conceito está dentro de uma época, um tempo e, por tal motivo pode ser mutável e refutável. Neste sentido, o conceito torna-se um recurso usado em um determinado momento da história, mas que pode ser muito bem

rejeitado posteriormente. É partindo deste entendimento, de que estes conceitos se renovam, e/ou são refutados em diferentes épocas, que propomos neste tópico refletir os conceitos sobre território debatidos por alguns autores no decorrer do tempo.

Um dos primeiros idealizadores da história quanto à sistematização do conceito de território foi o geógrafo e alemão Friedrich Ratzel que vinculou o território ao poder e domínio exercido pelo Estado nacional, de modo que o povo que nele vivesse não se imaginasse sem sua expressão territorial. Além de trazer o debate territorial para a Geografia, Ratzel coloca como necessário à reprodução da sociedade e do Estado. A proposta do autor gera força na Geografia Política e a Antropogeografia[1], sendo ele um dos grandes responsáveis pela humanização destas ciências (GALVÃO E BEZERRIL, 2013).

O objeto geográfico definido por Ratzel foi o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Segundo o entendimento dele, as condições naturais moldariam o caráter humano, refletindo na sociedade tanto em suas posses como na sua cultura. Sendo assim, a natureza delimitaria o homem. Isso justificava sua ideia quando dizia que o homem precisaria utilizar os recursos da natureza para conquistar sua liberdade de modo que, à medida que a sociedade se expande ela necessitaria de mais recursos, e se estes recursos fossem escassos a sociedade não se desenvolvia. Desse pensamento surge o termo “espaço vital”, aquele espaço necessário para a expansão territorial de um povo. (GALVÃO & BEZERRIL, 2013; RATZEL, 1990). Todavia, o contexto histórico do autor reflete muito essa forma de pensar, embasado através do expansionismo nazista alemão em que vivia. Por isso que tempos depois suas ideias foram refutadas por outros autores.

Da geografia Ratzeliana abriu-se outras várias frentes de estudo, hora considerando as imposições naturais e não sociais sobre o homem, e em outras, negando. Atualmente a aplicação deste conceito é bem diferenciada, uma vez que o atual contexto histórico exige novas interpretações, acarretando novos paradigmas, métodos e consequentemente novos problemas. Nesta perspectiva as transformações

---

[1] Ramo da geografia que estuda o homem como agente passivo perante o meio, que segundo o geógrafo Friedrich Ratzel o homem seria fruto deste meio. (grífos nossos).

históricas e epistemológicas proporcionaram a recriação do modo como se vê e se faz ciência, confirmando as ideias de Saquet (2007) de que todo conceito está dentro de uma época.

Nos últimos tempos diferentes autores mergulharam neste debate e se destacaram por suas importantes contribuições. Atualmente o território é entendido por um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, mas que além da conotação política e econômica também é entendido pelo viés cultural, social e natural, como veremos a partir de agora.

Nesta perspectiva, o território vem sendo compreendido através de três vertentes básicas, conforme Haesbaert (1997) apresenta:

A primeira vertente é a "*política e/ou jurídico político",* e refere-se as relações espaço-poder e espaço-poder institucionalizado. É visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, podendo ser ou não relacionado ao poder político do Estado.

A segunda é a vertente "*econômica"*, menos difundida, que traz a uma dimensão espacial das relações econômicas. O território é tratado como fonte de recurso ou é incorporado no embate entre classes sociais ou na relação capital/trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho, afirma o referido autor.

Já a terceira é a "*cultural ou simbólico-cultural"* que prioriza a dimensão simbólica. É mais subjetiva e o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

Diante disso, percebemos as várias perspectivas existentes sobre a concepção de território. Diante tal diversidade, entendemos que é pertinente para esta pesquisa os apontamentos dos principais autores que contribuíram para este conceito a partir, principalmente da década de 1970, diante a imensa relevância que possuem para a ciência geográfica. Essas vertentes são para nós arcabouço teórico que nos ajudam a tratar o estudo desta categoria, interpretando-o de forma mais clara. São como aborda Spósito (2005), "porta de entrada" para a discussão do conceito sobre território. Em vista disso, analisaremos a seguir alguns dos principais autores.

Seguindo o raciocínio das vertentes esquemáticas de Haesbaert (1997), o primeiro que apontamos é o geógrafo suíço Claude Raffestin (1993), que possui uma

abordagem mais política e econômica sobre o conceito de território, primando por um estudo numa perspectiva relacional. Ele, que se contrapôs as ideias naturalistas do pioneiro Ratzel, em suas análises considera as relações de poder, que sobre o Território e a população aparece como o próprio fundamento deste poder. Neste sentido ele relata: “o quadro conceitual de Ratzel é muito amplo e tão naturalista quanto sociológico, mas seria errôneo condená-lo por ter naturalizado a geografia política, algo que às vezes ocorreu”. (RAFFESTIN, 1993, p. 2). É através deste discurso que o autor repensa o conceito de território Ratzeliano e pela Geografia Política Clássica. Nesta perspectiva ele entende como substrato, um palco, preexistente ao território, e afirma que para entender território é preciso antes entender o espaço:

> O espaço é, portanto, anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar.
>
> Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144).

O território é tratado pelo autor como algo posterior ao espaço, ou seja, não existe território sem antes existir um espaço. Isso nos leva a refletir que este território foi algo construído, pensado, planejado por alguém. Somente com a apropriação deste espaço é que ele se tornará um território de fato, pois aí existem as relações de poder que o homem rege. Desse modo, podemos pensar como exemplo o território brasileiro partindo do momento de quando ele foi colonizado. Havia um espaço (descoberto segundo os portugueses, negando os milhares de povos preexistentes) que precisava ser dominado. Seguindo a lógica de raciocínio do autor, este espaço torna-se um território a partir do momento em que há verdadeiramente a “apropriação” (ou invasão) das terras brasileira, pois para ele, quando nos apropriamos de um determinado espaço, estamos de fato territorializando-o. Neste sentido ele ainda acrescenta:

> [...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço.

> Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, 1993, p.144).

Como já citado anteriormente, a fala acima nos revela que o território acontece depois do espaço, isto é, só pode existir um território se antes existir o espaço. Ora, o território é neste sentido para este autor, uma produção do espaço. O território não é o espaço, ele apenas se apoia no espaço. A figura 03 foi elaborada como forma de visualizar esse conceito, de quando fala que o território é um espaço produzido a partir do espaço geográfico, que seria também em outras palavras, o “espaço original” dos homens transformando-se posteriormente um “espaço produzido pelo homem”.

Figura 03: Concepção de território segundo Raffestin

Fonte: Elaborado por Paulo César B. Pereira, 2020.

Quando este autor declara que o território se forma a partir do espaço, ele exala sua preocupação em discernir as duas categorias que antes eram, ou são, vítimas de muita confusão: espaço e território. Para ele a construção do território são relações marcadas pelo poder, de modo que, o Estado detém o poder superior, comandando outros inferiores que interagem com ele. Este poder, exercido através de pessoas ou grupos, seria então, essencial para a compreensão do território. Ele dá ênfase à condição político-administrativa, o território nacional. O território para ele é então, aquele espaço físico onde está situada uma nação. Ele possui delimitações, ordem

jurídica e política, é marcado pela projeção do trabalho humano com suas linhas, limites e fronteiras.

Destaca ainda que o território é cheio de superfícies (tessituras), pontos (nós) e redes. Estes três sistemas permitem a integração e a coesão dos territórios, produzidos por diversos atores (do Estado ao indivíduo), em quaisquer escalas. A produção deste território é composta por símbolos e códigos e possui função ideológica, pois, as diversas representações territoriais foram planejadas por alguém.

Essas tessituras de que trata, difunde a noção de um enquadramento do poder que ele tanto apregoa, definindo fronteiras ou limites e escalas na dinâmica territorial. Já as nodosidades refletem o surgimento de relações de poder dos lugares centrais com as demais localidades. Os atores territoriais, segundo ele estão num quadro espaço-temporal e ocupam uma posição absoluta e relativa no globo terrestre. Portanto, as quadrículas do poder são territoriais e temporais. Neste sentido, quando estes atores se apropriam deste espaço eles os territorializam, pois, tendem a constituir identidades entre ambos.

A territorialidade seria, segundo Raffestin (1993, p.160), “um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”. Ela refletiria a multidimensionalidade do vivido pelos membros de uma coletividade dentro do território, manifestando-se em todas as escalas espaciais e sociais. Seria “a face vivida da face agida do poder” (Raffestin, 1993, p.162). Para ele, territórios e territorialidades são construídos no dia a dia, elas exerceriam aí o peso das relações de poder.

Em síntese, temos na lógica deste teórico, a construção de um território que advém de um espaço geográfico que foi territorializado, onde aí residem relações marcadas pelo poder. O território se apoia no espaço, mas não é o espaço. O poder e o território, apesar da autonomia de cada um, serão tratados conjuntamente no conceito de território pelo autor. A multidimensionalidade vivida pelos agentes do novo espaço apropriado gera aquilo que o autor denomina por territorialidade, ou seja, o poder contido nestas relações.

Outro autor, que a exemplo do anterior, faz uma análise sobre a questão do conceito de território numa abordagem política e econômica é Manuel Correia de Andrade (1995). E assim como em Raffestin, traz a diferença entre território e espaço e, a ideia de poder também é uma constante em suas analises, conforme vemos na fala seguinte:

> O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas. (ANDRADE, 1995, p. 19).

Conforme a citação, o autor aborda o conceito de território na perspectiva do controle administrativo, fiscal, jurídico, político, econômico, efetivo de um espaço. Neste sentido o autor faz a diferença entre espaço e território. Segundo ele, o conceito de território estaria associado à ideia de integração nacional, uma área efetivamente ocupada pela população, pela economia, pela produção, o comércio, os transportes, a fiscalização e é aí, segundo o autor, que as relações capitalistas se fazem presentes no território.

Já o espaço seria algo mais amplo, englobando o território, com áreas vazias que ainda não se territorializaram, ou seja, aquelas que ainda não sofreram uma ocupação humana efetiva e é, todavia, uma área delimitada geograficamente e administrativamente pelas suas fronteiras. (ANDRADE, 1995).

Assim, temos outra abordagem sobre território profundamente política, econômica, de ocupação do espaço e que também está associado à ideia de poder, quer seja ele público, estatal ou das grandes empresas.

Mantendo o raciocínio das vertentes categóricas do conceito territorial, um autor que podemos citar que possui uma vertente nitidamente somente econômica é Caio Prado Júnior (1987). O território é visto por ele como palco de atuações dos acontecimentos econômicos e transformações vivenciadas pela sociedade. Ele utiliza essa vertente econômica para explicar as mudanças dos ciclos econômicos que ocorreram no espaço brasileiro, ou seja, analisa os processos históricos a partir do mundo em que se desenvolveram, elaborando um quadro completo do Brasil Colônia até então traçado, um retrato de um plano geográfico brasileiro.

No Brasil, um dos nomes precursores mais respeitados na Geografia quanto ao conceito do território é Milton Santos. Em suas várias contribuições, Santos (1978), já apontava o homem como um ser produtor que cria técnicas de sua própria sobrevivência, e o capital agiria aí difundindo seu poder de dominação e disseminando suas ideologias. Para, além disso, o Estado teria papel de dominação neste espaço, no qual estão ligadas ao desenvolvimento tecnológico que, é atualmente substituído pela ação das empresas ou firmas mundiais.

Neste sentido são postos em debate a concepção de espaço, a unicidade da técnica, os instrumentos e meio social criados pelo homem no espaço, uma vez que esta técnica faz parte do território e o espaço está sempre em processo. Por isso ele levanta todas às nuances do espaço geográfico, além de relacioná-lo intimamente com seus agentes formadores e influenciadores.

A preocupação de Milton Santos é algo mais profunda, a abordagem do objeto de estudo da geografia, o espaço. Para o autor, falta uma base epistemológica que o discuta e destaca sobre a importância dos elementos na configuração espacial, sobretudo a relação com o tempo e o desenvolvimento e aplicação da técnica, importantes para sua compreensão.

Diante a noção de espaço ele conceitua o território como “lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, 1999, p. 07). Deste modo ele aponta um território com tudo o que está presente, mais o significado que exerce para cada povo, ou seja, ela se expressaria e na sua totalidade:

> O território não é apenas um conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como um território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. (SANTOS, 1999, p. 08).

A fala de Milton Santos está embasada por sua visão de mundo, perante sua crítica aos processos morfológicos da globalização que atuam acentuando e aprofundando desigualdades sócio-espaciais. Neste sentido, sua fala retoma dois conceitos da Geografia: de território e de lugar. Ele propõe que o espaço geográfico

(sinônimo de território usado) seja compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local. Desse modo, o território em si seria o chão mais a identidade, e esta é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. Assim, o território seria “o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 1999, p. 08).

Milton Santos também chama atenção para um novo funcionamento do território, através de horizontalidades (ou seja, lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial) e verticalidades (formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais). Segundo ele, este novo conceito seria indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo presente. O território para Milton Santos seria então, a totalidade destas coisas.

Quanto a terceira e última vertente, sua compreensão exige uma contextualização devido às transformações históricas e epistemológicas do fazer ciência ocorrida nas últimas décadas. Agora temos, não mais somente uma perspectiva política e/ou econômica, mas é incluso também a perspectiva social e cultural. É a chegada de uma abordagem mais subjetiva, simbólica e direcionada aos anseios cognitivos com forte conotação culturalistas.

Esse termo aparece na Europa em fins do século XIX. Sobre esse momento Claval (2001) relata que nessa época discutia-se sobre a identidade da ciência geográfica, uma vez que a Geografia era vista principalmente por um ângulo econômico e histórico. Entretanto, essa nova geografia cultural vai girar em torno de uma cultura material e, referindo-se apenas às transformações que os moradores (residentes e migrantes) causavam na paisagem europeia daquele momento. Mas a própria evolução da ciência geográfica, as novas relações sociais e espaciais advindas da industrialização e das migrações internacionais, fez com que garantisse também as transformações no campo da geografia cultural. Já na segunda metade do século XX o homem é, e não mais a paisagem e o território, o centro das análises, beneficiado pelas diferentes bases filosóficas como a Fenomenologia, o Existencialismo e o Idealismo.

A partir de então o território apresenta-se mais como um conceito de dimensão cultural/simbólica e subjetiva, pois, “é pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre

cultura e espaço" (BONNEMAISON, 2002, p. 101-102). Ou seja, o território só é formado, segundo este autor, porque ali preexistiu uma cultura, a cultura é anterior ao território. Acerca dessas definições, Mesquita (1995) também corrobora e argumenta que o território é um termo bem próximo de nós, pois fala de sujeitos, de vida cotidiana, de sentimentos, de desejos e do próprio lugar.

Observa-se neste sentido, um território analisado por suas subjetividades, pelo abstrato, onde anexam-se nessas análises também a vida cotidiana seus sentimentos, suas vivencias e as experiências aí geradas.

Partindo desse pressuposto, o território é visto agora como o espaço onde os indivíduos se declaram como parte, seja de um lugar ou de uma manifestação, porque se identificam com ele, se realizam, se encontram e se sentem protegidos, podendo se manifestar em diferentes formas, conteúdos e dessa maneira, mais abstrata e talvez mais significativa do que o espaço físico. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma (HAESBAERT, 2004).

Corroborando, Saquet (2003) debate que a atribuição de significados a recortes espaciais pode produzir identidades territoriais específicas realçando um caráter cultural mais subjetivo e simbólico. Nessa ótica é enfatizada, sobretudo, a territorialidade dos indivíduos. Nessa linha de raciocínio Porto-Gonçalves (1992) diz que o território é como um espaço tornado próprio pelos seres que instituem suas identidades coletivas através da prática de geografar a terra.

A visão de Porto-Gonçalves (1992) tem um pano de fundo, é em verdade uma crítica ao sistema-mundo moderno colonial, baseado na colonização da América e na assimétrica relação que a Europa propõe com outras partes do mundo. Para ele, a recuperação do território se dá pela descolonização do pensamento, na quebra de uma abordagem somente pelo viés eurocêntrico. É neste raciocínio que o autor critica a forte influência europeia herdada durante séculos, seja nos costumes, na língua, na moral e/ou na arte, devido ao colonialismo sofrido, colocando a Europa sempre como o centro do mundo. No entendimento dele é necessária a quebra desses paradigmas (SIC).

No ventre dessa proposta contra-hegemônica encontramos nomes como Bernardo M. Fernandes; Rogério Haesbaert; Isabel Castro Henriques, Marcos Aurélio Saquet e Marcelo Lopes de Souza, que vão propor outras e novas formas de entendimento, com um pensar multidimensional e de multiescalaridade do poder no/do território. Esta nova abordagem, crescente nos últimos anos no Brasil, concebe um território também com valor simbólico, da identidade. Ela resgata e valoriza as raízes culturais de diferentes grupos sociais existentes nos territórios.

Dentre estes sustenta que o território é constituído a partir do espaço geográfico, gerado pelas transformações decorrentes das relações sociais no processo de produção deste espaço. Contudo, este território envolve intencionalidade (amplitude de significação conforme as características de ação e poder vinculadas às teorias, métodos e instituições), multidimensionalidade (dimensões sociais, políticas e econômicas) e multiescalaridade (do local ao internacional).

Já Haesbaert (1995, 2004, 2009) um dos geógrafos pioneiros ao realizar uma síntese crítica da teoria espacial moderna e pós-moderna, e a propor a tese da “desterritorialização como mito”, apoiando-se em uma ampla base teórica é um dos autores que se destaca nesta discussão dentro de uma corrente fenomenológica que concebe o território numa dimensão política e cultural, este último dentro de um plano simbólico.

A crítica de Haesbaert (2006a) é para muitos autores que, segundo ele, vislumbrados com a globalização defendem um mundo desterritorializado, desenraizado, móvel, dos fluxos e das redes, principalmente aquele das grandes corporações transnacionais. Por esse motivo ele tece pesada critica a trabalhos que se destacaram dentro desta temática como: Fukuyama e o fim da história; Castells e a sociedade em rede. Ele ainda esclarece que a maioria dos trabalhos que defende a desterritorialização não deixa claro que concepção de território encontra-se por trás desse processo. Para além da ciência geográfica, as outras ciências que hora ou outra promovem “redescobertas” da dimensão geográfica ou espacial da sociedade, afirmando o enfraquecimento ou, no caso do território, seu desaparecimento serve tão somente para demonstrar sua relevância, mas que no fundo são contraditórias (HAESBAERT, 2007).

Nesta perspectiva o território é entendido por ele “como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao espaço vivido” (HAESBAERT, 2004, p. 40). Ele seria a representação das múltiplas manifestações de um determinado espaço apropriado. Neste sentido o território precisaria ser percebido e entendido não simplesmente como um objeto, mas, sobretudo porque ele “é um ato, uma ação” uma vez que “representa tal dimensão enquanto representação, valor simbólico” (HAESBAERT, 2004, p. 50).

Assim como autores antecessores, Haesbaert (2004), também entende que o espaço acontece antes do território, de modo que podem ser construídos, destruídos e reconstruídos em várias escalas, seja espacial ou temporal.

Rogério Haesbaert trabalha o conceito de território dentro de uma perspectiva materialista[2], e idealista e faz uma relação entre a dimensão material com a dimensão das representações contidas no território. Dentro do território ele aponta a noção de territorialidade:

> Todo grupo se define essencialmente pelas relações que estabelece no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam suas práticas sociais [....] a territorialidade vincula os homens ao meio, à terra, ao espaço. (HAESBAERT, 2006, p.93).

Como se vê na fala, a territorialidade expressa-se pelas relações estabelecidas no espaço, seja de forma concreta ou simbólica. A territorialização desses processos pode ser segundo Haesbaert e Machado (2005, p. 91), tanto “de cima para baixo, a partir da ação intencional do Estado ou das grandes empresas quanto de baixo para cima, através das práticas e da significação do espaço efetivamente vivido e representado pelas comunidades”. Entretanto, segundo eles, nem sempre seriam coincidentes em seus limites e propósitos. Neste sentido este primeiro autor aponta que “devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc.” (HAESBAERT, 2007a, p. 22).

---

[2] Apesar da posição materialista do autor, entendemos que suas contribuições são de inteira relevância para o entendimento desta categoria em nossa pesquisa.

Abrindo um breve parêntese para a discussão sobre territorialidade, outro autor que também corrobora para tal conceito é o geógrafo Robert David Sack que nos apresenta seu significado e onde ela ocorre:

> Territorialidade para humanos é poderosa uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através do controle da área. Territórios políticos e propriedades privadas de terra podem ser as formas mais familiares em que a territorialidade ocorre em vários níveis e em numerosos contextos sociais. A territorialidade é utilizada em relacionamentos cotidianos e em organizações complexas. Territorialidade é uma expressão geográfica primaria de poder social. É o meio pelo qual espaço e sociedade estão inter-relacionados. As funções de mudança da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo. (SACK, 2011, p.63).

Assim, conforme a fala do autor a territorialidade tem alto poder estratégico de controle e é utilizada em relacionamentos cotidianos e em organizações complexas. Sua fala se justifica quando defende que, toda definição nunca é perfeitamente completa, então, mais que conhecer o conceito de territorialidade o importante seria, sobretudo de saber o que ela faz, porque é aí que reside o valor de sua definição, segundo SACK, ajudando-nos a indicar importantes efeitos de um fenômeno. A territorialidade envolveria a tentativa de influenciar ou afetar as ações de outros, incluindo não humanos. Neste efeito estaria a importância de ser enfatizado. (SACK, 2011).

Retornando ao conceito de território, Henriques (2003) concebe o conceito através da expressão da identidade e das relações sociais:

> O território define-se por isso, pela relação que sustenta com a história, e que se exprime não só na presença dos espíritos dos antepassados, mas pela cumulação de sinais e marcadores, uns criados pela natureza e reinterpretados pelos homens, os outros provindos do imaginário do indivíduo e da sua sociedade. Um homem define a sua identidade por meio de alguns suportes: primeiro pelo fato de pertencer a uma família, a qual está integrada num clã, numa comunidade, numa ação [....] é a soma das pequenas identidades que autoriza a construção global da identidade, a qual está historicamente ligada a um território. Expulsar os homens de um espaço, condená-los a errar sem-terra e sem território, corresponde a uma condenação à morte, quando mais não seja pela irrupção da anomia. (HENRIQUES, 2003, P.3-4).

Na fala do autor revela-se um entendimento de um território expressado pelas identidades aí existentes. Ele defende que sua ausência pode trazer inúmeras consequências, como a morte, seja física ou cultural, dos vários grupos humanos. Seu

apontamento reflete bem, por exemplo, muitos povos que por diversos motivos foram expropriados de seus territórios ou foram forçados a migrar para outros locais. Este processo acaba por vulnerabilizar ou até perder as identidades destes grupos. Estas identidades que defende o autor são, portanto, base para a perpetuação destes territórios, ou seja, dos vários grupos humanos aí existentes.

Corroborando, Saquet (2007) define o território pelas relações de poder que estão nas famílias, nas universidades, no Estado em suas diferentes e complementares instâncias, nas fábricas, na Igreja, enfim, em nossa vida cotidiana. Segundo ele o território deve ser analisado em suas dimensões sociais como: a economia, a política, a cultura e relações do homem em sociedade, com sua natureza exterior e, reconhecendo sempre a importância do tempo histórico, da coexistência espacial, ou seja, na multiescalaridade, e as des/continuidades definidas pelas redes, relações de poder e identidades.

Já Souza (1995), também como os anteriores traz um território marcado pelas relações do poder que se expressam no espaço, envolvendo a apropriação, a ocupação social e a criação de identidades socioculturais neste espaço. Segundo ele, transformações na história do pensamento geográfico no decorrer dos tempos mudou o conceito de território superando o distanciamento entre a abordagem política e a cultural (de grupos sociais, tribos urbanas), propondo uma perspectiva mais territorial como um campo de forças, uma teia, uma rede de relações sociais que define um limite, uma alteridade entre nós e os outros.

Em suma, temos uma ótica nesta terceira vertente, a percepção culturalista. Ela não extingue as relações de poder, de produção e de controle do espaço, mas agrega em suas analises os sentimentos de pertencimento, de identidade, os espaços de representação, e o enraizamento, interagidos com as demais dimensões do território. É a partir daí que se efetiva as formas particulares de apropriação e de produção do espaço via territorialidade.

Assim, nesta analise categórica bibliográfica e temporal observamos que a concepção de território é discutida para além da dimensão jurídica administrativa, econômica e social, mas agregaram-se nas últimas décadas também os processos de apropriação cultural e simbólica do espaço físico por agentes não estatais (HAESBAERT, 2004). Isso nos revela que os conceitos discutidos e defendidos por

longas datas não estão acabados, mas que podem facilmente ser refutados, reformulados, acrescentados, de acordo com o entendimento do momento vigente. Entretanto, isso não retira seu mérito, sua grande contribuição que exercem para o entendimento da categoria territorial, mas, deixa claro que os diferentes momentos históricos são os agentes condutores destas transformações. O conceito territorial é, portanto, mutante, cada época exigirá sua "verdade", e que facilmente poderá ser refutado no momento seguinte.

Diante os inúmeros e diferentes conceitos já discutidos compreendemos que o território é o resultado de um conjunto de ações humanas, seja ela política, econômica ou cultural. Onde existir ação do homem ali ele estará territorializando-se, pois aí ele realiza suas ações de controle. Chamamos a atenção para a importância nesta questão de compreender que, é no espaço apropriado pelo homem que se desenrolam seus diferentes interesses. O território serve antes de tudo como base para a concretização de suas ações, desejos, impulsos, sonhos, seja de forma concreta ou abstrata. Para isso são necessários dois pilares vitais: o homem e o espaço original.

Entretanto, indagamo-nos nesta pesquisa o fato de nos depararmos com algo ainda mais instigante, o da concepção sobre território indígena, assunto este que será tratado no próximo tópico.

3.2 Território e territorialidades indígenas

O conceito de território e territorialidade indígena possui uma perspectiva diferente daquela abordada pela geografia, de modo que, o indígena vê e entende o mundo por outra perspectiva. Suas relações obedecem a outra ótica, por isso ser mais criterioso o processo de análise e compreensão de tal conceito.

Dessa forma, este debate se dá de modo especifico, pois, conforme aborda Almeida Silva (2015, p.30), o conceito de terra ou território para o indígena envolve "não apenas os aspectos físicos, mas, sobretudo, devido aos aspectos simbólicos e psíquicos[3] composto pelos valores, sentimentos, tramas, apego às tradições e as

[3] Relativo à psique: alma; espírito; mente. Seria a parte da esfera mental ou comportamental do indivíduo. Este estudo tem como percussor Freud que contribuiu com inúmeras analises a cerca deste tema. (GUIMARÃES; CELES, 2007).

relações intrínsecas de cada povo com seu habitat". Certeau (1976) aponta que o universo indígena precisa ser visto através do processo histórico de cada povo indígena, uma vez que seu passado seria um meio para representar uma diferença, sendo o presente de uma situação vivida. Desse fato a diferenciação ocorreria de modo que geraria espaços particulares de resistência e liberdade.

O cerne desta questão está na forma como cada povo indígena percebe o seu mundo, ou seja, como eles concebem seu universo, da forma como estabelecem suas conexões com a terra e os demais componentes existentes nela. Por isso é necessária habilidade para entendermos o modo de vida dos inúmeros e diversos povos existentes, cada um com seu modo de vida e múltiplas relações. (ALMEIDA E SILVA, 2015). Quem justifica essa questão é Ramos (1986, p.11), quando diz que "Não há duas sociedades indígenas iguais. Mesmo quando ocupam zonas ecológicas semelhantes, elas contem suas individualidades, tanto no plano das relações sociais como no campo simbólico". Portanto temos:

> Os conceitos de terra e território – variam de uma sociedade indígena para outra, por dependerem da percepção que cada sociedade tem da terra e do mundo – tendem a se unificar, produzindo uma concepção indígena espontânea de terra como espaço homogêneo, fechado por fronteiras definidas pelo direito nacional geométrico, que distingue duas identidades éticas em oposição: os brancos (fora) e índios (dentro). (SEEGER E VIVEIROS CASTRO, 1979, p.103).

Nesta fala observa-se que devido as diferenças culturais não se pode pensar em uma problemática uniforme do conceito, pois cada povo possui e entende seu mundo de forma especifica. Desse modo, a fala dos autores confirma o alto grau de complexidade que é a discussão do que é território para o indígena ao se expressar por outras lógicas.

Desse modo, terra e território para o indígena é explicado através da cultura, através de uma estruturação sensorial psíquica que possibilita a apreensão e compreensão a partir da subjetividade humana desenvolvida através do mito, da cosmologia, e dos valores do grupo expressados no cotidiano, em suas vivencias e pelo arranjo político exercido pelos membros. (ALMEIDA E SILVA, 2015). Este autor ainda acrescenta que é importante entender que o sentido de terra e território para o indígena tinha outra dimensão, bem diferente da experimentada após o contato. No

correr dos tempos este conceito muda e incorpora outros valores. Nesta perspectiva o conceito sofre mutação e é compreendido atualmente como:

> Uma evolução do conceito de terra que adquiriu os sentidos de limite e de planejamento, porem as representações cosmologias inerente às culturas indígenas não contem a percepção ocidental de território [...] Terra é considerada como mercadoria, convertendo-se em valor de troca. (FARIA, 2003, p.125).

Observa-se uma mudança evolutiva do sentido de território que adquiriu sentido de limites e planejamento. A terra converteu-se em mercadoria. A grande diferença aí são as representações cosmológicas inerentes a cada cultura que traz sentido e importância a cada um de seus territórios, e, sobretudo um olhar que começa de dentro para fora, ou seja, parte do olhar interno, sem a interferência da percepção ocidental.

Faria (2003) defende que estes novos conceitos incorporados pelos indígenas se deram devido à busca pelo processo de autonomia e como estratégia de sobrevivência e perpetuação devido às inúmeras negligencias a que são acometidos. Sobre essa problemática, Sauer e Almeida (2011), apontam sobre o atual contexto Amazônico e seu processo histórico de expropriação das populações tradicionais nas terras da Amazônia brasileira, a exemplo da grilagem de terras públicas, a invasão de terras indígenas, o avanço ilegal sobre áreas de florestas e parques, entre outros, tendo como pano de fundo, sujeitos políticos que contribuem para a construção de projetos de ‘desenvolvimentos econômicos’, social e ambiental da região. Tais conflitos seriam estabelecidos numa relação entre identidade coletiva, afirmação e manutenção de seu território, diferente daquela noção restritiva de imóvel rural. Estes são processos sociais que possibilitariam releituras e desapropriações de valores gerando outras oportunidades para novas perspectivas de vida (SAUER, 2010).

Os autores ainda pontuam que o Estado, ao lidar com estas comunidades tradicionais, concebem estes espaços como “terra” enquanto as comunidades as concebem como “territórios”. Isso nos leva a refletir sobre a dicotomia existente entre as concepções do Estado e as populações tradicionais e originárias, que acarretam disputas ferrenhas e desiguais em um cenário multifacetado e complexo. Em verdade seria este novo posicionamento indígena, uma forma de luta contra a ameaça e invasões de poderosos grupos econômicos.

Neste sentido que entendemos a crítica de Faria (2003) quando afirma que o Estado brasileiro, através da nossa Constituição Federal, cometeu equívoco ao não considerar esses significados socioculturais dos povos indígenas. Para ele isso não é nada mais que um jogo de poder, uma estratégia que atende somente aos interesses do próprio Estado, induzindo-os a acreditar em um conceito que não reflete o verdadeiro sentido de território. Esta estratégia seria a maneira que o Estado teria para atender aos interesses do capital, neutralizando e invisibilizando a presença indígena para a espoliação de suas terras.

Daí, entendemos um pouco do contexto caótico vivenciado por estes indígenas. Ao longo do tempo estes indígenas tiveram que se reorganizar quanto sua forma de apropriação territorial. Conforme destaca Almeida Silva (2015), na passagem da situação colonial para a sociedade nacional tiveram que mudar o modo de encaminhar os seus conflitos entre as sociedades indígenas e não indígenas. Ao longo da história eles foram invisibilizados. Esta invisibilidade os colocou fora das políticas universais e da ação do Estado. Hoje eles viabilizam a defesa de seus territórios ancestrais e da cosmogonia como marcadores territoriais[4]. (ALMEIDA SILVA, 2015),

Diante deste contexto, entendemos que o sentido de controle territorial adquirido não foi à toa, mas, sem dúvida como forma de resistência cultural. Este conceito incorporado pelos indígenas foi utilizado a princípio como instrumento de reivindicação de autonomia ou estratégia de usufruto de uma série de direitos negligenciados. (ALMEIDA SILVA, 2015).

Assim, nos deparamos com novas perspectivas do conceito territorial indígena. Trata-se de um conceito mutante, que ganhou novos adornos como forma de resistência cultural. Frente ao atual modelo que impera e nos rege e a busca constante de assegurar seu espaço, costumes e tradições, foi incorporado o sentido de limite planejado no território, e dentro dele estão contidos os elementos espirituais e cosmogônicos de cada povo. O mais original nesta perspectiva é que aí não contem a percepção ocidental de território, ou seja, ele é concebido a partir de cada percepção

---

[4] De acordo com Almeida Silva (2015), são experiências, vivencias, sentidos, sentimentos, percepção, espiritualidade, significados, formas, representação simbólica e presentificação que permitem a qualificação do espaço e do território como dimensões das relações do espaço de ação. Na coletividade indígena são vinculados a cosmologia e ancestralidade como atributos indispensáveis, uma vez que ocorre diretamente com a terra e com os fenômenos que sustentam seu modo de vida.

de um povo. Isso revela um novo conceito, um território subjetivo próprio. Subjetivo porque é como eles abstraem e entendem o seu mundo, é próprio, porque é a concepção peculiar de cada povo existente na Amazônia.

Quanto à territorialidade indígena Almeida Silva (2015, p.23), aponta que ela está relacionada “à compreensão que o indígena tem de seu universo, onde estabelece conexões com a terra e com os demais componentes existentes nela”. Por isso é necessário compreender que os símbolos, a mitologia, o espaço/território são indissociáveis para os indígenas, uma vez que eles funcionam como um sistema que se integra de forma interdependente, acrescenta o autor. A territorialidade é, portanto, as vivencias e experiências estabelecidas dentro de seu território.

Dessa forma, não há como refletir sobre um dado povo indígena sem analisar tais questões. Não há como ter um olhar singular, pequeno sobre esse universo tão amplo, complexo e distinto que é dos povos tradicionais da Amazônia brasileira. É necessário, portanto, superar as narrativas coloniais postas a nós e perceber que há algo para além dos discursos superficiais. É importante superar neste sentido, as vedações conceituais pré-estabelecidas que invisibilizam os processos próprios dos territórios indígenas. Agir dessa forma é poder analisar este fenômeno em sua profundidade da forma como eles realmente são.

Nesta sessão trouxemos a proposta de analisar o conceito de território, como dimensão das relações de poder, produção, controle, uso apropriação do espaço pela ação da sociedade, na transição paradigmática da modernidade para a pós-modernidade, com destaque para a contribuição da geografia brasileira nesse cenário. Como já enfatizado, o território é a expressão do espaço produzido/consumido. Por isso, indissociavelmente, suas dimensões são: economia, política, cultura e natureza. Essas dimensões redefinem o complexo jogo relacional da sociedade no seu espaço. Para os povos indígenas a concepção de terra vai muito além daqueles concebidos pelo Estado, pois atuam principalmente no entendimento de preservar seus costumes e tradições, contendo aí as concepções espirituais e cosmogônicos de cada povo indígena.

Salienta-se, todavia, que tais conceitos aqui abordados são pesquisa de uma parte temporal e de um determinado espaço geográfico, não estando, portanto, acabados pois, assim se processa a ciência, pelas suas constantes metamorfoses.

Mas, neste momento, estes conceitos foram para nós ferramentas indispensáveis no debate analítico e contextual desta categoria geográfica.

4. O MÉTODO FENOMENOLÓGICO: para além da aparência superficial

Para desenvolver uma pesquisa científica a parte metodológica torna-se ponto determinante. Assim como para qualquer área do conhecimento cientifico, na Geografia esta etapa foi suporte e ordenação na execução desta pesquisa onde optamos pelo método fenomenológico que valoriza a experiência das coisas.

Figura 04: Fenomenologia: olhar as experiências através de uma postura científica

Fonte: figuras google, adapatado por Paulo Caesar B. Pereira, 2020.

“Toda consciência é consciência perceptiva”

(Merleau-Ponty)

Nesta sessão apresentaremos o processo metodológico adotado para produção desta pesquisa, destacando a escolha do método, assim como as técnicas utilizadas e suas contribuições para a geografia.

A pesquisa nos fez percorrer por alguns caminhos, uns com maior grau de dificuldade outros menos. A princípio, esperávamos desenvolver uma pesquisa de modo “normal” como em qualquer outro tipo de pesquisa cientifica. No entanto, alguns caminhos nos trouxeram momentos árduos, no decorrer dos meses e anos dedicados. Primeiro pelo fato de ser uma pesquisa pioneira na Geografia (o que nos traz imensa responsabilidade e gratidão ao mesmo tempo) e também rara nas outras áreas da ciência. Depois pela escassez teórica no assunto, ampliando ainda mais a margem de dificuldade para o embasamento teórico da nossa pesquisa. Acreditamos ser este último o ponto de desafio maior vivido para desenvolver esta pesquisa. Também enfrentamos as barreiras físicas, visto que se trata de um discente morador do estado do Acre e o campo de pesquisa encontra-se localizado nas divisas entre os estados de Rondônia e Mato Grasso. Foram duas viagens em anos diferentes.

Ao abraçamos a responsabilidade frente ao desafio de alcançar o objetivo proposto superamos todos os limites que surgiram nestes dois anos, tanto físico (distância do campo de pesquisa) como teórico (escassez teórica). Trabalhar as novas tecnologias da informação dentro de uma Terra Indígena foi engrandecedor. As duas viagens à Terra foram muito construtivas. A recepção do povo indígena Paiter Suruí foi excelente, e os dias tornaram-se aprendizado, um “descascar” dos conhecimentos pré-concebidos. Uma etapa de cunho revelador e amadurecedor.

Isto posto, abordaremos a partir de agora a metodologia desta pesquisa. No entanto entendemos a necessidade de discorrer alguns conceitos.

Partiremos do termo Metodologia, que significa “[...] estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência” (DEMO, 1995, p. 11). Para o autor citado, a metodologia instrumentaliza os procedimentos tomados na pesquisa, possibilita o acesso aos caminhos do processo científico. Além disso, ela também visa promover questionamentos acerca dos limites da ciência sob os aspectos da capacidade de conhecer e de interferir na realidade. Neste raciocínio temos:

> [...] refere-se ao processo de produção do próprio conhecimento científico, atividade epistemológica de apreensão do real; ao mesmo tempo, refere-se igualmente ao conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do estudante [...] (SEVERINO, 2007, p. 17-18).

O processo metodológico seria, a partir dessas análises, todo o exercício atravessado por uma produção da uma ciência, caracterizado na maneira de como obter um resultado fundamentado através da reflexão de uma dada teoria.

Entretanto, ao se iniciar um estudo, nem sempre o método escolhido previamente contribuirá para aquela pesquisa, mudando-se por vezes, de acordo com a condução da investigação. Sobre essa observação Morin (2005, p.36) arrisca dizer que “o método só pode se construir durante a pesquisa, ele pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método”. Partindo dessas ideias verifica-se que é durante a fase da pesquisa que entendemos e descobrimos realmente qual o melhor método a ser utilizado. Acrescenta-se ainda que o conjunto destes procedimentos definidos antes ou durante a pesquisa precisa estar adequado e compatível com os objetivos previamente propostos.

O procedimento metodológico como coloca Andrade e Schmidt (2015), é a base da pesquisa. É preciso ter clareza e distinção entre os procedimentos para que eles se tornem eficazes podendo o pesquisador optar por um ou até mais métodos, se assim couber e o achar melhor. Verifica-se desse modo que, como todo trabalho de rotina, a pesquisa científica é executada por uma série de procedimentos, etapas que se correlacionam, ou seja, comunicam-se umas com as outras até o resultado do fenômeno analisado.

Nestes dois anos de pesquisa passamos por todas etapas necessárias, teórica e prática, e no final chegamos a um entendimento sobre o questionamento de nossa pesquisa. Isso só nos foi possível por causa do rigor cientifico que adotamos. Foi fundamental neste percurso o conhecimento do método e das técnicas que iríamos adotar. Também descobrimos que na gestão de uma pesquisa os fatos podem sofrer alterações derivadas da dinâmica da própria realidade, diferente do que fora estabelecido previamente. Por esse motivo, o método e as técnicas também podem ser alterados (e foram), adequando-se às circunstâncias do fenômeno.

Por isso tivemos o cuidado de adotar uma só linha de pensamento. A clareza nestas etapas foi pelo fato de entender que o novo conhecimento produzido por esta pesquisa poderá ter peso no pensamento de outras gerações.

4.1 Enfoque metodológico da pesquisa – O surgimento da Fenomenologia

Nos anos finais do século XIX e início do século XX surge na Alemanha a fenomenologia, um método que viria exercer grande influência no meio acadêmico, sobretudo para as ciências humanas como um subsidio metodológico que busca a autorreflexão crítica, colocando mais rigor nas investigações e compreensão da realidade. Esta filosofia, idealizada por Edmund Husserl caracteriza-se por ser um método vasto, denso e exige certo esforço em sua interpretação. (GOMES, 1996).

A etimologia da palavra é definida por alguns filósofos como “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição” (ABBAGNANO, 2000, p. 437), em outras palavras seria o estudo ou a ciência dos fenômenos. Ela foi fundada pelo filósofo, astrônomo e matemático Edmund Husserl, muito influenciado pelas ideias de Platão e Descartes. Ele é considerado o “pai” deste método e da compreensão da pessoa humana. Inspirado em Descartes ele buscava libertar a filosofia da dúvida, por isso buscava encontrar a certeza das coisas. Apesar de não ter sido ele o criador do termo, é somente a partir de suas obras que este método se consolidará. (ZILLES, 2008).

Do pensamento husserliano surgiram importantes discípulos que contribuíram no decorrer dos tempos para a compreensão deste método e dentre estes optamos por citar: Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, os quais abordamos neste tópico, partindo de seu mentor, Edmund Husserl.

4.1.1 A fenomenologia por Edmund Husserl

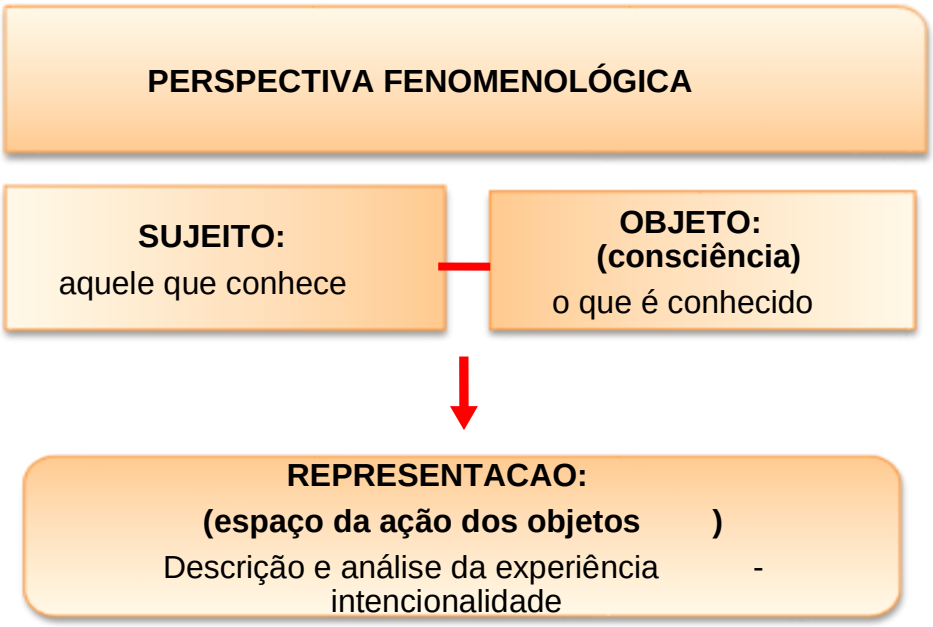
Edmund Husserl apresenta um método de investigação que possui o propósito de apreender o fenômeno, uma forma inovadora e rigorosa de pensar. Sua ideia é “ir ao encontro das coisas em si mesmas” (HUSSERL, 1989, p. 17). Como matemático e seu apego pelo rigor metodológico, a nova forma de investigar não seria diferente, de

modo que queria dar à filosofia o mesmo rigor metodológico conferido à ciência, então, “enquanto a ciência positivista restringe seu campo de análise ao experimental, a fenomenologia abre-se a regiões veladas para esse método, buscando uma análise compreensiva e não explicativa dos fenômenos” (LAPORTE e VOLPE, 2009, p. 52). Husserl partia da premissa que a instabilidade dos dados da empiria não forneceria um rigor necessário à investigação filosófica. Desse modo, a fenomenologia precisaria ser uma análise compreensiva da consciência, uma vez que todas as vivências do mundo se dão na e pela consciência, “toda consciência é consciência de algo” (FRAGATA, 1959, p. 130). O ponto de partida de Husserl seria então, a análise dos fenômenos no âmbito da consciência, no intuito de apreender as coisas como elas são. Esta consciência, vinculada à noção de intencionalidade, seria então para ele a consciência de alguma coisa. Assim, a intencionalidade assumiria o lugar de uma certeza clara e distinta, marca fundamental da consciência, uma vez que ela estaria o tempo todo voltada para fora de si.

A abordagem de Husserl propunha nada mais que olhar para nossas experiências através de uma postura científica, uma vez que, segundo o método, tudo o que é real é fenômeno e aí estaria a essência das coisas. Aí estaria o caminho autêntico da atividade filosófica, que parte do Eu, das vivências do ego, pois ele não acreditava em uma realidade inacessível. Portanto, o método consistiria no acesso ao campo da consciência, para então submetê-lo à análise (ZILLES, 2008). Essa abordagem marcou a história da filosofia porque ofereceu um modo de pensar todos os tipos de realidade.

Partindo deste pressuposto Husserl interpretaria o fenômeno (Sujeito - aquele que conhece) através da manifestação da realidade (Objeto - o que é conhecido) captando a essência pura de algo, (representação), conforme demonstra figura (05) meramente criada para ilustrar esta perspectiva.

Figura 05: Ilustração da perspectiva fenomenológica de Edmund Husserl



Fonte: elaborado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

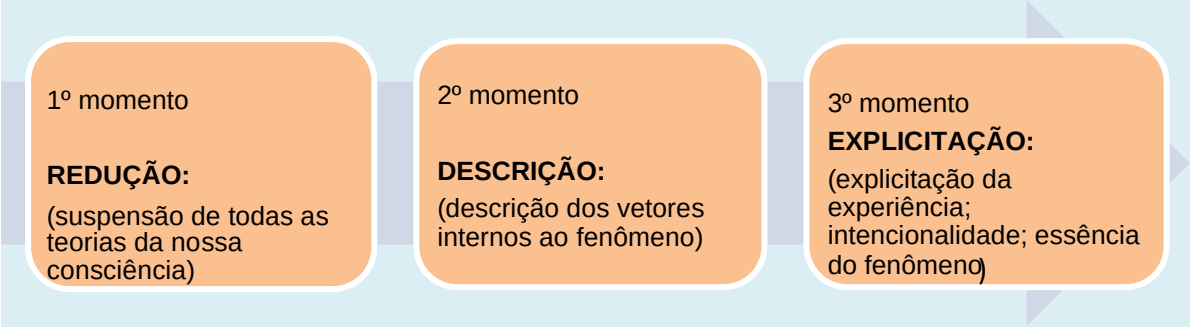
Como se observa na figura 05, Husserl não prioriza nem o sujeito nem o objeto, mas, a indissocialização de um aspecto e outro na estrutura da vivencia da experiência intencional. Em outras palavras, é a construção de um método subjetivo para alcançar o mundo objetivo, empírico. O “transcender de si mesmo” romperia o pressuposto de que é o sujeito que posiciona as coisas ou de que as coisas existem independentemente da consciência. A fenomenologia seria nesta ótica, puramente descritiva, mostrada pelos sentidos, à luz das experiências e de como estas são percebidas no mundo. Então, para se, chegar a este fim seria necessário passar por algumas etapas:

> [....] na investigação da consciência, pode-se observar os seguintes momentos: 1- redução fenomenológica em que o investigador suspende, de início, todas as teorias acerca da consciência, seja essa teoria empírica ou logicamente fundada. Ao suprimir as perspectivas naturalizantes, Husserl assume uma postura antinatural frente ao fenômeno; 2- descrição dos vetores internos ao fenômeno, na medida em que o investigador acompanha a própria constituição da consciência em ato e 3 - explicitação da experiência, alcançando, assim, a sua essência, ou seja, no caso da consciência, a intencionalidade. Logo, nas *Investigações lógicas* (1901/2007), Husserl, utilizando o método fenomenológico para investigar o fenômeno da consciência, alcança a essência desse fenômeno, a intencionalidade como espaço de dação dos objetos – fenômeno, e concebe a consciência

> intencional como síntese incessante do fluxo temporal das experiências. (FEIJOO & MATTAR, 2014, p.443)

Como vemos nesta fala, para se investigar o fenômeno da consciência era necessário antes de tudo, suspender todas as teorias acerca da consciência através de uma postura antinatural frente ao fenômeno. Depois, o alcance do fenômeno era através do exercício do pensamento, com a descrição da consciência. No terceiro momento entra a explicitação do fenômeno, da experiência, o que ele chama de intencionalidade, onde se encontra a essência deste fenômeno. Então, a redução, a descrição e a explicitação seriam etapas fundamentais do método fenomenológico para se chegar à análise de um dado fenômeno. A seguir elaboramos uma figura para ilustrar estas etapas.

Figura 06: Ilustração das etapas do método fenomenológico por Husserl



Fonte: elaborado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

A figura 06 mostra os três passos elaborados por Husserl que através do método fenomenológico poderia chegar à conclusão de um dado fenômeno analisado. Ao se abstrair das pré-concepções já concebida na nossa consciência era necessário à descrição dos vetores internos tal qual como ele é, para assim poder chegar ao último momento, o terceiro passo. A intencionalidade última etapa deste método, diz respeito ao transcender de si mesmo. É neste momento que haverá a explicitação pura do fenômeno, pois foi um caminho livre das teorias já pré-concebidas da consciência. Aí moraria a essência do método fenomenológico.

O método de Husserl constitui-se desse modo, como uma forma de acompanhar o fenômeno da consciência em seu campo demonstração para que o mesmo aparecesse em sua essencialidade. É uma forma rigorosa que propõe a

observação e descrição previas do fenômeno sem seus pré-juízos ou pré-conceitos, para que dessa forma fosse possível interpretar aquilo que se mostra como tal.

Seu projeto influenciará de forma marcante os sucessores deste método nas ciências humanas, como é o caso de Heidegger, um dos principais nomes que dará continuidade na análise deste método.

4.1.2 A fenomenologia por Martin Heidegger

A ideia de Husserl ao realizar um idealismo transcendental como fundamento da razão vai deixar brechas para que seu aluno Martin Heidegger pense diferente. Em solo francês, Heidegger não acreditava que o fenômeno se mostre diretamente, como afirmava seu mentor, mas, que o mesmo se mantém velado frente ao que se mostra.

Então ele vai propor algo diferente, e a consciência é o foco de sua questão.

Nessa perspectiva, ele investigará o fenômeno na medianidade cotidiana, como ela se mostra no seu campo de ação. Em seus estudos primeiros, no início do século XX ele trará sua visão sobre como se caracteriza a fenomenologia:

> O princípio é que nós podemos investigar e desenvolver os objetos da filosofia justamente no modo em que eles aparecem. Assim, a tendência a pesar as questões reais em si mesmas, para liberá-las de pressuposições, cobertas pela tradição, e questões impensadas sobrecarregadas de pressuposições. Essa é a confiança própria da fenomenologia: ir para as questões reais elas mesmas. Um simples ‘fenômeno’ significa um objeto dado de investigação filosófica tal como ele é apreendido com a intenção de compreendê-lo tal como ele é. Então, num certo sentido, a palavra ‘fenômeno’ sempre implica uma tarefa: negativamente, uma proteção contra pressuposições e prejulgamentos; positivamente, assegurar que a análise do chamado fenômeno deve ficar claro consigo sobre quais pressuposições ele traz aos objetos da filosofia. Por último, podemos mostrar que ninguém pode seguir sem tal pressuposição e, por isso, que a crítica do ato essencial de pressupor é um elemento essencial da pesquisa filosófica (HEIDEGGER, 2010, p. 28).

Percebe-se que apesar de estar inserido nos moldes fenomenológicos Heidegger envereda-se a um pensamento ontológico. Seu ponto de partida é a questão sobre o sentido do “ser do ente”. Partindo desta interpretação a fenomenologia toma outra direção ao entender que algo sempre permanece velado, encoberto como verifica-se na citação seguinte:

> A fenomenologia é o modo-de-acesso ao que deve se tornar da ontologia por determinação demonstrativa. *A ontologia só é possível como fenomenologia*. O conceito fenomenológico de fenômeno designa, como o que se mostra, o ser do ente, seu sentido, suas modificações e derivados, e o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer, nem também algo assim como o aparecer. O ser do ente é o que menos pode ser concebido como algo 'atrás' do qual ainda haveria algo que 'não aparece' (HEIDEGGER, 2012b, p. 123).

Heidegger estava certo que era necessário superar algumas dúvidas. Então ele busca explicar o que é a fenomenologia, e partir da análise de dois termos que compõem o conceito: fenômeno e logos. Segundo ele, a palavra Fenômeno teria dois sentidos, "fenômeno – o mostrar-se-em-si mesmo – significa um modo assinalado de algo vir-de-encontro" (HEIDEGGER, 2012b, p. 109), ou seja, significa algo que se mostra, algo manifesto visível em si mesmo.

É justamente no conceito desta palavra que ele vai colocar sua questão, pois, conforme suas analises o que se mostra não é o mais óbvio, mas, é algo que ainda permanece oculto e que fica muitas vezes esquecido: o ser do ente. E ocultar-se não significa que há algo atrás do fenômeno, e sim oculto no próprio fenômeno: sua essência. (MANZI, 2016).

Quanto ao conceito Logos, é concebido como aquilo que se discorre no discurso, "[...] o dito no discurso deve ser extraído daquilo sobre o que se discorre de tal maneira que a comunicação por discurso torne manifesto no dito e, assim, acessível ao outro aquilo sobre o que se discorre" (HEIDEGGER, 2012b, p. 115). O dito seria, portanto, o discorrer em palavras o que se faz ver.

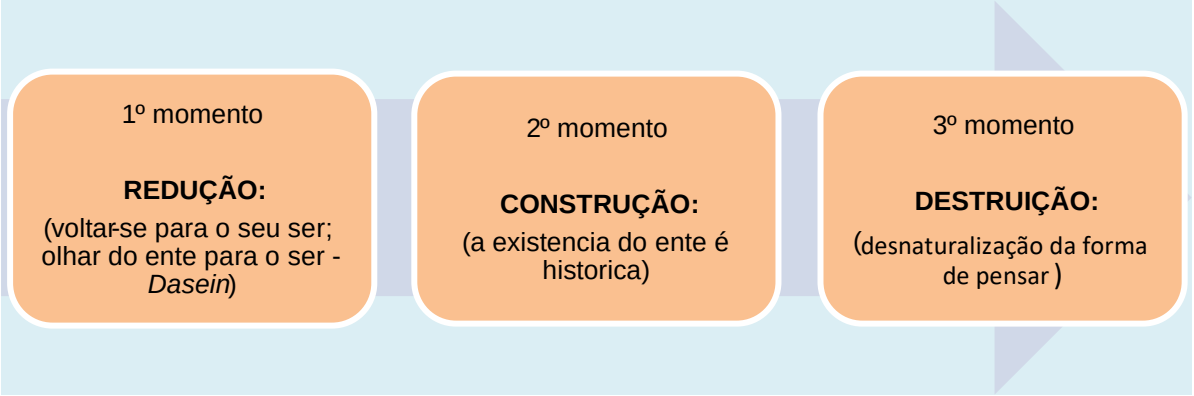
A palavra analise, designaria a decomposição do ser-o-aí [*Dasein*] em suas estruturas ontológicas para Heidegger. Assim a análise fenomenológica, no sentido originário tanto de phainomenon quanto de logos, seria fundamentalmente verbo, discurso. O logos seria aquilo de que fala o discurso (GIACOIA, 2013). Desse modo, a fenomenologia seria aquilo que se faz ver a partir da coisa mesma. Seria sinônimo da concepção de "voltar às coisas elas mesmas". Ao alcançar a explicitação da experiência, qual concebia por Dasein, chegaria à estrutura mais original da intencionalidade.

Nota-se que nas analise de Heidegger, e ao contrário de Husserl, ele considera o ser homem de modo geral como Dasein, diferente do homem como subjetividade e como consciência do eu transcendental. Ainda afirma que a fenomenologia de Husserl

permanece fenomenologia da consciência, impedindo a visão clara da hermenêutica fenomenológica do Dasein, necessitando de uma discussão especial, uma vez que é assinalada pela pergunta da relação fundamental entre ser-no-mundo como Dasein e intencionalidade da consciência. Todavia, a fenomenologia de Husserl ainda se encontraria na tradição moderna, com o objetivo de descrever a consciência, segundo ele. (HEIDEGGER, 2001).

Heidegger vai considerar neste sentido, o mundo como horizonte histórico de sentidos e, que é este mundo que torna possível que algo se mostre como algo pela experiência fenomenológica. Daí, a exemplo de seu mentor, também constitui três componentes fundamentais, enquanto método, para a fenomenologia: a redução, a construção e a destruição. (HEIDEGGER, 2001).

Figura 07: Ilustração das etapas do método fenomenológico por Heidegger



Fonte: elaborado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

Conforme figura 07, a redução fenomenológica compreendia um olhar do ente voltado para si mesmo e toda investigação ontológica só seria acessível por este caminho, o que ele nomeava por Dasein. Quanto à construção, segunda etapa do caminho metodológico de Heidegger, seria a projeção do Dasein, em vista do seu ser e às suas estruturas. (MANZI, 216). Portanto, toda construção se daria historicamente, uma vez que é própria deste ente, sua historicidade: “como o ser-aí [*Dasein*] é histórico em sua própria existência, as possibilidades de acesso e os modos de interpretação dos entes são eles mesmos diversos, variando em conjunturas históricas diferentes” (HEIDEGGER, 2012b, p. 5).

Por último, sendo o Dasein um ente histórico, seria necessária a desnaturalização da forma de pensar, uma crítica aos conceitos da história da filosofia, qual ele julgava que precisava ser desencobertos, “a construção da filosofia é necessariamente destruição, isto é, uma desconstrução daquilo que foi legado, realizada em meio a um retrocesso historiográfico à tradição” (HEIDEGGER, 2012b, p.5). Ele acreditava que é a partir da história da filosofia que se constrói algo novo, que se descobre o que estava velado ou mesmo impensado.

Apesar de Heidegger não ignorar a questão da consciência que apregoava Husserl, ele vai concebê-la de outra forma ao insistir nos modos-de-ser do Dasein (ser-aí) na tentativa de desvelar o sentido do ser em geral, que com Merleau-Ponty também tomou seus próprios caminhos, apesar da influência de Husserl que discorreremos logo a seguir.

4.1.3 A fenomenologia por Merleau-Ponty

O filósofo francês Merleau-Ponty também teve grande influência de Husserl. Todavia, assim como Heidegger, também criou seus próprios caminhos para compreender este método, indo de encontro à teoria do conhecimento intencional e fundamentando sua teoria no comportamento corporal e na percepção.

Os estudos de Merleau-Ponty foram baseados na construção teórica do comportamento corporal e na captação de impressões dos sentidos, pois acreditava que o organismo humano seria como uma configuração integral a ser explorada. Desse modo, era necessário considerar o organismo como um todo para se descobrir o que se seguirá a um dado conjunto de estímulos. (CARMO, 2000). Assim ele se debruçará sobre uma fenomenologia que é, sobretudo, do corpo.

O esforço de Ponty será para romper as dicotomias da tradição filosófica que separava corpo e mente, pois, acreditava que nunca estiveram separados. O corpo seria então o meio pelo qual temos acesso ao mundo e podemos percebê-lo, “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.122). Dessa forma, o corpo não seria apenas uma

condição para a percepção, mas sobretudo, o modo pelo qual temos acesso ao mundo, e a mente não estaria, portanto, separado dele.

A Fenomenologia da Percepção seria a visão fenomenológica do homem no seu mundo, juntamente com todos seus acontecimentos, aberto aos fatores existenciais. A percepção seria o fundo sobre o qual todos os atos se destacam, sendo pressuposta por eles. Já o ‘cogito’ seria o pensamento de fato e ser-no-mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999). Nos apontamentos de Müller, (2001), o cogito seria um poder de coincidência com o outro compreendido através do corpo pois, cada um de nós teríamos no próprio corpo um saber daquilo que se exprime, por meio do corpo de outrem. Seria um saber anônimo de mim e de outrem. Partindo dessa premissa, ao reconhecer o pensamento como um fato e compreendê-lo como “ser no mundo”, estaríamos falando de experiências vividas. Desse modo, o homem pensaria sempre a partir daquilo que ele é. (MERLEAU-PONTY, 1999). Merleau-Ponty estabelece com essa ideia a quebra do dualismo cartesiano (divisão entre sujeito e objeto), sua fenomenologia é ancorada na defesa de uma fenomenologia da consciência incorporada.

Partindo dessa analise a percepção unificaria as funções motoras e afetivas revelando a importância de se voltar para a existência, “[...] é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha” (MERLEAU-PONTY, 1990, p.93), e ainda aponta que “a consciência jamais é plena, mas está sempre por fazer, ou seja, por realizar na existência” (MERLEAUPONTY, 1990, p.341). Nota-se nestas falas que o autor tira a importância, anteriormente dada à consciência no estudo psicológico e o dá agora ao corpo e a existência. Existe aí um corpo que possui uma história de relação com o seu mundo.

Nesta perspectiva Merleau-Ponty traz o homem para o centro do debate, através daquilo que é percebido com seu corpo. É um olhar por um ângulo novo sobre o universo que o envolve. A base deste novo conhecimento está na capacidade de perceber o que nos cerca, o que foi captado pelos sentidos. Neste sentido, o contexto histórico do homem é fundamental para a explicação e significação das coisas. Aí, cada ser seria visto como uma fração de mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

A base dos estudos de Merleau-Ponty estava pautada, portanto, na maneira como se porta o corpo e na captação de impressões dos sentidos. Acreditava que o organismo seria uma configuração integral a ser explorada, e isso possibilitaria aos estudiosos entenderem o que se passa depois que é submetido a inúmeros estímulos (CARMO, 2000).

Assim, temos um método que traz o homem para o centro do debate e a possibilidade da compreensão do que é ser uma pessoa humana. Bello (2014) em uma reflexão acerca do significado da fenomenologia aponta que, o que difere a pessoa humana dos demais seres é a consciência das indagações realizadas por nós mesmos enquanto seres viventes. Ele faz uma comparação entre nós e uma planta. Segundo ele, a planta, apesar de ter um corpo que é tátil, uma alma (que vira-se ao sol a procura de iluminação para sua fotossíntese), ainda assim, não possui um espírito que indaga o que ela é, o que ela representa, o que ela sente. Portanto, essa seria a principal diferença entre nós, pois, somos questionadores do que somos e das ações que temos diante do mundo ao redor. Isso justificaria dizer que a fenomenologia não é trivial.

A fenomenologia seria dessa forma a tentativa de descrição direta de nossa experiência tal qual como ela é, de nós mesmos, no mundo vivido e na relação espaço-tempo. Ela possibilitaria a interação entre o pesquisador e pesquisado nas atividades com existência de uma empatia, fazendo com que o vivido e experienciado pelo pesquisado passe a ser vivido e experienciado pelo pesquisador, ocorrendo uma compreensão verdadeira e por completa do outro. Por isso, Merleau-Ponty, (1999) ao contrário da ciência moderna que faz dicotomia entre objetivo e subjetivo, ou seja, entre sujeito e objeto, propõe um rompimento com essas dicotomias (apesar de entender que elas nunca estiveram separadas), no objetivo de reaproximar o sujeito do objeto pois, o sujeito enquanto pesquisador, precisa se voltar para ele mesmo, que seria o *retorno às coisas mesmas*, e encarar essas coisas como realmente elas são. Nesta nova perspectiva de abordagem Merleau-Ponty se torna referência para os estudos geográficos baseados numa visão humanística e perceptiva.

Neste sentido, para as análises do nosso objeto de pesquisa o método fenomenológico permitiu vivenciar e experienciar um dos povos originários do Brasil, os Paiter Suruí, uma vez que foi dado ênfase ao mundo da sua vida cotidiana,

penetrando em seu significado e contexto. Nossa compreensão desenvolveu-se através da percepção dos relatos de cada um dos que nos concedeu entrevista e das vivencias experimentadas nos dias que ficamos durante as duas viagens realizadas à esta Terra Indígena. A opção pela fenomenologia, foi justamente por entender que seria o método mais adequado para análise e compreensão do nosso objeto: as tecnologias utilizadas pelo povo indígena Paiter Suruí, por ele contemplar as percepções, as subjetividades e experiências.

Neste sentido, poder colocar-se no lugar “do outro”, saber das suas experiencias, das suas histórias, conhecendo sua cultura, seu modo de vida, compartilhando um pouco de como é seu dia-dia durante a fase da pesquisa de campo, foi mergulhar no mundo fenomenológico, na subjetividade da questão. Sujeito e objeto juntos para a interpretação do fenômeno, ou seja, a descrição direta da experiência tal qual como ela é. Foi na aposta destas percepções que vivenciamos a fenomenologia.

4.2 Procedimentos Metodológicas

Para concretizarmos nossa pesquisa em campo foi necessário o uso de algumas técnicas, mais conhecidas como ferramentas metodológicas. Neste tópico abordaremos sobre a utilização de duas técnicas fundamentais: A Pesquisa Bibliográfica e a Fonte/Memória Oral.

As técnicas escolhidas neste estudo são de abordagem qualitativa, com destaque às percepções inerentes ao ser humano através de uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo, as quais, será discutida com mais detalhes nos próximos tópicos.

4.2.1 A Pesquisa Bibliográfica

As técnicas utilizadas em uma pesquisa servem para coletar, extrair e elucidar informações de determinados fenômenos. A pesquisa bibliográfica foi a etapa inicial de nosso trabalho no intuito de reunir as informações e dados que serviram de base para a construção da investigação proposta. Ela nos permitiu um maior aprofundamento sobre a temática vista sob a ótica e percepções de outros

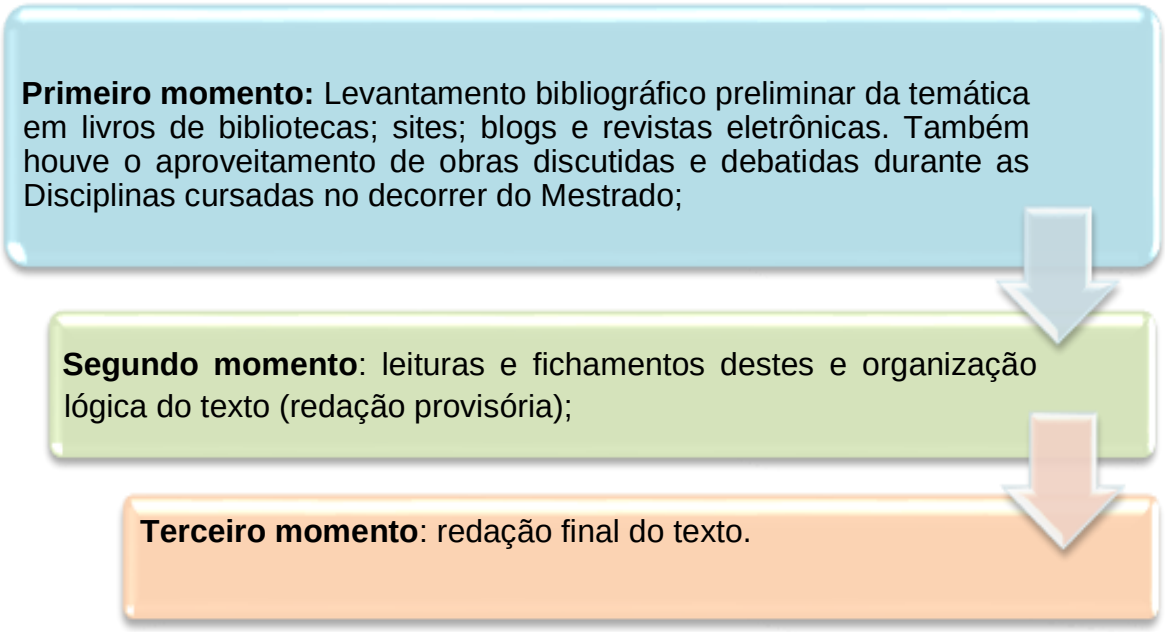
pesquisadores. Essa busca se deu pelo fato de entender que é fundamental a leitura e reflexão através do olhar de uma gama de autores que discutem a temática abordada, apoderando-se de informações que somam para com as ideias iniciais. A pesquisa bibliográfica é assim caracterizada:

> A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Nas palavras de Fonseca (2002), percebemos a importância das fontes bibliográficas para a produção do trabalho científico. Oriundo de diversas fontes, elas chegam para somar e agregar valor frente ao tema. Por isso, desde o princípio tivemos a preocupação de buscar fontes confiáveis. Estas fontes partiram de livros; teses; Dissertações; artigos científicos; revistas eletrônicas; jornais; boletins entre outros.

Neste sentido, foram contempladas as seguintes etapas:

Figura 08: Etapas da pesquisa bibliográfica



Fonte: elaborado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

Estas foram as etapas que nos conduziram a uma apreensão maior do nosso objeto de estudo, explorando as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema. O aprofundamento das principais abordagens teóricas, entre elas o conceito de território, de tecnologias e sobre povos indígenas, mais especificamente os Paiter Suruí, foram elaboradas a partir das ideias de autores como: Santos (2001); Raffestin (1993); Haesbaert (2009); Costa (2010); Sauer e Almeida (2011); Claval (2001) e Faria (2003). Eles formaram uma base qualitativa que endossaram nosso estudo.

A adoção desta técnica é ao nosso entender, indispensável para toda pesquisa científica. Foi fase decisiva, pois pudemos analisar os ângulos distintos que um mesmo problema pode ter ao verificar os diversos autores com diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto. Todos estes passos foram suporte necessário para a compreensão e desenvolver desta pesquisa.

4.2.2 A Fonte Oral

Outra técnica utilizada e muito importante em nossa investigação foi a da Fonte oral. Como enveredamos pelo viés qualitativo da pesquisa, buscamos durante a coleta de informações utilizar uma das mais comuns na Geografia, considerada como a maior fonte de conservação e difusão do saber através dos séculos para a ciência em geral, uma vez que ela antecede ao desenho e a escrita. Essa técnica é tão antiga quanto a própria História, pois foi a primeira espécie de história (GONÇALVES & LISBOA, 2007; THOMPSON, 1992).

A fonte oral foi obtida através de entrevistas. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 168) consideram que “de modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa”. Se a pesquisa exige dados tabulados, de forma quantitativa, a melhor técnica é uma entrevista previamente estruturada com perguntas de múltiplas escolhas. Já a entrevista semi-estruturada intercala questionários fechados com perguntas livres, cabendo ao geógrafo escolher a melhor técnica para proceder a pesquisa.

Partindo deste pressuposto, em nosso estudo optamos pela oralidade ao entender que esta seria a melhor técnica para colher as informações necessárias em

campo realizado na Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal, Rondônia. Por esse motivo, antes de fazer as entrevistas munimo-nos de equipamentos, recursos com aporte tecnológico moderno que nos permitisse gravar e guardar essas informações, a ser um aparelho de celular de última geração com funções de gravador.

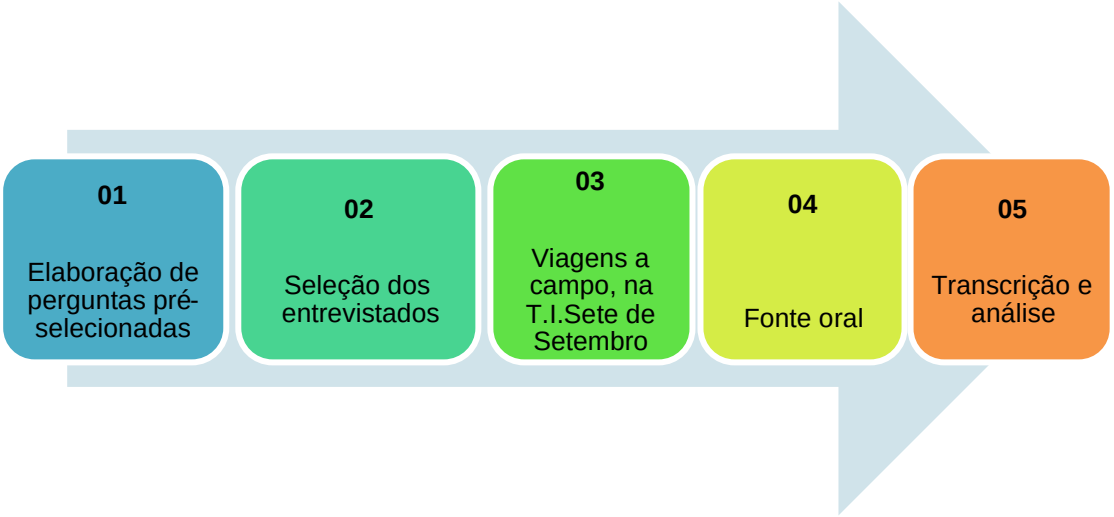
A preocupação de onde seriam guardadas as gravações das entrevistas colhidas não é somente nossa, tampouco recente. Há bem pouco tempo, o mais comum era a utilização de um gravador, um recurso que auxilia grandemente nestes tipos de pesquisas. Alberti (2005), afirma que a técnica de gravar uma história vai se propagar consistentemente em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita, através da realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de acontecimentos. É basicamente gravar relatos de pessoas que podem testemunhar um fenômeno, modos de vida, entre outros aspectos. Mas hoje, com o avanço das novas tecnologias, ela já nos permite fazer do celular um bom recurso para essas gravações.

Nesta pesquisa, essa técnica se adéqua perfeitamente através dos relatos colhidos dos participantes selecionados, povos indígenas originários do Brasil, principalmente aqueles mais velhos, que viveram desde antes do contato com o homem branco, sendo possível o resgate de informações preciosas e únicas que por vezes percebemos está sendo perdidas no decorrer dos tempos. Estes relatos, cremos nós, ser fonte de informações que poderá também servir para compor outros bancos de dados, seguindo a lógica de Lowenthal (1981), qual acreditava que toda consciência dos acontecimentos do passado serviria, através destas lembranças recuperadas, para distinguirmos o ontem do hoje, confirmando um passado vivido. Daí a importância de registrar sobre a memória e imaginário deste povo, ouvir e descrever suas histórias para podermos diminuir o campo de nossas indagações.

Apesar de entender que a oralidade não é uma é uma representação exata do que existiu, concordamos com Pinto (1998, p. 307) quando diz: “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado”. É através delas que podemos analisar o ontem e hoje, articulando suas narrativas para entender o todo o processo, pois como bem fala Poulet (1992), é graças a estas memórias que o tempo não está

perdido. Desse modo, antes, durante e depois de realizar esta etapa, a técnica oral exigiu alguns passos:

Figura 09: Etapas da utilização da técnica oral



Fonte: elaborado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

Os relatos formam colhidos durantes as viagens de campo nesta T.I. por algumas lideranças indígenas, caciques e anciões que contribuíram bastante no resgate das memórias de seu povo. Ao todo foram duas viagens de campo: setembro de 2018 e janeiro de 2019. As perguntas foram de forma semi-estruturada, intercalas, com questões fechadas e perguntas livres.

Depois, com os áudios gravados procedeu-se à transcrição integral de todas as entrevistas, tendo a prudência de sempre respeitar e valorizar os vocábulos regionais e as expressões verbalizadas nas entrevistas.

Para a estruturação esta pesquisa foi necessária percorrer algumas etapas. Os processos técnicos assumidos para sua execução estão organizados conforme o esquema de organograma a seguir conforme figura 10. A descrição das principais etapas metodológicas para a compreensão desse fenômeno geográfico está assim resumida:

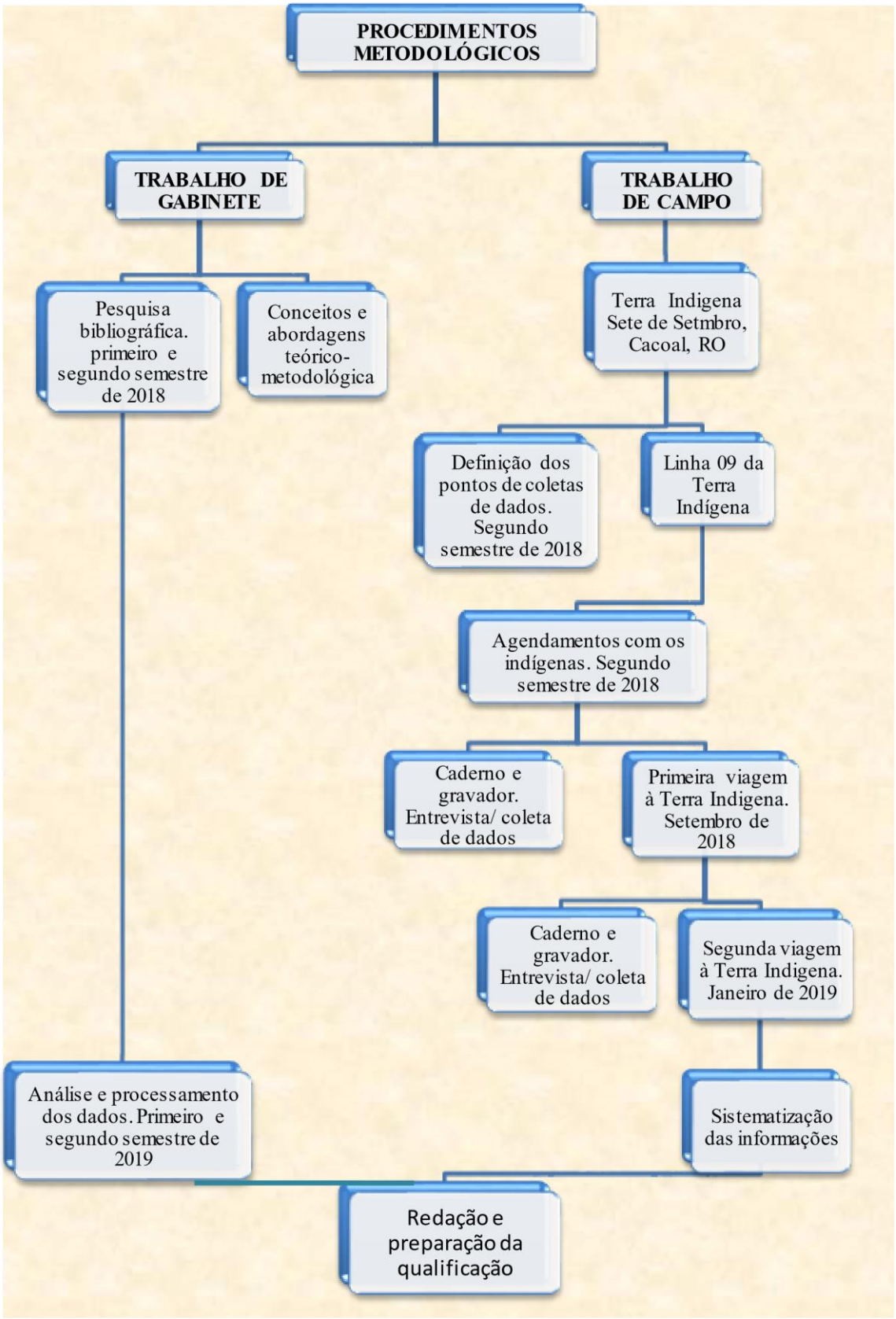
- ✓ Pesquisa bibliográfica: leitura interpretativa sobre o conceito da categoria geográfica território, método adotado neste estudo, e do conceito sobre tecnologia. Foram utilizados livros, teses, dissertações, artigos, sites e

periódicos. Neste momento foi feito resenhas, resumos, fichamentos e anotações em geral do material teórico;

- ✓ Trabalho de campo: entrevista com indígenas da Aldeia Paiter - Linha 09 da Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal Rondônia. Foi colhido relatos de lideranças e anciãos sobre sua história e sobre a importância das novas tecnologias utilizada dentro de seu território. O campo foi dividido em duas etapas: a primeira viagem ocorreu no dia sete de setembro de 2018 e a segunda no início de janeiro de 2019. Neste momento foi utilizado um caderno para as anotações; um gravador para as entrevistas e um celular para fazer as fotografias;
- ✓ Sistematização das informações: transcrição para o computador das narrativas colhidas em campo através de áudios.
- ✓ Analise e processamento de dados: analise estruturação e redação da base bibliográfica e das entrevistas do campo. Este momento ocorreu durante todo primeiro e segundo semestre de 2019;
- ✓ Redação e preparação da qualificação: redação, análise e ajustes finais para qualificação.

O organograma a seguir foi elaborado com objetivo de detalhar com precisão todas as etapas percorridas durante esta pesquisa. Algumas delas ocorreram em momentos simultâneos, de acordo com a necessidade de cada um. Em todas elas, procuramos obter eficácia maior de qualidade para esta pesquisa.

Figura 10: Organograma metodológico



Trabalho de gabinete, 2020.

Elaboração: Paulo Cesar Barros Pereira.

Dando sequência ao discorrer da pesquisa, a próxima sessão será discutida o conceito de tecnologia e as influencias que ela exerce sobre qualquer povo, protagonizada pelas relações de seu contexto social.

5. AS NOVAS TECNOLOGIAS E AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO: conceitos, debates e reflexões.

O espaço geográfico é construído a partir da ação humana sobre a natureza. Um dos grandes fatores que contribui para essa transformação são as diversas técnicas e tecnologias criadas a partir do conhecimento que o homem adquiriu ao longo dos tempos, sempre no intuito de atender suas necessidades.

Figura 11: As novas tecnologias oferecidas pelo mundo contemporâneo

Fonte: BORGES N., 2018, adaptado por Paulo Cesar B. Pereira, 2020.

"*A revolução da informação representa uma nítida transferência de poder de quem detém o capital para quem detém o conhecimento*"

(Peter Ferdinand Drucker – professor e escritor austríaco)

A história da tecnologia confunde-se com a história das ferramentas, das técnicas úteis que torna as coisas práticas no dia-dia do homem. Essa tecnologia é algo que o homem sempre buscou, desde os primórdios e, principalmente na contemporaneidade. Atualmente ela se expressa no nosso dia-dia através dos computadores, das naves espaciais, dos satélites, da energia nuclear, da internet, dos aviões, etc., como uma aldeia global onde as pessoas se comunicam e trabalham em tempo real em qualquer espaço do nosso planeta, rompendo todas as barreiras geográficas não importando sua distância.

A exemplo disso estão as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que nas últimas décadas, tornaram-se essenciais na vida do ser humano, seja para aqueles que vivem nos grandes centros urbanos e até mesmo para aqueles que residem nos pontos mais extremos e distantes deste primeiro. Entre outros tantos benefícios, esses novos meios de comunicação, une povos de vários lugares do mundo. Atualmente, contamos com inúmeras ferramentas, técnicas que nos ajudam diariamente em inúmeros setores da atividade humana. Como veremos adiante a Revolução da Tecnologia da Informação[5], também chamada de Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científica-Informacional, que teve seu apogeu no final do século XIX, influenciou fortemente o mundo acarretando mudanças radicais no modo de viver do homem.

Todo esse avanço surge mais especificamente a partir da década de 70, decorrente de uma revolução que remontam ao final da Segunda Guerra Mundial, e cujo complexo de seu desenvolvimento transcorre durante toda segunda metade do referido século, com potencial para modificar em muitos aspectos da vida cotidiana. Alguns fatos e elementos foram determinantes nesse crescimento: a tecnologia da informação, a computação e comunicação, quais estão diretamente ligados aos objetos tecnológicos que proporcionaram a esse crescimento uma velocidade nunca vista: microcomputador e rede de Internet. (MANDEL; SIMON & LYRA, 1997)

Para Pinto, (2009), todo esse avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), trouxe profundas mudanças nas relações sociais, empresariais,

---

[5] Segundo McGarry (1999), a informação é um termo-fato, um reforço do conhecido, matéria-prima do conhecimento, é algo que reduz a incerteza. Ela é hoje para a sociedade contemporânea, a base do conhecimento, das relações, da vida econômica, política e social.

institucionais, políticas, sociais e também culturais, uma vez que a sua existência tem revolucionado a maneira de interagir e alcançar povos das regiões mais distantes do planeta. E é sob esta perspectiva que *a priore* priorizamos uma busca sobre os conceitos e origens deste termo, apontando as diversas facetas construídas ao longo da história que constituíram diferentes interpretações para o termo tecnologia.

5.1 Origem do termo Tecnologia

A importância da abordagem que faremos neste tópico sobre a origem do termo tecnologia, cresceu a partir do momento em que nos debruçarmos sobre sua literatura histórica e verificamos a existência de certa confusão diante os inúmeros conceitos existentes sobre o assunto. Essa dicotomia pode ser resultado, segundo Acevedo Días (2002b), pelo simples desconhecimento da evolução sócio-cultural do homem. Por isso, nosso esforço será no sentido de apresentar uma abordagem mais clara e direta da constituição desse processo histórico.

É importante remontar que a história do homem se iniciou justamente com a história das técnicas que depois que ele consegue transformar certos tipos instrumentos, cada vez mais sofisticados e que começam a sofrer paulatinamente uma evolução juntamente com o processo de construção das sociedades humanas. Partindo desse pressuposto, e como já discutia Veraszto (2004), é através de um estudo da evolução histórica das técnicas desenvolvidas pelo homem, colocadas dentro dos contextos sócio-culturais de cada época, que podemos compreender melhor a participação ativa do homem e da tecnologia no desenvolvimento e no progresso da sociedade.

No cenário teórico, é comum encontrar o emprego errôneo do conceito de dois temos, a ser: a técnica e a tecnologia. Essas duas palavras, apesar de ter origem comum, (vem do grego *techné),* diferem quanto seu sentido (KNELLER, 1978). A técnica seria o fabricar, produzir, construir, dar à luz. Seria a ferramenta utilizada, ou seja, o instrumento. Porém nele não há uma ação cientifica (LION, 1997). Já a tecnologia, junção do termo *tecno*, do grego *techné*, que é saber fazer, e *logia*, do grego *logus*, que significa razão, seria a razão do saber fazer, ou seja, o conjunto dos saberes. Aí sim, haveria a ação científica da coisa (RODRIGUES, 2001).

Assim, observa-se que a origem destes dois termos são conceitos diferentes. A técnica envolve a habilidade física de saber fazer. Já a tecnologia, se utilizada da arte, da ciência, do pensar racional. Seria uma técnica evoluída para um fim de um determinado problema, como ilustrada na figura 12.

Figura 12: Diferença ilustrativa do sentido de técnica e tecnologia

Fonte: imagens google, adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020

A exemplo entre os termos técnica e tecnologia, a figura 12 distingue os procedimentos tradicionais para se fazer o vinho, em que o primeiro seria a técnica, ou seja, a habilidade física sem a necessidade racional, enquanto a melhoria do procedimento a partir do desenvolvimento da microbiologia industrial [6] seria a tecnologia. Verifica-se que na tecnologia foi adotada a parte “pensante”, a razão juntamente com a técnica para o fim desejado.

Sobre o termo tecnologia, atualmente é fácil verificar ele sendo empregado em muitas áreas do conhecimento. Neste sentido, ele tem sido interpretado por diferentes autores com diferentes abordagens e aqui apresentaremos sobre aqueles que consideramos mais pertinentes para este estudo.

Kruglianska (1996) remete a tecnologia como um conjunto de conhecimentos necessários para conceber, produzir e distribuir bens e serviços de forma competitiva. Em uma amplitude maior, Bryman (1989) define como um corpo de conhecimentos, ferramentas e técnicas, resultantes da ciência e da experiência prática, usado no

[6] Segundo a Sociedade Brasileira de Microbiologia (SBM), a Microbiologia industrial é a área da Microbiologia que utiliza microorganismos em processos industriais com objetivo de produzir bens e serviços. O interesse da microbiologia industrial está na aplicação de conhecimentos científicos básicos para o uso de micro-organismos com potencial para obter produtos e/ou processos de interesse comercial, ambiental e social, como por exemplo, fármacos, vacinas, componentes para diagnóstico, alimentos, bebidas, polímeros, combustíveis, produtos agropecuários, vinhos e tratamento de resíduos. A Microbiologia Industrial também pode ser denominada como Biotecnologia Microbiana (SBM, 2019).

desenvolvimento, produção, e aplicação de produtos, processos, sistemas e serviços. No mesmo sentido, Longo (1984) ressalta que a tecnologia é o conjunto de conhecimentos científicos ou empíricos empregados na produção e comercialização de bens e serviços. Já Martino (1983) entende que ela concentraria os “meios para prover os produtos” necessários para o sustento e conforto do homem. Também temos o conceito concentrado mais na fabricação, defendido por Blauner (1964) que seria o conjunto de objetos físicos e operações técnicas (mecanizadas ou manuais) empregadas na transformação de produtos em uma indústria.

Observa-se na fala dos autores citados, uma forte ligação da tecnologia com o sistema de produção industrial, definindo bem o atual momento contemporâneo. Os conceitos que escolhemos aqui apontar revelam que o termo tecnologia envolve tanto o conhecimento técnico como o científico, pois, usa a experiência pratica e a produção racional para algo que será aplicado/beneficiado ao homem. Seria então, a técnica transformada a partir de um conhecimento cientifico. Cientifico porque é racional, verificável, sistemático e falível. Ela se constituiria então como um corpo de conhecimentos. Para maior compreensão utilizamos as ideias de Gilbert (1995) apresentadas no quadro 01 com as principais diferenças entre tecnologia e a ciência.

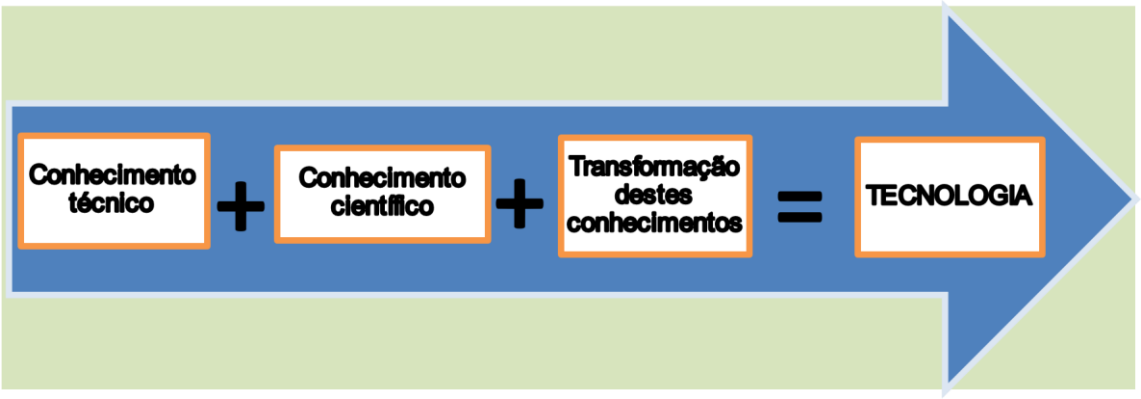
Quadro 01: Diferença avaliativa entre ciência e tecnologia

CIÊNCIA	TECNOLOGIA
Entende o fenômeno natural	Determina a necessidade
Descreve o problema	Descreve a necessidade
Sugere hipóteses	Formula ideias
Seleciona hipóteses	Seleciona ideias
Experimenta	Faz o produto
Encaixa hipóteses/dados	Prova o produto
Explica o natural	Fabrica o artificial
Analítica	Sintética
Simplifica o fenômeno	Aceita a complexidade da necessidade
Conhecimento generalizável	Objeto particular

Fonte: GILBERT, (1995), adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

Como se vê, a tecnologia diferencia-se da ciência até em seus modos de avaliação. Outra figura meramente ilustrativa daquilo que entendemos ser a constituição do processo tecnológico, conforme figura 13.

Figura 13: O Processo tecnológico



Fonte: elaborado por Paulo Cesar B. Pereira, 2020.

A ilustração aponta que a técnica aliada ao conhecimento cientifico gera aquilo que conhecemos por tecnologia, sendo um processo no tempo que agrega um conjunto de conhecimentos sempre melhorados. Também poderíamos citar como um bom exemplo deste processo tecnológico evolutivo, a descoberta e utilização da roda que revolucionou o transporte e tornou o dia-dia do homem mais fácil, caracterizandose como um marco na evolução tecnológica da humanidade facilita a vida em praticamente todos os aspectos.

Outro forte exemplo mais recente foi a Revolução Industrial, ocorrida nos anos finais do século XVIII, que provocou um verdadeiro divisor no estudo da técnica. Foi um momento em que se encontraram maneiras de agilizar a resolução de tarefas e problemas, - objetivo principal da tecnologia-, através do emprego de máquinas para realizar as tarefas mais mecânicas do processo produtivo proporcionando verdadeira melhoria no rendimento do trabalho. O aproveitamento da energia, a vitória sobre as doenças também foram alguns dos benefícios que implicaram no avanço das condições de vida do homem (ROSSONI, 2003).

Toda essa evolução só foi possível porque ao longo do tempo o ser humano foi adquirindo novas técnicas agregadas aos novos conhecimentos resultando em tecnologias ultramodernas que beneficiam e facilitam grandemente sua vida.

Hoje essas tecnologias são fundamentais, por não dizer, decisiva na nossa vida. Elas são necessárias em quase tudo o que é construído pelo ser humano. Isso porque vivemos em uma Era onde a tecnologia assume grande importância, que é o mundo globalizado.

5.2 O mundo Globalizado

Em uma Era em que a tecnologia assume total importância em nossas vidas, através de ferramentas que nos fornecem muita comodidade ocasionada pelas enormes transformações que estamos presenciando, a chamada globalização.

A globalização ou “mundialização”, como muitos autores preferem utilizar, é um termo bastante comum usado no nosso dia-dia com destaque nos meios de comunicação e, principalmente nos livros de geografia. Ele descreve a atual conjuntura do sistema capitalista e sua consolidação no mundo integrado, parcial ou totalmente em diferentes espaços geográficos da terra. É discutido segundo as categorias tempo/espaço, no âmbito do sistema-mundo, na pós-modernidade e à luz dos conceitos de nação, mercado mundial e lugar (RIBEIRO, 2001). O fenômeno, emergido do modelo econômico capitalista, possui enorme instrumentalização proporcionada pelos sistemas de comunicação e transporte que perpassa setores como econômico, político, social e cultural. Não é à toa que Santos (2001) a define como o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista.

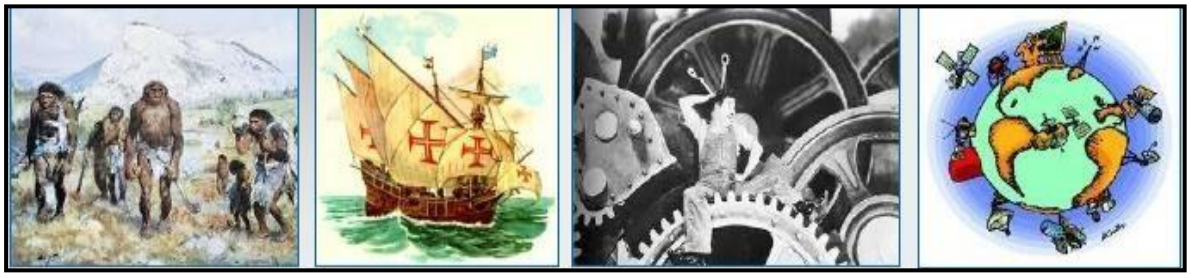
Entretanto, e se utilizado para designar um mundo interligado, esse termo é relativamente novo, de forma que sabemos que a integração entre povos e territórios, começou há muito tempo. Então, seria a globalização uma novidade? Bom, a rigor, considera-se que desde o início da história, as sociedades sempre estiveram em processo de globalização, devido às técnicas e tecnologias utilizadas em cada época para se comunicar e locomover em diferentes regiões do mundo.

No debruçar sobre o fato através da história podemos descortinar contextos, tendências e acontecimentos que contribuíram para o que hoje denominamos

globalização, descobrindo que o termo realmente não é novo. Todavia alguns autores consideram que os primórdios da Globalização remontam ao século XV caracterizadas por fases (ver figura 14), especificas de acordo com seu contexto.

Partindo deste raciocínio a Primeira destas Fases teria ocorrido entre os séculos XV ao XIX com a expansão marítima europeia e a formação das colônias europeias na América e, mais tarde, na África e na Ásia. Consolida-se neste momento a divisão internacional do trabalho em que a Europa fornecia mercadorias e as demais áreas forneciam matérias-primas e trabalho escravo. A Segunda Fase acontece em meados do século XIX e meados do século XX, com a expansão da dominação colonial europeia sobre territórios da Ásia e, principalmente, da África, além da consolidação do processo de industrialização no continente europeu e a ampliação sistemas de transporte e comunicação. Já a Terceira Fase estendeu-se do final da Segunda Guerra Mundial ao final da Guerra Fria. Esse período foi marcado por grandes avanços na área tecnológica, principalmente em razão da corrida armamentista e da corrida espacial, além da área da informação e também dos transportes, com o desenvolvimento da informática, da robótica, da internet e da biotecnologia. A Quarta Fase se deu de 1989 aos dias atuais. A característica principal aí é a integração do capital e o grande avanço nos meios de transporte e comunicação. (CAMPOS e CANAVEZES, 2007).

Figura 14: As fases da globalização



Fonte: fotos Google, organizado por Paulo Cesar B. Pereira, 2019.

Conforme figura 14, a chamada globalização passou por algumas fases até chegar ao estágio atual. Isso significa que ao longo do tempo ela perpassou por uma gradativa consolidação, adaptando a momentos que foram importantes para sua consolidação. Este momento é o princípio daquilo que viria ser chamado mais tarde

também como Era digital, com origem a partir do desenvolvimento da computação durante os anos 1960, acarretando em profundas transformações no espaço geográfico.

Conforme Bonilla & Pretto (2011), os hardwares, softwares e protocolos desenvolvidos transformaram a forma como o mundo se organiza, produz e se relaciona. Um desenvolvimento que surge a partir de uma intensa mobilização ao redor das universidades dos Estados Unidos, como o Massachusetts Institute of Technology (MIT); Universidade de Harvard (Massachusetts); Universidade de Berkeley (Califórnia); e em alguns países europeus. Neste momento, surgem no mundo diversos grupos de jovens programadores com espírito colaborativo e trabalho coletivo. Um destes foi Chaos Computer Club (CCC), em 1981, em Berlim na Alemanha, hoje considerada a maior associação hacker da Europa, " uma organização galática de hacker que promove liberdade de informação e transparência de tecnologia e se interessa pela relação entre o desenvolvimento humano e tecnológico, isto é, pela interação entre a sociedade e o desenvolvimento" (ASSANGE, 2013, p. 153). Este grupo elabora outra forma de produzir o próprio conhecimento, utilizando a nova linguagem dos códigos binários, sendo decisivo primeiramente, para os grandes computadores, depois, para os computadores pessoais, e assim expandindo as redes de computadores e promovendo o nascimento do que conhecemos hoje por internet. (BONILLA & PRETTO, 2011).

Todavia, em tempos atuais e em contrapartida aos inúmeros benefícios gerados, encontramos vários críticos sobre o resultado que o acesso à internet proporcionou:

> A partir da segunda metade dos anos 1990, o crescimento das TIC, e em especial da internet, aumentou desigualdades globais, como a desigualdade de acesso. Esta gerou uma motivação de parte econômica, a partir da globalização dos mercados, pois mais pessoas deveriam estar conectadas para poderem participar desse movimento comercial. Em contextos de desenvolvimento houve uma crescente ênfase no estabelecimento de acesso público para as TIC, através dos telecentros, para se conseguir as sonhadas oportunidades digitais. Mas o que mais importa no processo: a exclusão social ou a expansão de mercados? (COSTA, 2011, p.111).

Nesta fala, verificamos que ideia original, de produzir uma relação entre o desenvolvimento humano e tecnológico, através da internet, não teve bom êxito uma vez que acarretou no aumento das desigualdades globais. A falta de acesso à rede

de computadores deixou de fora uma parcela da população, impedindo-os da igualdade nos acessos às informações. Além disso, segundo Castells, (2003), uma das principais características desta parcela excluída são fatores como raça, gênero, idade, renda (status social), que converge diretamente com o tempo de escolarização. Por esse motivo Costa (2011) entende a necessidade de medir essa inclusão que tantas vozes diferentes clamam e apregoam.

Neste sentido, esta última fase, a chamada globalização contemporânea é caracterizada por um sistema complexo e surge em meio a essa explosão tecnológica. Ribeiro (1995) menciona que o termo globalização surge em meados da década de 1980 por meio da imprensa financeira internacional associada à difusão das novas tecnologias da comunicação que permitiram acelerar a circulação de informações e de fluxos financeiros. Os anos posteriores começa a discussão por muitos intelectuais a cerca deste termo.

No Brasil um dos autores que se destacam nesta discussão é Milton Santos, que deixou como um dos seus principais legados teóricos a noção de “Meio técnicocientífico-informacional” (1998), ou seja, a evolução dos processos de produção e reprodução do meio geográfico que vão desde o meio natural (período das técnicas vinculadas à dependência sobre a natureza), passando pelo meio técnico (período do espaço mecanizado, inserção de novas tecnologias no meio produtivo), até chegar ao período atual (período da Revolução Científica Informacional). Esse é um momento da união entre técnica e ciência, guiadas pelo funcionamento do mercado, que, graças aos avanços tecnológicos, expande-se e consolida o processo de globalização. É um momento em que se incorpora novos sistemas de modernização na medida em que estas técnicas vão se modificando apresentando num novo período do desenvolvimento histórico da sociedade capitalista, e por esse motivo se distinguirá dos demais como se vê:

> Esta instantaneidade e universalidade na propagação de certas modernizações desmantela a organização do espaço anterior. Constitui, sobretudo, um fator de dispersão que se opõe de uma forma muito clara aos fatores de concentração conhecidos nos períodos anteriores. (SANTOS, 1997a, p. 29).

A chegada e acelerada modificação das técnicas de comunicação e informação revelou novo período e provocando o que o autor denomina por instantaneidade dos

momentos e dos lugares, universalidade e unicidade das técnicas. Essa é justamente o momento da a passagem do meio técnico para o meio técnico científico que o autor aborda. Essa passagem acontece quando há “[...] o desenvolvimento da ciência das técnicas, isto é, da tecnologia, e, desse modo, com a possibilidade de aplicar a ciência ao processo produtivo” (SANTOS, 1997a, p. 37). É nesta obra que o autor associa o meio técnico-científico informacional à ideia de globalização.

Corroborando, Bonilla & Pretto, (2011) relatam que esta quarta fase se dá em um momento de profunda transformação marcada pela presença das tecnologias digitais da comunicação e informação. Os autores verificam sua criação e desenvolvimento foi e continua sendo com base em um movimento que corresponde, de um lado, a uma forte concentração de riquezas, de enorme poderio de grandes corporações, nacionais e multinacionais, e de outro, o crescimento significativo do movimento coletivo e colaborativo em diversas partes do mundo. Ele acredita, assim como Milton Santos (2001), que, o uso das tecnologias digitais tem possibilitado a interação entre local e não local de forma cada vez mais intensa e quase instantânea, denominada por como uma “globalização contra-hegemônica” ou “globalizações” devido ao aumento da comunicação entre as pessoas e as diversas aéreas do conhecimento.

Nesta perspectiva, a globalização é para Milton Santos (2001), o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. A obra intitulada "por uma outra globalização" o autor revela que tal conceito é materializado no nosso dia-dia através da construção de uma rede de comunicação interligando o local ao global, numa mútua relação de influência. A globalização, aí segundo ele, tem a função de produzir e sustentar o fluxo do capital, de mercadorias, de pessoas, de informação e, sobretudo, os fluxos culturais.

Santos (2001) apresenta esta obra a partir de uma tríplice visão de mundo: *o mundo como fábula; o mundo como perversidade e o mundo como possibilidade*. Neste mundo a máquina ideológica faz crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa às pessoas que são capazes de homogeneizar o planeta através da disposição, cada vez maior, de mercadoria para o consumo quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Já o mundo como perversidade é aquele em que a globalização se impõe para a humanidade como uma fábrica de perversidades,

relacionada à adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Em *o mundo como possibilidade*, Santos acredita as bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta.

É justamente nessas bases que o grande capital se apoia para construir sua globalização perversa. Mas ele acredita que essas mesmas bases poderão servir a outros objetivos se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Esse é justamente aquela que dá nome à sua obra, ou seja, a possibilidade de outra globalização, que aconteceria com um caráter mais humano e solidário, visto que a globalização segundo ele, ao mesmo tempo em que integraria os diferentes espaços, ocasionaria as disparidades regionais.

Analisando a obra, Milton demonstra acreditar numa mudança que aconteceria de baixo para cima, partindo dos países subdesenvolvidos. O autor também menciona que a utopia poderia ocorrer para reduzir as condições de competitividade entre os países através da inclusão das populações mais miseráveis e pobres.

Como se vê, a globalização nesta fase contemporânea gerou nas últimas décadas um intenso processo de integração econômica e política e cultural, provocado principalmente pelo avanço das novas tecnologias da comunicação e informação. No entanto, estão embutidas nesses avanços intensas desigualdades sociais e regionais, como as apontadas pelo autor.

Partindo desta perspectiva, percebe-se que a globalização não é um fato repentino e consolidado, mas um processo de integração gradativa que se expande e se molda constantemente com os padrões de cada época. Ela não se limita somente aos planos políticos e econômicos, mas, perpassa o âmbito da cultura através da enorme troca de costumes, hábitos e mercadorias culturais. Em síntese, trata-se de um intercâmbio tanto comercial político ou cultural. O certo é que a globalização tem como pano de fundo as novas tecnologias da informação, (ver figura 15), que dão bases para essa enorme propulsão.

Figura 15: AS novas tecnologias como motores da globalização

Fonte: fotos Google, organizado por Paulo Cesar B. Pereira, 2020.

No tocante ao processo de globalização em seus moldes atuais é fácil encontrar duras críticas por diferentes intelectuais sobre o atual estágio. Essa fase remete muito os debates de Zygmunt Bauman (2001), um dos sociólogos contemporâneo mais expressivo e que popularizou a seguinte frase: "*Vivemos em tempos líquidos, nada é duradouro*", exprimindo sobre a fluidez e a efemeridade das relações atuais. A modernidade liquida para Bauman seria um mundo imediatista, veloz e repleto de sinais confusos, propenso a mudar de forma imprevisível, a qualquer momento. Apesar de ser visto por muitos como um teórico perspicaz e por outros como um ingênuo pessimista, suas ideias refletem justamente sobre nossa era contemporânea em temas como a condição humana diante ao processo de globalização. Segundo ele a contemporaneidade está sendo construído através do individualismo e do consumismo, o que torna essa vida liquida, veloz e insegura.

O pensamento de Bauman (2001) nos faz refletir sobre o atual processo e no aparecimento de problemas inimagináveis que podem tornar-se desafio global diante uma gama de potencialidades que são as TICs e da força da globalização no nosso dia-dia. A nova sociedade em rede aparece anexada a problemas de saúde emergentes, uma vez que as novas tecnologias podem apresentar sua dupla face: o que há de melhor nos seres humanos ou gerar problemas a saúde humana. Mas enfim, quais seriam os benefícios e malefícios oriundos dos avanços destas novas tecnologias?

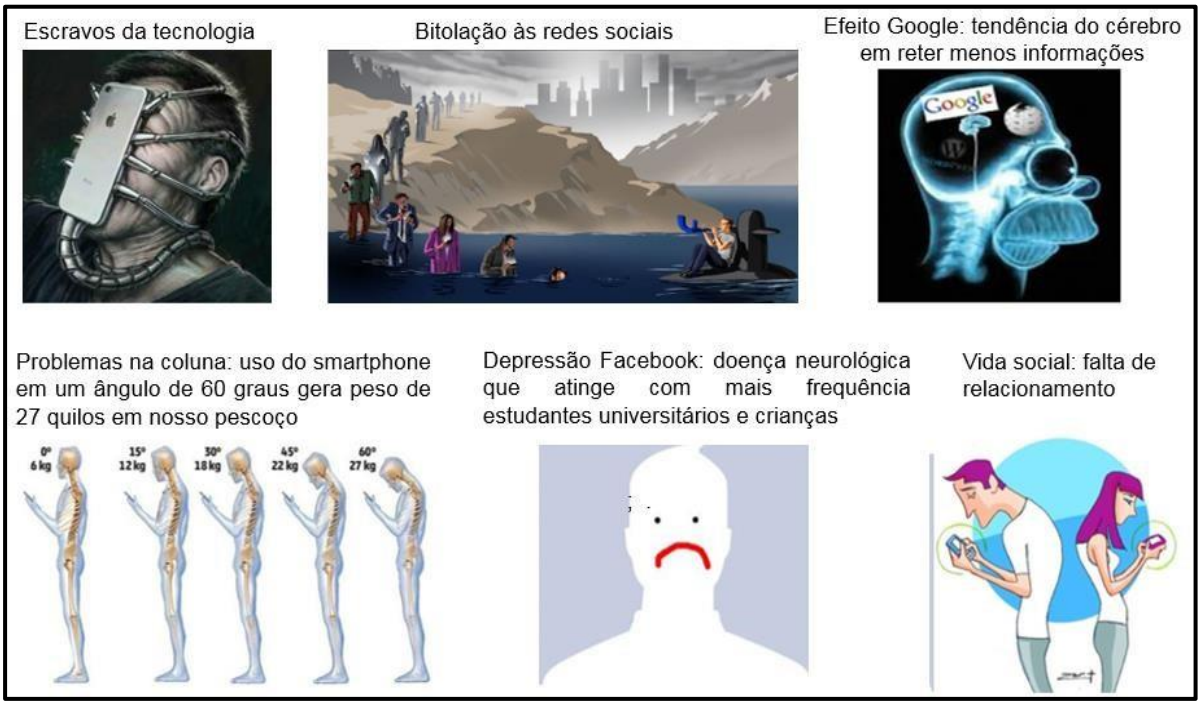
4.2.1 Efeitos do mundo globalizado: benefícios e malefícios

Com a chegada do século XXI uma evidência é inquestionável: estamos diante a era das tecnologias da informação e comunicação a chamadas (TIC). A globalização fez encurtar espaços e tempos, ocasionando uma rapidez tão grande das informações nunca visto antes. Aparelhos eletrônicos como TV digital, notebooks, netbooks, celulares são uns destes aparatos ultramodernos de encher os olhos de qualquer ser humano. É evidente a presença da tecnologia em quase tudo que fazemos e utilizamos. As informações podem ser obtidas instantaneamente e de qualquer parte do mundo.

Sobre estas questões Lévy (1993) aponta que a interface digital alargou o campo do visível. A emergente evolução diversificou, facilitou e transmitiu as informações de forma instantânea e ampla. Através da internet o cidadão se tornou potente, interagente e agente comunicador. Ele passou a ter um acesso maior da informação. Já para Maia (2002), a Internet só revolucionou positivamente a sociedade, facilitando a vida em geral. Tornou-se espaço para comunicação, política, economia, democracia, diversão, lazer, ócio, contatos pessoais, profissionais, exercício de liberdade de expressão. Mas para críticos como Nunes (1997), a Internet não capacita à objetivação e a consolidação da vontade geral. Essa proposição referese ao fato de que essa esfera ainda se encontra em transição, transformando significados nos campos sociais. O autor acredita que essa esfera segue as lógicas dos meios empresa-Estado-usuário, inviabilizando o espaço público.

O fato é que o comportamento humano vem sendo modificado drasticamente pelos novos hábitos diante ao acervo tecnológico. Não podemos negar que tamanhos e incontáveis benefícios são que ela produz. Porém não se pode esquecer aos inúmeros problemas decorrentes caso não utilizadas corretamente. Diante de tais questões nos indagamos: será que estamos prontos para absorver e utilizar todas essas ferramentas? Pode as novas tecnologias nos tornar escravos delas? Podem elas modificar nossos hábitos ou nossa cultura?

Figura 16: Sociedade moderna e a consequência devido ao uso desenfreado das novas tecnologias da informação



Fonte: Saturnino, 2015, adaptado por Paulo Cesar B. Pereira, 2020.

A figura 16 aborda que o uso desenfreado, irracional e descuidado das novas tecnologias da informação na contemporaneidade, está nos colocando sob uma perspectiva obscura de sérios problemas de saúde, físicos e neurológicos.

A nova morfologia organizativa da sociedade, é denomina de informacional, global e em rede, e identifica certas características fundamentais:

> É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar, de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É global por que as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. É rede porque, nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais (CASTELLS, 2003, p. 119).

Para o referido autor, a informação possui importância fundamental para o desenvolvimento social, cultural e político das nações globalizadas, de modo a compor

a estrutura de grandes empresas e corporações, que passaram a investir em tecnologias informacionais.

Entretanto no tocante a saúde humana, o desenvolvimento das TIC tem provocado mudanças significativas quanto às formas de produção de conteúdo informacional (ARAYA; VIDOTTI, 2009) e tem trazido à tona novos desafios e enfrentamentos, como distúrbios e problemas de saúde. O início do século XXI surge com novas mudanças ao conceito de saúde pública (CARVALHEIRO; MARQUES; MOTA, 2008), pois o uso compulsivo da internet transpõe o indivíduo ao espaço virtual, fazendo com que diminua suas atividades sociais e familiares, gerando, consequentemente, certo isolamento, além de distúrbios como a dificuldade de controlar o tempo de uso do equipamento, problemas ocupacionais, alteração substancial do relógio biológico humano e problemas relacionados à ansiedade, à irritação, à agitação, à tensão e à depressão (BARROS; RICHTER, 2013).

Além dos problemas psíquicos ainda decorrem as doenças físicas propiciadas por tal uso como: a Lesão por Esforço Repetitivo (LER), doença provocada pela execução inadequada e excessiva de determinada atividade, que representa cerca de 70% das enfermidades que acometem o mercado de profissionais no Brasil (BRASIL, 2001); Problemas na coluna vertebral, em decorrência da má postura e do tempo excessivo em que se permanece em uma mesma posição, levando, ao aparecimento de distúrbios como artrose, lordose, cifose e, escoliose; Surgimento de problemas oculares em função da exposição em larga escala ao computador, que emite uma grande luminosidade. O estresse aos músculos oculares ocorre por conta do contato com os pixels emitidos pelo eletrônico, ocasionando problemas como a síndrome do olho seco (FONSECA; ARRUDA; ROCHA, 2010).

Corroborando, Canclini (2008, p.52) afirma que “a comunicação digital, especialmente a de caráter móvel por meio de celulares, proporciona ao mesmo tempo, interação interna e deslocalização, conhecimento e novas dúvidas”. Além das enfermidades emergentes já citadas tais hábitos podem gerar também impacto na construção da identidade dos indivíduos e interferir em suas relações sociais pelo uso excessivo das tecnologias informacionais sem finalidade especifica, não permitindo que ela desenvolva uma verdadeira comunicação pela utilização dos sentidos primários da comunicação (CONTRERA, 2002).

Em síntese, temos inúmeras implicações negativas decorrentes do uso excessivo informacional atingindo tanto a saúde física quanto a neurológica do ser humano. A evolução tecnológica sem dúvida não surgiu somente para despertar o que há de melhor nos seres humanos, mas pode tornar-se arma perigosa e destruidora.

Mas não só de problemas vivem aqueles que usufruem destas tecnologias. Hoje elas têm uma utilização grandiosa e fundamental no dia-dia do homem através de aparelhos cada vez mais sofisticados.

Já no tocante aos benefícios que as novas tecnologias podem nos proporcionar, podemos dizer que além das TICs já apontadas anteriormente, existem inúmeras outras que nos ajudam nos transportes; nas indústrias; no comércio; na educação; na saúde, enfim, tantas outras que podem trazer e estão trazendo muitos benefícios e avanços, principalmente quanto a quebra de grande distancias e a alta velocidade com que é propagada.

Figura 17: Ilustração das inúmeras tecnologias disposta a nós atualmente

Fonte: SEG+, adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2019.

Toda essa eficiência proporcionada condiz justamente com seu fim, “a eficiência” (ELLUL, 1954) proporcionada ao homem para a comodidade de seu dia a dia. Desse modo, se de um lado temos a ciência, sempre em busca de suas “verdades cientificas”, do outro temos as tecnologias procurando mudar o funcionamento do espaço geográfico sempre com maior eficiência.

Setor importante que pode ser exemplificado é quanto ao sistema de ensino, onde a inserção das novas tecnologias representa passo muito importante. As

transformações, os novos hábitos e comportamento da sociedade moderna também ocorreram aí. Hoje essas tecnologias são utilizadas como ferramentas para facilitar o acesso à informação quanto na relação ensino-aprendizagem. Nos últimos anos a educação foi umas das áreas que mais sofreu com essas transformações. A incorporação de computadores, internet, já é fato no dia-dia e indispensável ao mundo estudantil. Segundo Moran (2012, p.13), “o uso das TIC na escola auxilia na promoção social da cultura, das normas e tradições do grupo, ao mesmo tempo, é desenvolvido um processo pessoal que envolve estilo, aptidão, motivação”. Só para se ter ideia sobre a mudança nos padrões metodológicos de ensino, no Brasil segundo dados do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic), em 2018 cerca de 76% dos docentes adotaram as tecnologias em atividades no processos de ensino e de aprendizagem (CETIC, 2019), uma mudança grandiosa quanto ao uso das novas técnicas de ensino. Os dados da pesquisa ainda revelam que 67% das escolas públicas possuíam perfil em redes sociais e 76% das escolas particulares, expressando uma presença massiva das escolas nos ambientes virtuais.

Os dados remetem as transformações metodológicas aplicadas pelo professor no seu contexto de ensino. A adoção destas tecnologias permite que eles agreguem uma gama de informações no intuito de levar praticidade e no seu dia-dia. Desse modo, essas tecnologias chegam às escolas com desafio de uma aprendizagem colaborativa, quebrando padrões tradicionais, inserindo-se ao novo contexto de ensino aprendizagem. Todavia, ressalta-se o cuidado que toda essa eficiência tecnológica esteja coerente com os verdadeiros objetivos do ensino, sobre aquilo que Castells (1999) já afirmava, de que estas novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas, processos a serem desenvolvidos na sociedade. Isso é ponto importante para refletirmos em nosso espaço geográfico.

Por fim, temos hoje um espaço geográfico transformado pela utilização das novas tecnologias em um mundo cada vez mais acelerado e globalizado gerando mudanças constantes no espaço e no tempo. É comum ouvir termos como “sociedade midiática”; “era digital”; “era do computador”, entre tantos outros que nos remetem um mundo entendido por alguns como globalizado e conectado devido aos avanços das tecnologias, principalmente àquelas que remetem a informação e comunicação. Isso se deve ao fato de que a sociedade passou a ser denominada a partir dos aparatos que dela utiliza uma vez que torna o dia-dia do homem muito mais rápido e prático.

O certo que estas tecnologias possuem um caminhar lado a lado com a sociedade, ou, com as diferentes sociedades, e as diversidades culturas no decorrer da história. É no espaço geográfico que os objetos naturais se transformam em objetos técnicos e consequentemente para tecnológico no intuito de proporcionar a comodidade e praticidade humana. A utilização destas novas ferramentas é, portanto, fruto das ações humanas que pouco a pouco vai alterando funções e criando outras, de acordo com a utilização e entendimento de cada sociedade, inclusive na sociedade indígena.

Na próxima sessão será discutido a utilização das novas ferramentas tecnológicas pelos povos indígenas. Esta etapa apresenta o resultado de nossa pesquisa, é ponto central de todo nosso trabalho, o foco da nossa questão inicial.

6. O NOVO ARCO E FLECHA: as novas TICs como salvaguarda dos Paiter Suruí

Atualmente, alguns dos povos indígenas da Amazônia brasileira vêm utilizando as novas e modernas tecnologias que o mundo oferece com o objetivo de divulgar e perpetuar sua cultura. Este novo posicionamento se dá frente as ameaças territoriais sofridas ao longo de sua história.

Figura 18: Gasodá Suruí filmando sua mãe Manganogan Suruí, uma das anciãs da Aldeia Paiter - Linha 09, Terra Indígena Sete de Setembro

Fonte: via instagran @wagohpakob_paiter , 2019.

"Porque o Brasil tem um grande potencial que é pega uma parte da Amazônia e não soube valorizar".

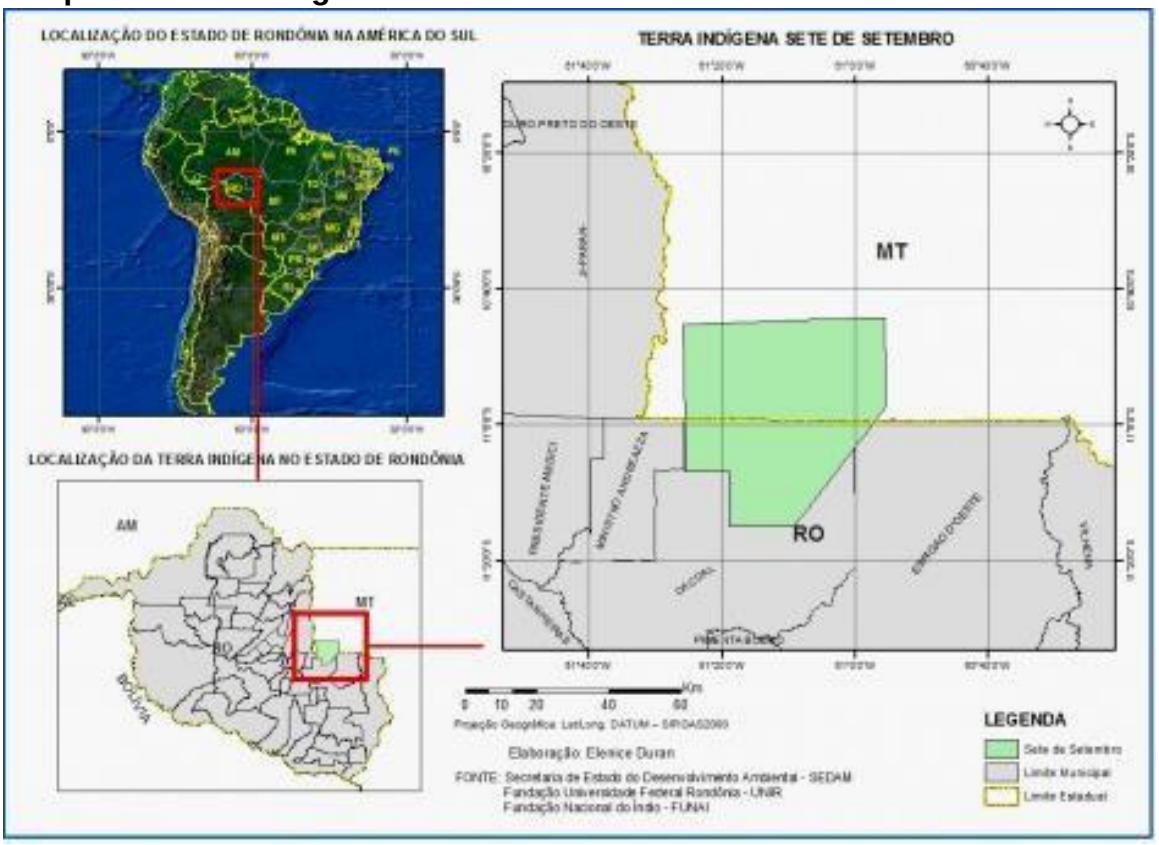
(ALMIR SURUÍ, líder do povo Suruí, 2018)

A pressão social, territorial e cultural aos povos amazônicos, ocorre desde o contato com os não indígenas e tem perpassado séculos de modo que ainda continua muito forte nos dias atuais. As perdas culturais, depois que os colonizadores adentraram as terras hoje denominada Brasil, foram incalculáveis. Por tal questão é tão relevante discussões nesta temática, principalmente nos dias atuais em que o processo do resgate dos espaços dos povos tradicionais é tão conflituoso. Nesta perspectiva a ideia é buscar alternativas de sobrevivência e perpetuação cultural destes povos.

No Estado de Rondônia existe a Terra Indígena Sete de Setembro onde reside o povo Paiter Suruí ou Paiterey Gãrah (autodenominação em Tupi Mondé), que significa “esta terra é nossa”, localizada em uma região limítrofe, ao norte de Cacoal até Aripuanã - Mato Grosso com 247.147 mil hectares (KANINDÉ, 2019). Esse povo criou um Plano de Gestão Etnoambiental como forma de monitorar as ameaças às florestas e divulgar suas riquezas naturais e culturais de seu território através da utilização de equipamentos de ponta como ferramenta de auxílio de seus objetivos. Um método inovador para minimizar os inúmeros conflitos existentes em seu território e estabelecendo perspectivas para seu futuro. Esses equipamentos inovadores surgem como oportunidade não somente de ressignificação ancestral e histórica, mas, de autonomia indígena em um cenário multifacetado e complexo. Os resultados têm se mostrado bem satisfatório a ponto de já serem considerados referência para outros povos quanto à temática gestão territorial.

O recorte espacial escolhido para este estudo foi, portanto, este povo. A Terra está sobreposta em áreas que incidem os municípios de dois Estados brasileiro: Rondônia e Mato Grosso, conforme mostra mapa 01.

Mapa 01: Terra Indígena Sete de Setembro entre Rondônia e Mato Grosso



Fonte: https://journals.openedition.org/confins/10218. Elaborado por Elenice Duran Silva, 2015.

Os Paiter sobrevivem da caça, pesca, coleta de produtos da floresta, agricultura, ecoturismo e da produção e venda de carbono. Os homens indígenas são responsáveis pela caça e pela preparação do terreno para as lavouras. As mulheres cuidam das crianças, cozinham e fazem cerâmicas e cestarias, mas ambos os sexos plantam e pescam. Apesar das pressões que sofrem por parte dos não indígenas, eles ainda mantêm muito dos seus valores culturais, sociais e espirituais. (PAITER SURUÍ, 2019).

Depois do contato eles perderam grande parte de seu território para os projetos de colonização e empresas e sua população quase foi dizimada[7]. No início eram cerca de cinco mil indígenas, mas em menos de três anos esse número caiu para cerca de 300 habitantes (KANINDÉ, 2019). Foi essa situação que fez com que se

[7]A corrida para o corte da seringa até a metade o século XX e depois a implantação de projetos de colonização na Amazônia, gerou inúmeros conflitos e perdas incalculáveis para os povos indígenas desta região. (SILVA, (2018).

conscientizassem sobre o problema e procuraram saber como se constitui e organiza a sociedade brasileira, diante a premente necessidade de lutar pela defesa de seu território e da perpetuação cultural de seu povo. Eles aprenderam a língua do não indígena, os direitos garantidos ao povo brasileiro, passaram a reivindicar seus direitos como cidadãos e nos últimos anos criaram seu próprio plano de gestão.

Hoje contam com uma população de aproximadamente 1,3 mil indígenas (KANINDÉ, 2019). Suas ações são sustentadas em instrumento que criaram coletivamente para enfrentar os novos códigos e desafios perante do mundo moderno. Suas atividades são divulgadas através das redes sociais, blogs e portais que o povo possui (SCOFIELD JR, 2012).

6.1 Os Paiter Suruí: contexto histórico de lutas e conflitos

Os Suruí de Rondônia falam a língua do grupo Tupi da família linguística Mondé. Os Paiter mantêm na lembrança, transmitida de pai para filho, um tempo em que teriam emigrado da região de Cuiabá para Rondônia, ainda no século XIX, fugidos da perseguição de brancos. Na fuga, entraram em choque com outros grupos indígenas e não indígenas (POVOS INDÍGENAS, 2019).

Após o primeiro contato, em 1969 (ver figuras 19 a 21), houve profundas mudanças sociais entre os Paiter. No entanto estas mudanças não conseguiram anular sua essência guerreira, motivo pelo qual lutaram pelo reconhecimento e integridade de seu território diante as terríveis ameaças e violência sofrida no decorrer deste tempo. Segundo Mindlin (1985), entre finais do século XIX até a década de 1920 do século seguinte, a exploração da borracha, a construção da Estrada Madeira Mamoré e a instalação das linhas telegráficas por Rondon, fez emergir forte migração para o Estado ocasionando efeitos tão fortes, através de lutas e mortes e estes efeitos também não pouparam a população indígena. A antropóloga explica que mais tarde, no início da década de 1970, com o programa de colonização que deu à região características de um faroeste devido aos intensos conflitos, a pressão sobre as terras indígenas também aumentou num cerco cada vez mais fechado. Nessa época, por volta de 1980, o povo Suruí tinha uma população estimada em cerca de 67.000 habitantes.

Oficialmente, foram contatados pela Funai em 1969, através de dois sertanistas chamados Francisco Meirelles e Apoena Meirelles, no então acampamento da FUNAI, Sete de Setembro, quando nesse ano visitaram o acampamento, fundado um ano antes, no dia sete de setembro de 1968.

Figuras 19: Suruí no início do contato, 1969

Fonte: POVOS INDÍGENAS, 2019, foto: Jesco Von

Portando trajes e ferramentas típicas daquela época, o momento do primeiro contato dos Paiter com os representantes da Funai é caracterizado através da figura 19, ano final da década de 1960. Por esse fato foi dado o mesmo nome à principal Aldeia Suruí. O nome Suruí da Aldeia é Nambekó-dabadaqui-ba, que significa “o lugar onde os facões foram pendurados” (MINDLIN, 1985).

Figura 20: Vista de malocas em uma aldeia Paiter, 1970

Fonte: POVOS INDÍGENAS, 2019, foto: Possidônio Bastos e Betty Mindlin, 1985, adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

A figura 20 identifica as tradicionais casas dos Suruí feitas de palhas de palmeiras durante a década de 1970 onde hoje está situada a T.I. Sete de Setembro e região do primeiro contato com a sociedade não indígena.

Após o contato, os Suruí passaram a morar de forma permanente no posto da FUNAI em 1973, devido à busca pela assistência médica em razão de uma epidemia de sarampo que matou cerca de 300 pessoas. Cerca de um terço da população passou a morar fora da área indígena, próximo à vila de Espigão do Oeste e quando em 1977 (ver figura 36) mudaram para outro posto da FUNAI, criando a linha 14[8], (MINDLIN, 1985).

Figura 21: Aldeia da Linha 14, em Espigão D´Oeste/RO

Fonte: POVOS INDÍGENAS, 2019, foto: Marcos Santilli, 1977.

A figura 21 mostra mulheres Paiter com seus filhos, em um cenário já bastante diferente do seu na Aldeia Linha 14. Agora em ruas composta por carro, casas de madeira coberta de alumínio e energia elétrica, da Aldeia Linha 14 naquela época, revelando que o contato com os não indígenas era fato efetivo.

Todavia, entre os anos de 1977 e 1983, o aumento das desigualdades sociais acirrou conflitos entre índios, fazendeiros, agricultores, seringueiros e outros extrativistas. Mas foi justamente em um momento conturbado da história quando ocorre a primeira demarcação das terras indígenas, inclusive à Terra Indígena Sete de Setembro criada para os Paiter. A demarcação desta Terra Indígena acontece em

[8] Essas Linhas são correntes na região, provenientes da marcação de lotes dos projetos de colonização (MINDLIN, 1985).

1976 porem a posse permanente foi declarada somente em 29 de setembro de 1983 pelo então presidente da Funai Octavio Ferreira Lima, momento em que recebeu o nome oficial de "Área Indígena Sete de Setembro" (POVOS INDÍGENAS, 2019).

Segundo Almeida e Silva (2012), entre os anos de 1982 a 1987 os Suruí perderam grande parte de seu território recém conquistado para os projetos de colonização e empresas, que desconsideravam a homologação legal das terras, o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil - Polonoroeste. Nesse período o número de migrantes que chegou ao Estado rondoniense foi calculado em torno 271.000, um crescimento de tal ordem que resultou em conflitos fundiários e pressão sobre as áreas indígenas. Os Suruí ainda tiveram suas terras invadidas por pequenos agricultores, comprimidos pelas empresas extratoras e empurrados para o interior das terras indígenas. Tais invasões tiveram sérios desdobramentos na saúde dos Paiter, particularmente nas crianças e idosos gerando impactos profundos (POVOS INDÍGENAS, 2019).

Mas foi em meio a esse furacão que os Suruí sentiram a necessidade de lutar pela defesa de seu território e de sua vitalidade cultural. Então, a partir dos anos finais da década de 1980, jovens Paiter que já dominavam a língua portuguesa, em razão da necessidade de diálogo com os brancos, e que já tinham consciência de como se constituía a sociedade brasileira levaram suas reivindicações até a FUNAI. Foram feitas várias viagens à Brasília para acompanhar os passos da administração da FUNAI. (POVOS INDÍGENAS, 2019).

Nos anos iniciais do século XXI os Paiterey usam de um mecanismo estratégico ao elaborarem e implantarem um Plano de Gestão Territorial composto por uma série de seus etnoconhecimentos. O plano surge com o objetivo de garantir as atuais e futuras gerações Paiter, meios necessários para uma vida com dignidade.

6.2 O Plano de Gestão: em busca do resgate cultural

A grande perda populacional somada à forte pressão e influência cultural externa depois do contato obrigou os Paiterey a criar estratégias de sobrevivência e de resgate cultural. Neste sentido, nos anos iniciais do século XXI eles elaboraram e

implantaram o Plano de Gestão Territorial como forma de preservação e controle de suas riquezas naturais, culturais, sociais, espirituais e territoriais.

O plano é composto por uma série de seus etnoconhecimentos e a inserção de atributos conceituais acadêmicos. Caracteriza-se como um mecanismo estratégico que visa principalmente a gestão territorial-ambiental através de procedimentos e diretrizes das demandas socioculturais. Deste modo o plano produzirá condições para o uso adequado dos recursos naturais, garantindo às atuais e futuras gerações, perspectivas de perpetuação cultural (METAREILÁ, 2010).

As ações do plano são reguladas, contínuas, articuladas e monitoradas, subdivididas em: categorias, atividade e indicadores (ver quadro 02) e consiste das seguintes etapas: Reuniões internas com os Paiter Suruí; entre lideranças outras instituições e trabalho de campo, visitas e reuniões comunitárias nas aldeias Paiter Suruí.

Quadro 02: Planejamento dos Paiter Suruí para os próximos 50 anos.

CATEGORIA	ATIVIDADE	INDICADORES
Sócio demográfico	Planejamento Familiar	• Melhoria na taxa de nascimento; • Melhoria dos indicadores mortalidade; • Interferência no cenário atual de migração para a cidade, com a criação de condições de desenvolvimento sociocultural na TI.
Etno-cidadania	Formar indígenas na área de saúde em todos os níveis educacionais/ Aposentar idosos/ Fortalecer medicina tradicional.	• Número de aposentadorias e benefícios sociais concedidos após o início do projeto; • Melhoria na qualidade do ensino indígena e das escolas de ensino fundamental ofertado para os Paiter-Surui; • Escolas que oferecem ensino médio e superior dentro da TI; • Postos de saúde comunitárias funcionando; • Nº de casas com banheiro básico completo e com acesso à água tratada;

		• Nº de aldeias com coleta de lixo.
Conservação e Proteção da biodiversidade da TI	Proteger limites TI/ Manejar os recursos naturais e dos roçados/Formar Agentes Ambientais Indígena/Formar indígenas nas áreas ambientais no curso superior/ Reflorestar área	• Reavivar marcos dos limites da TI Sete de Setembro; • Realizar expedições de fiscalização dos recursos naturais da TI; • Contratar indígenas para trabalho de Fiscalização ambiental da TI; • Programa Conservação Etnoambiental da TI; • Criar Novas aldeias e áreas de reflorestamento; • Diminuir a exploração ilegal de madeira;
	desmatada/ Obter roçados sustentáveis/ Implantar Sistema agroflorestais/ Recuperar sementes indígenas/Desenvolver ecoturismo/Implementar Serviços Ambientais	• Adotar medidas de uso sustentável dos recursos naturais da TI; • Preparar estruturas para o turismo; • Aumentar número de turistas na terra indígena; • Implementar Projeto de carbono; manejar recursos hídricos.
Governança	Fortalecer Sistema de Governança Tradicional	• Tomada de decisões através de representantes de clãs a partir da demanda da comunidade; • Realizar reuniões periódicas entre os Diretores de Associações Indígenas e os chefes dos clãs para discutir, avaliar e monitorar o andamento do projeto; • Criar espaço para reclamações; • Realizar reuniões gerais para disseminação de informações e resultados; • Realizar reuniões quando solicitado entre indígenas e entre parceiros quando necessário.

Aspectos Culturais	Valorizar cultura	• Realizar de festas e ritos tradicionais nas 110 aldeias; Construir casas tradicionais nas aldeias; • Valorizar a produção de produtos locais para comércio (agrícolas, artesanatos, etc.); • Realizar pesquisas etnográficas realizadas para a documentar a cultura e história do povo Paiter-Surui; • Realizar e divulgar exposições sobre a cultura; • Valorizar as práticas tradicionais de cura e promoção à saúde.

Fonte: METAREILÁ, 2010.

Como se vê, a grande finalidade do plano é gerar os benefícios necessários para a valorização e resgate da cultura e dessa forma conservar suas riquezas naturais. Quantos aos aspectos culturais, última categoria do plano, observamos que uma das atividades é realizar, divulgar e expor sobre sua cultura. É justamente neste ponto entram como auxiliadoras deste processo, as novas tecnologias da informação e comunicação, que vão auxilia-los nesta divulgação. Ademais, para além destas questões é importante destacar que o plano visa também combater o envolvimento de indígenas nas práticas ilegais. A grande pressão existente em seu entorno gera a exaustão dos recursos naturais e acelera da degradação do meio ambiente e coloca em risco hábitos antigos de sobrevivência conforme citação:

> Mesmo as TIs demarcadas e homologadas recebem pressões de toda ordem, tais como: invasão de posseiros, madeireiros, garimpeiros, fazendeiros, sitiantes, caçadores, pescadores; impactos diretos e indiretos de usinas de pequeno, médio e grande porte produtoras de energia, estradas; poluição e contaminação dos cursos d'água; cidades e vilas construídas próximas às TIs, entre outros, de modo que inúmeros problemas ecoam internamente – drogas, álcool, delitos e outras questões que promovem substanciais transformações no modo de vida. (ALMEIDA SILVA, 2012, p. 11).

Diante o fato, há a preocupação enorme em frear esses malefícios oriundos das grandes transformações decorrentes após o contato. Em entrevista concedida em 2018, o líder maior deste povo, (Labiway E-Saga) Almir Narayamoga Suruí, fala sobre como tudo aconteceu e como está sendo o novo desafio:

> [...] como líder nasci e cresci lá, vendo todos os desafios enfrentado por esse povo e também na região. Dessa forma junto com outros líderes do sistema

> de governança do povo Paiter Suruí, nós criamos o Plano de 50 anos. É uma estratégia de 50 anos, e dentro do plano de 50 anos temos 12 programas maiores. Eu tenho atuado mais no plano do meio ambiente, hoje também na área de educação [...] eu não vou dizer pra vocês também que o meu conhecimento e o do meu povo é melhor que o de vocês, como eu to dizendo aqui, é, uma sociedade tem de falhas, então precisa avalia e reverter esses falha como instrumento que pode trazer um grande reflexão e buscar a melhor delas, [...] porque o Brasil tem um grande potencial que é pega uma parte da Amazônia e não sobe valorizar. [...] o Plano/diagnóstico foi construído com as nossas ideias, com a nossa participação, então, ela tem que ser um resultado do nosso trabalho. E nós temos que ter protagonismo em relação a isso. Já tem uns 10 anos que estamos construindo esse plano de 50 anos dos Paiter-Suruí. Ele foi importante para a conquista de alguns momentos da luta dos Paiter-Suruí, uma dessas lutas é o Paiter-Suruí sair fora dos madeireiros ilegais e hoje. Também temos alguns parceiros potencias que estão consolidados ao grupo de parceiros dos Paiter-Suruí, como USAID, GOOGLE, KANINDÉ, ACT, IDESAN, FLOREST TREND, FUNBIO. Então, o plano pós-diagnóstico, orientou para que pudesse construir essa relação, de diferentes parceiros (Governos e ONGs) que têm diferentes ideias, isso é uma conquista. (SURUÍ, ALMIR, 2018).

Conforme a fala de Almir, este é um plano de longo prazo, 50 anos, construído com as ideias do próprio Paiter e, apesar do pouco tempo de existência, já é uma conquista. Mas a grande sacada foi se aliar às novas tecnologias através do pedido de ajuda a grandes empresas, parceiros estratégicos já consolidados no mercado mundial, como a Google, por exemplo. A ajuda alcançada tem auxiliado no alcance dos objetivos do Plano de Gestão segundo o líder Almir.

Figura 22: O líder Almir Suruí, eleito pela revista norte-americana "Fast Company" como uma das 100 pessoas mais criativas do mundo

Fonte: UOL, 2011.

A figura 22 mostra Almir Suruí e seu laptop dentro da floresta, revelando o novo posicionamento dos Paiter. Ele é um dos mais ativos defensores do seu povo e um dos mais requisitados palestrantes do planeta quando o assunto é preservação autossustentável da Floresta Amazônica. Com várias premiações, foi eleito em 2011

uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. Trabalha através de uma nova perspectiva e sabe que é hora de se aliançar com o que o mundo moderno oferece para continuar seu legado cultural, adotando as novas tecnologias diante um cenário indígena difícil e com múltiplas facetas. (KANINDÉ, 2019).

6.3 O contato com as novas tecnologias: o novo mundo pede mudanças

O cenário incerto impulsionou o povo Paiter Suruí sair da posição de expectador tomando novo posicionamento no enfrentamento diante as ameaças sobre seus territórios. A incorporação de modernas tecnologias foi uma aliança estratégica para monitorar e preservar sua herança cultural e ainda melhorar seu bem viver. Essas novas tecnologias surgem como ferramenta que os ajudam a combater, dentre outros, os invasores de suas terras.

Este novo posicionamento indígena é fato notório na Amazônia brasileira. Assim como em outras regiões do mundo, as tecnologias é fato no dia a dia dos povos tradicionais e passaram a fazer parte da vida pessoal ou profissional de alguns destes povos, seja pela utilização de um notebook, de um aparelho celular, câmeras filmadoras ou até mesmo pela criação de aplicativos para a própria etnia. (ASHANINKA, 2019).

Para Pinto (2009) a busca de novas formas de sobrevivência através das novas tecnologias da informação e comunicação, representa oportunidade destes povos em rever sua autonomia em um cenário a cada dia mais incerto e complexo. Sua luta está na busca pela reestruturação cultural e resgate de tradições desfaceladas depois do contato.

Sem dúvida nota-se uma estratégia admirável deste povo, o modo como se levantaram para refazer culturalmente através destas parcerias contribui para a salvaguarda do seu território. Sobre este debate, encontramos em Almeida Silva (2012; 2015a; 2015b), suas considerações quando aponta que após ser vitimados pelo processo de desenvolvimento e da expansão do capital, os indígenas têm desenvolvido métodos e estratégias de resistências. Nas últimas décadas, principalmente, a partir dos anos 1980 e se organizado em defesa de seus interesses. Nesta reinvenção, refletimos sobre o posicionamento de Almir Suruí ao entender que

para combater as influências do mundo moderno sobre seu povo foi preciso empregar as ferramentas mais modernas existente desta nova era. Por isso, nos primeiros anos do século XXI eles tiveram que se reinventar tecnologicamente. Em 2007 este líder solicitou aos executivos da Google que ajudassem seu povo a monitorar a floresta (SCOFIELD JR, 2012). Ele também participou de grandes encontros mundiais sobre o meio ambiente apresentando a importância destas novas tecnologias no combate aos males ambientais dentro de sua terra, conforme mostra figura 23.

Figura 23: Almir Suruí em Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, Copenhague, Dinamarca, 2009

Fonte: UOL, 2011.

Um ano após o pedido de Almir, em 2008, o Google Earth Outreach, forneceu celular e laptops equipados com programas de dados capazes de abastecer o povo com informações sobre a floresta que foram recebidos com faixa de boas-vindas.

Figura 24: Boas vindas do Povo Indígena Paiter Suruí à equipe Google

Fonte: UOL, 2011

Na figura 24 verifica-se a boa disposição do povo ao receber a equipe da Google em sua Terra, ao utilizarem faixas dando-lhes boas-vindas. Quando em 2012 foi a Google ofereceu ao povo Suruí um treinamento com uma equipe composta por 30 indígenas ajudando-os a como manusear os alguns equipamentos como celulares e laptops para que desta forma eles pudessem monitorar os limites da Terra Indígena Paiterey Kãrah. (SCOFIELD JR, 2012).

Figura 25: Suruí em treinamento pela Google, 2012

Fonte: Associação KANIDÉ, 2012, adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

A figura 25 ilustra os momentos iniciais de treinamento deste povo pela equipe da Google, desde a reunião até a parte pratica com a interação de todos ali, inclusive da liderança maior, Almir Suruí, exalando deste modo, boas e fortes expectativas. Eles também aprenderam a filmar e a postar vídeos no Youtube. (SCOFIELD JR, 2012).

Figura 26: Comunidade Suruí aprendendo a filmar para divulgar sua cultura

Fonte: KANIDÉ, 2012.

A figura 26 mostra os indígenas dentro da floresta em treinamento com os novos equipamentos de filmagens. É um novo e determinante momento vivido por eles. A Google também ampliou seus programas integrando grupos indígenas em seus mapas. A partir de então o Google Maps e Google Earth dispõe de mapas indígenas que entre outros benefícios ajudam a proteger e divulgar estas comunidades em escala planetária. (UOL, 2011).

Figura 27: À esquerda, equipe Google monitorando a T.I. Sete de Setembro de dentro de uma de suas Aldeias; no centro, mapa da T.I. disponibilizada pelo Google Maps; à direita divulgação do mapa nas redes sociais indígenas.

Fonte: UOL 2011; Google MAPS 2019; via instagran @wagohpakob_paiter, 2019; adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

A figura 27 mostra outro recurso grandioso oferecido pela Google, o Google Maps é um recurso que possibilita divulgar sua Terra rompendo qualquer barreira física, uma vez que está disposta em escala planetária.

Outro recurso com avançada tecnologia que também passaram a utilizar é o drone, chamados de VANT (Veículo Aéreo Não Tripulado) ou VARP (Veículo Aéreo Remotamente Pilotado), uma das tecnologias que mais tem chamado a atenção nos últimos tempo por possuir diversas utilidades como por exemplo fazer imagens aéreas em ambientes hostis.

Figura 28: Imagem aérea do Centro cultural Paiter Wagôh Pakob filmada através de um drone

Fonte: via instagran @gasodapaiter, 2019.

Conforme mostra figura 28, um dos indígenas utilizam deste moderno equipamento para divulgar o Centro Cultural Paiter. Ao fazer tais imagens divulgam em suas redes sociais, tornando-se um equipamento perfeito, já que podem projetar-se espacialmente de forma pratica e eficiente uma vez que se trata de um ambiente de difícil acesso.

A partir deste projeto estes indígenas passaram a desempenham papel importante, pois ganharam autonomia quanto ao controle de seu território. Foi em verdade, um jeito inovador de empreender os conflitos de seu território, uma estratégia mais que moderna para minimizar a infecção adquirida em sua cultura.

Em conversa com o representante da Aldeia linha 09, o Cacique Urariwe Suruí (ver imagem 01) fez uma retrospectiva da situação de seu povo despois do contato,

as questões quanto ao seu território e sua visão sobre a implantação destas novas tecnologias.

Imagem 01: Cacique Urariwe Suruí, da linha 09, Terra Sete de Setembro.

Foto: Paulo Cesar B. Pereira, 2019.

Imagem 01, o cacique Urariwe Suruí, deitado em sua rede, na Aldeia Paiter Linha 9, da T.I. Sete de Setembro, que relata sobre a importância das tecnologias para seu povo.

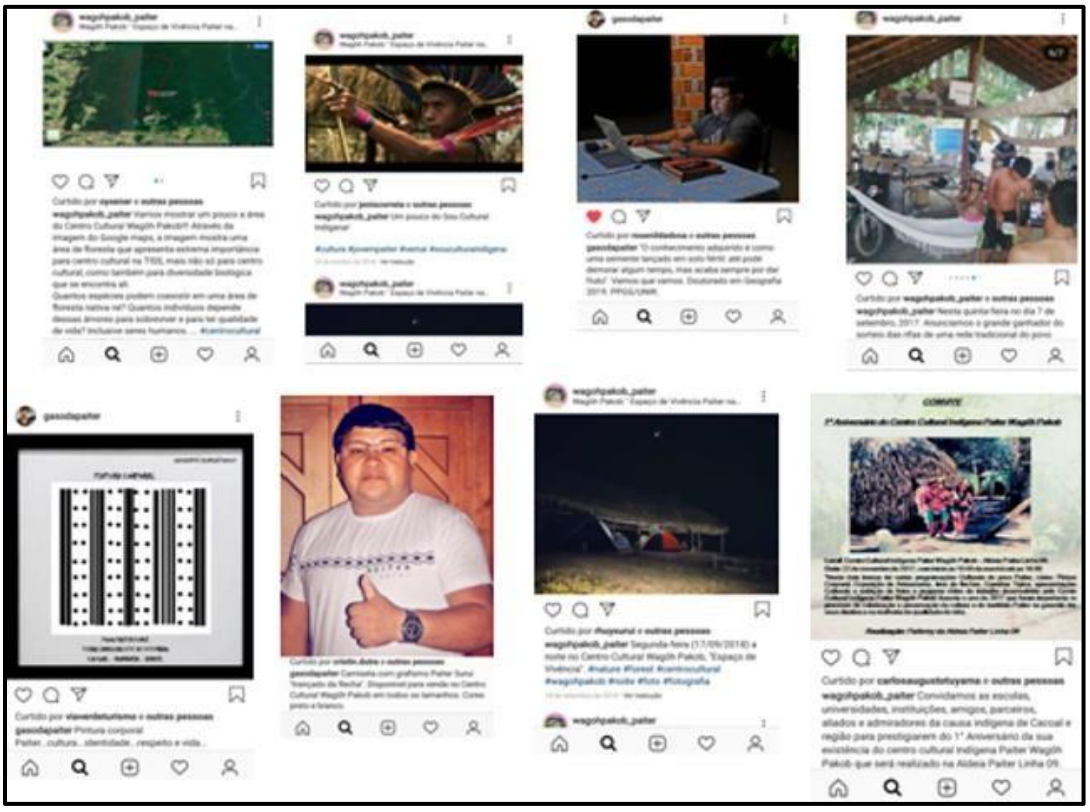
> Esse ano os Suruí completam 50 anos com a saciedade não indígena. De lá pra cá mudou muito a nossa vivência, no sentido de mudar o pensamento, de lidar as questões que vieram com o contato. Antes o arco e flecha, o machado de pedra e as lanças, eram usados pelos guerreiros pra poder se defender [....] Mas nós precisava ter as ferramentas disponíveis pro enfrentamento que poderia surgir mais pra frente. Depois do contato teve ajuda de estrutura da Funai com escolas, postos, mas ao mesmo tempo foram crescendo a nova geração. Eles ajudaram muito na questão do diálogo, e agente entender como a gente poderia lidar com as pessoas de fora, as pessoas que não conhece a nossa cultura. Essa experiência foi muito difícil porque tudo que não é nosso até adequar isso dentro de nossa cultura, leva tempo entender o que não é nosso [....].
>
> A questão do territorial é uma questão importante pra nós e eu vejo que os Suruí conseguem pensar nisso, e cria iniciativa e faz a ideia acontecer. Eu vejo que o futuro do Suruí vai depender muito da iniciativa de cada aldeia, como cada aldeia tá pensando trabalhar o território, porque sem território é muito difícil se o Suruí consegue se organizar enquanto povo, enquanto território, eu vejo que poderia alcançar a melhoria. A outra coisa é a busca de

> conhecimento de cada um, que tem líderes e jovens muito bom, e que busca estudar mais ainda. Tenho certeza que isso futuramente vai ter muita utilidade para a comunidade Suruí, trazendo mais segurança [....]. O que dá certo a gente leva do nosso jeito de se organizar, o que não dá certo a gente não segue, descarta. [...] Pensando no nosso futuro a gente precisa saber utilizar as tecnologias que não é nossa. É claro que a tecnologia tem um peso muito forte, enquanto povo indígena a gente conseguiu perceber essa dimensão. Mas temos ainda dificuldade de entender o contexto todo, sobre a tecnologia. A gente aderiu às filmagens, as fotos pra registrar e divulgar nosso trabalho, por exemplo, dos artesanatos. Com isso a gente consegue impor o nosso valor e o que isso representa pra nos. (SURUÍ, URAIUÉ, 2019)

Conforme esta fala, o cacique afirma que hoje eles possuem outras formas, enquanto instrumento de defesa, uma vez que vivem sempre com a preocupação de se defender, pois, o Território resgatado foi justamente pelo trabalho da defesa. Eles entenderam que era necessário ter ferramentas à altura do cenário atual, e sabem do peso que exercem as novas tecnologias ao utilizarem para propagar seus artesanatos, impondo o valor que isso representa para eles.

Por esse motivo, hoje, estes povos estão nas redes sociais divulgando sua cultura aos “quatro cantos do mundo”, e também vendendo seus produtos:

Mosaico 01: Comunidade Suruí nas redes sociais divulgando sua cultura



Fonte: via instagran @gasodapaiter, 2019, adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

Conforme mosaico 01, este povo está atuando de forma intensa nas redes sociais e divulgando sua cultura, uma mudança de postura na vivencia indígena que faz uma ruptura em seus modos tradicionais de se relacionar com o mundo. O cacique também frisou sobre a importância que há em seus artesanatos e o valor agregado neles para sua cultura.

> O Suruí hoje mantém o artesanato, mas ele pensa muito em melhorar sua organização e utiliza isso como sua defesa, busca apoio fora da aldeia, porque hoje a gente percebeu essa diferença né, pra garantir a sobrevivência do nosso povo. Quando a nossa terra foi demarcada alguns materiais pra fazer o arco e flecha, por exemplo, a taboca, ficaram em outro território. Isso aconteceu, temos essa dificuldade, mas a gente consegue aos poucos com estes outros povos.
>
> O nosso artesanato é algo muito forte pra nós, representa a arte e importância do nosso povo. O sentimento do arco e flecha e o Cocar pro Suruí é que ele se sente mais pronto pro enfrentamento. Ele se sente mais preparado pra ajudar o seu povo, ele carrega consigo essa responsabilidade. Isso é a importância do nosso artesanato. (SURUÍ, URAIUÉ, 2019)

Urariwe Suruí revela o valor cultural representado pelo artesanato de seu povo. É algo que não pode ser mensurado, pois carrega sentimentos internos e próprios, que somente eles podem expressar. Por sua narrativa, imagina-se o peso que exerce sobre eles, como se fosse sua identidade.

Imagem 02 e 03: À esquerda, roca de fiar algodão, modo tradicional da mulher Suruí confeccionar suas de redes; à direita, a rede confeccionada por Manganogan Suruí, uma das anciãs da linha 09.

Foto: Paulo Cesar B. Pereira, 2019.

As fotos 02 e 03 mostram que o modo tradicional de confeccionar redes ainda é pratica constante em seu povo, confirmando na fala do Cacique, o poder que elas exercem.

Imagem 04 a 07: Ferramentas tradicionais utilizadas pelas mulheres Suruí para confeccionar colares e cocás

Foto: Paulo Cesar B. Pereira, 2019.

As fotos 04 a 07 mostram as tradicionais ferramentas utilizadas pelas mulheres Suruí, revelando ser trabalho minucioso e demorado e por onde vem um pouco de suas rendas. Estes artesanatos é elemento fundamental para os Suruí, caracterizado como laço forte e único pois é com eles que se sentem prontos para o enfrentamento diário.

Urariwe Suruí ainda faz uma análise da trajetória de seu povo e os percalços enfrentados ao longo dos.

> Realmente as coisas mudaram muito. Eu tenho acompanhado os trabalhos que foram feitos. A nossa aldeia já vai completar 40 anos, ela é a terceira maior aldeia em termos de população de estrutura. Antes não havia estrutura nenhuma. Então eu acompanhei a dificuldade na vivencia com meus pais. Antes não havia escola, posto de saúde, energia. Até pra pedir ajudar era mais difícil porque não sabia o português. Nós passamos por muitas dificuldades, porque não tinha noção de como trabalhar essa dificuldade, mas, sabia que tinha a noção que tinha que nos organizar enquanto povo. [....] (SURUÍ, URARIWE, 2019).

A fala do cacique revela os problemas enfrentados ao longo dos anos depois do contato devido, principalmente, a falta dos recursos básicos diários. Todavia, hoje sua realidade é diferente ao se verificar a existência de modernos equipamentos dentro de sua aldeia que eles utilizam, conforme mostra as imagens a seguir:

Mosaico 02: Alguns dos modernos equipamentos existentes dentro do Centro Cultural Indígena Paiter Wagôh Pakob

Fotos: Paulo Cesar, 2018,

Conforme mosaico de imagens 02, verifica-se que, diferente dos relatos de Uraiué. Atualmente, quando se visita o Centro Cultural deste povo, na Linha 09, é possível verificar que eles já dispõem de algumas tecnologias de ponta que podem e são utilizadas no dia-dia desta Aldeia. Presume-se deste modo que, as transformações ocorridas desde o contato acarretaram mudanças estruturais dentro deste povo, que logo perceberam a necessidade de se organizar enquanto povo para se fortalecer aos enfrentamentos do futuro com uma sociedade de costumes e ferramentas diversa às suas.

Acrescente-se ainda, outro projeto que este povo já está colocando em prática para divulgação de sua cultura é o Projeto Sonora Brasil. O Projeto é uma turnê nacional de música promovido pelo Serviço Social do Comércio (Sesc). A turnê passará por todas as capitais do país com apresentações de vários povos indígenas, inclusive os Paiter Suruí e terá como um dos temas “A música dos Povos Originários do Brasil”. O Sonora Brasil é o maior projeto de circulação musical brasileiro com cerca de 450 apresentações anuais com objetivo de difundir a diversidade da musicalidade brasileira. (AMAZONIAREAL, 2019).

Figura 29: Grupo Wagôh Pakob, Paiter Suruí em apresentação pelo Projeto Sonora Brasil

Fonte: portal SESC, 2019, adaptado por Paulo Cesar Barros Pereira, 2020.

A figura 29 mostra o povo Suruí apresentando sua cultura com suas danças através do projeto Sonora Brasil. É mais uma forma que este povo encontrou de divulgar sua cultura para o Brasil e o mundo através de seus ritos e danças.

Finalizando a fala do Cacique Uraiué ele comenta sobre expectativas futura:

> Eu vejo que o Suruí há dez anos, tinha muita força política, de união. Eu acho que essa união tá se consolidando. Nós entendemos nas últimas assembleias que estava na hora de consolidar mais a nossa união. Isso tem surgido algumas iniciativas, como as da nossa aldeia. Isso refletiu muito internamente pra nós. Isso foi uma reflexão muito forte. Isso facilita futuramente os apoios dos membros, da família, da comunidade toda. Hoje, os mais velhos acreditam muito nesse tipo de líder, que tem a capacidade, o potencial de levar aquela atividade acontecer e que isso traga um retorno pra comunidade. No caso do nosso Centro Cultural é uma prioridade pra nós hoje, pra mostrar a nossa cultura, aquilo que a gente acredita. Quando há união há proteção e o ganho é muito maior. (SURUÍ, URAIUÉ, 2019)

Segundo o Cacique Uraiué, é a união que os mantêm fortes e acredita que essa força tem crescido nos últimos anos, através das iniciativas que tem surgido. Outro ponto forte nisso é que até os anciões tem se manifestados em favor desta nova forma de agir.

Neste sentido, durante pesquisa de campo realizado em janeiro de 2019 na Linha 09 desta T. I., entrevistamos Iamangan Pô Suruí, também conhecido por Iubajara, atualmente considerado um dos indígena mais velho deste povo, estimado com idade bem mais de 100 anos (nem ele nem a Funai sabem a idade correta, o que se sabe é que ele é muito antigo). Como Iamangan Pô não fala o português, a entrevista foi traduzida por outro indígena, seu sobrinho Gasodá Suruí.

Imagem 08 e 09: Iamangan pô Suruí, do povo indígena Suruí, Terra Sete de Setembro, Cacoal, RO.

Foto: Paulo Cesar B. Pereira, 2019.

Iamangan Pô, em que se acredita possui mais de um século de vida, é o mais velho dos Suruí, conforme imagens 08 e 09, ele ainda utiliza seu tradicional arco flecha. Em uma conversa ele nos falou sobre o uso das principais ferramentas para se proteger e buscar alimentos, as tecnologias da época quando seu povo ainda vivia sem o contato com o não indígena:

> Pra cada momento eu tinha ferramenta pra sobreviver. Pra caçar, era mais arco e flecha. Hoje em dia que existe linha pra pescar, antigamente era com flecha, a pessoa tinha que chegar escondido no rio aí de longe cercar o peixe. Pra tirar mel tinha que ter machado de pedra, grande, afiado, pra cortar árvore e furar onde tinha o mel pra comer. O machado também era pra quebrar a castanha pra comer. Era o que a gente usava para manter junto a família. (SURUÍ, IAMANGAN PÔ, 2019).

Na fala de Iamangan Pô, o arco e flecha e o antigo machado de pedra eram as principais técnicas de sobrevivência deles. Era a estratégia que usavam para manter junto à família deles. A tecnologia indígena daquela época era usada com o objetivo principal de os manter junto, que não difere dos objetivos de hoje, conforme já mencionado pelo Cacique Uraiué em falas anteriores. As ferramentas eram confeccionadas com os próprios recursos da floresta e permitia, naquela época, o sustento e sobrevivência através da construção de objetos, utensílios e artesanatos, casas, conforme vemos nas imagens a seguir:

Mosaico 03: Alguns objetos e técnicas tradicionais utilizados pelos Paiter Suruí

Foto: Paulo Cesar B. Pereira, 2019.

O mosaico de imagens 03 mostra os antigos objetos utilizados para uso diário e as técnicas utilizadas para fazer suas casas utilizando os recursos da própria floresta. Todavia, com o tempo, muitas destas práticas foram sendo substituídos por outras de povos não indígenas, e o motivo verifica-se na fala a seguir:

> Por mim eu podia usar essa técnica, mas só que pela minha idade eu não tenho mais condições de ir pra floresta, ir pra caçar, tirar mel. Pena que os jovens já não tenha mais essa pratica, eles tão substituindo outras ferramentas por ferramentas tradicional: um machado, uma espingarda, uma linha, uma vara de pescar. Por exemplo: o pé de pupunha, além de produzir o fruto pra você ela é uma ferramenta importante porque é usado pra fazer o arco. Então você come o fruto e o pé te dar uma ferramenta. É muito importante você ter ferramenta, se você não tiver, como você vai sobreviver? Eu produzia porque eu cuidava. Talvez a falta de interesse da nova geração hoje, não ter mais as ferramentas tradicionais é essa falta de interesse deles. Eu tinha interesse! Eu tinha ferramenta tanto na floresta como perto da aldeia pra facilitar. (SURUÍ, IAMANGAN PÔ, 2019).

Observa-se na fala de Iamangan Pô que os indígenas mais jovens não perpetuaram dos costumes antigos, sem o interesse pelas técnicas tradicionais utilizadas por seu povo, substituindo pelas mais modernas. O conforto e a praticidade oriundo das ferramentas atuais geraram perda dos costumes tradicionais e consequentemente a escassez das ferramentas tradicionais. Iamangan percebe as

muitas técnicas de sobrevivência do seu povo porem vê a falta de interesse dos mais jovens em praticá-las. Neste sentido, ao citar estas mudanças, perguntamos sua opinião de como vê, pensa e entende toda essa nova tecnologia usada pelos mais jovens.

> Conhecer tecnologia da cultura não indígena, as vezes é bom mas ao mesmo tempo é ruim. Tem ferramenta que é bom, porque constrói o fortalecimento da cultura indígena, por exemplo: material pra registro, filmagem,...tudo isso é bom pro indígena. Porque no dia de hoje a gente tá sendo pressionado, então nesse momento, a gente usa essa ferramenta tecnológica pra fortalecer a cultura. Se a gente filma uma festa nossa, amanhã a pessoas possa ter tanto interesse. Através disso a gente pode mostrar como era nosso povo e trazer mais incentivo. Agora tem coisa que não vale a pena mesmo, por exemplo: a televisão, ela traz muita coisa que não presta pra nossa cultura. Isso acaba tirando atenção da nova geração, acaba enfraquecendo a nossa cultura; outra coisa é o alimento industrializado, porque tem comida que não faz bem pra saúde. Eu mesmo, eu sou idoso, eu não tenho costume de comer comida não indígena, eu prefiro o meu do que comprar um arroz ou feijão, eu prefiro comer o meu mesmo. Porque nem tudo que vem da cultura não indígena é bom pra nós. Isso ajuda muito a pessoa viver mais tempo. Você tem que obedecer a algumas regras alimentar que é muito importante pra saúde né. (SURUÍ, IAMANGAN PÔ, 2019).

A fala do ancião mais antigo revela que o moderno nem sempre é bom para seu povo pois, ao mesmo tempo em que proporciona coisas boas ela pode também acarretar diversos problemas, principalmente com a nova geração, que em seu ponto de vista, já não possui tanto interesse em perpetuar seus costumes. Sua fala reflete o peso e as influências que as tecnologias externas possuem sobre as tradições de um povo. Torna-se uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo que contribuem positivamente para a divulgação da cultura; busca de incentivos e consequentemente no fortalecimento do povo, ela pode causar sérios danos, principalmente aos mais jovens que pode gerar, neste sentido, o enfraquecimento da cultura devido a substituição dos costumes tradicionais. Essa é a grande preocupação do ancião.

Percebe-se neste processo que o “novo” acaba por influenciar ou formatar pouco a pouco esta cultura. Esse é ponto fundamental para analisarmos os novos e modernos hábitos que vão se infiltrando e consolidando dentro desta cultura a ponto dos mais jovens não possuir interesse maior pelos costumes de seu povo.

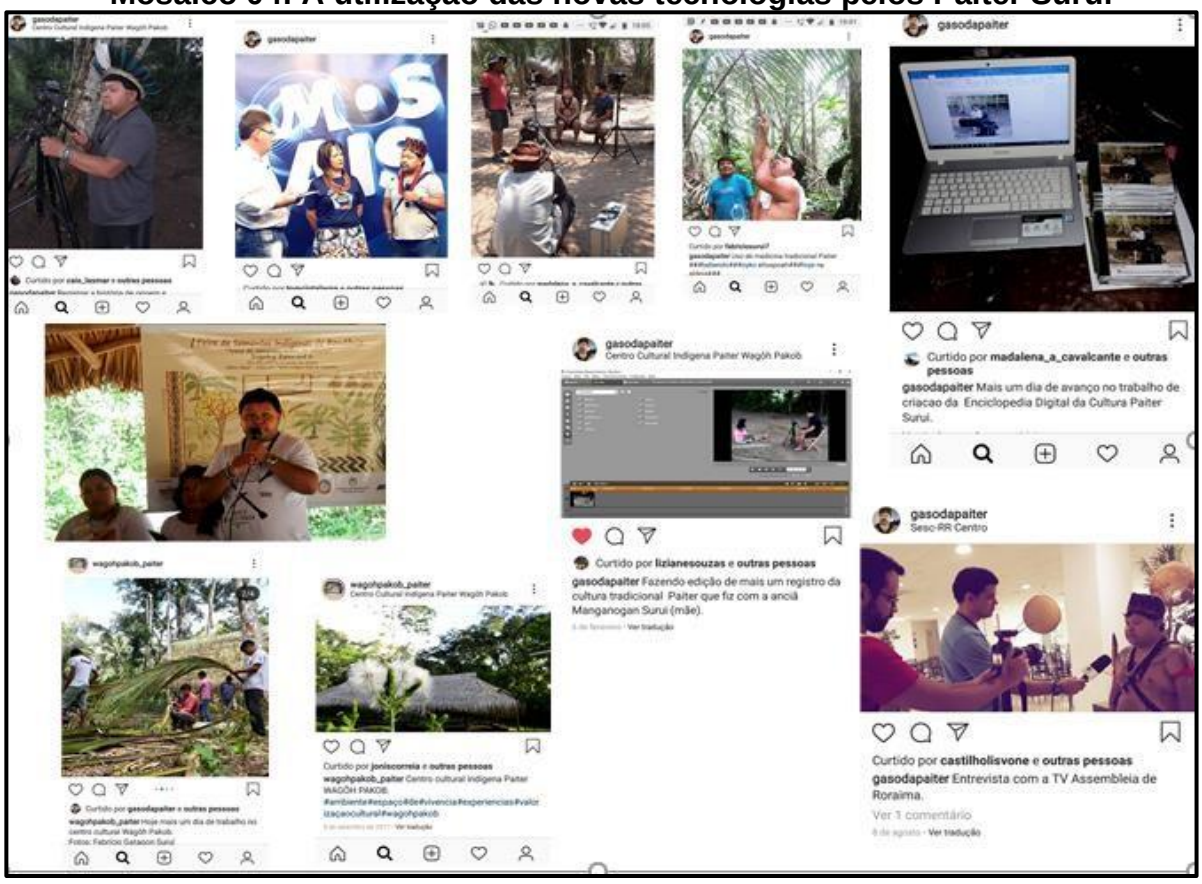
Sobre isso, Lion (1997) explica que cada sociedade cria, recria, pensa, repensa, deseja e age sobre o mundo através da tecnologia. Para ele a tecnologia seria impensável sem admitir a relação entre o homem e a sociedade. Lévy (1999) afirma

que tanto as técnicas como as tecnologias abrangem de maneira indissolúvel, interações entre pessoas vivas e pensantes, entre entidades materiais, artificiais, entre ideias e representações. O desenvolvimento destas novas tecnologias seria, portanto, imprescindível para explicar as transformações sociais (LAYTON, 1988) e que elas estão intrinsecamente ligadas.

Acreditamos que os apontamentos destes autores refletem bem o motivo da falta de interesse destes jovens indígenas, causado segundo Iamangan Pô, pela força exercida das novas tecnologias da informação e comunicação. Seria este ponto fundamental para explicar as transformações das sociedades, inclusive a sociedade indígena Suruí.

Ao analisarmos a fala de um ancião verificamos que estas novas tecnologias exercem peso determinante neste povo. Todavia, é risco corrente, foi o modo que as atuais lideranças encontraram de combater o mal ocorrido em seu povo, o desfacelamento cultural. A divulgação eletrônica tem sido arma eficaz até então.

Mosaico 04: A utilização das novas tecnologias pelos Paiter Suruí

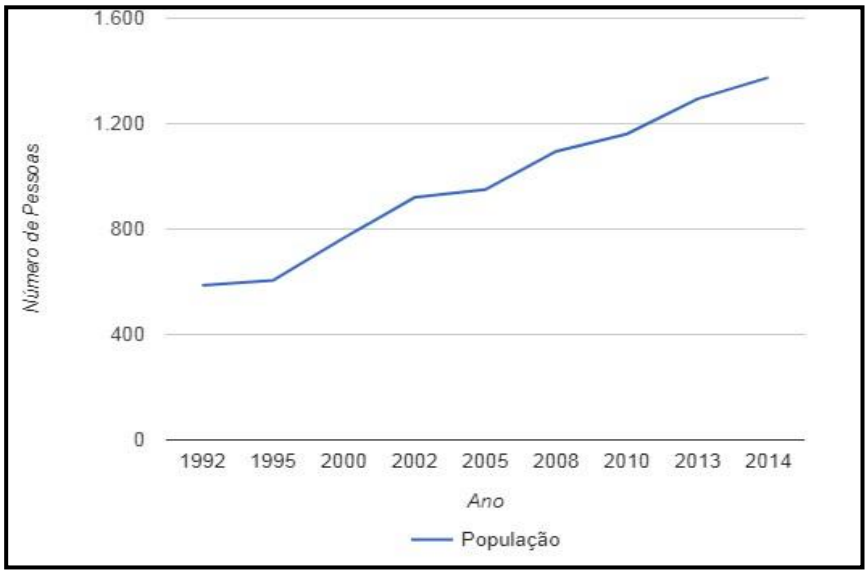


Fonte: via instagran @gasodapaiter, 2019, adaptado por Paulo Cesar B. Pereira, 2020.

Observa-se no mosaico 04 as diversas postagens via instagran de um dos Suruí, divulgando seus momentos de filmagens, entrevistas, palestras, entre outros. Desse modo, este povo tem sido pioneiro ao se beneficiar destas novas tecnologias como forma de promover e fortalecer sua cultura, passo desafiador traçado pelos líderes em buscar da perpetuação cultural. Assim, paulatinamente o território indígena Suruí vai galgando em busca de sua reestruturação.

O plano traçado para o resgate da cultura deste povo foi pensado e planejado diante a situação de alta vulnerabilidade social e cultural que estavam vivendo. Conforme os relatos anteriores, diversas foram às lutas enfrentadas nestes 50 anos. Isso fez eles saírem da posição de expectadores e buscassem novas formas de enfrentamento, mas agora com ferramentas mais sofisticadas, uma vez que perceberam sua grande importância e que poderia tornar-se arma eficaz em suas mãos para concretizar os objetivos de seu plano. O resultado deste projeto já é percebido, fato este com o crescimento populacional nos últimos anos, conforme mostra o gráfico 01:

Gráfico 01: Dados do crescimento demográfico da T. I. Sete de Setembro



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), adaptado por Paulo Cesar B. Pereira, 2020.

O gráfico (01) revela a evolução populacional nas últimas décadas, um aumentado considerável depois do entendimento que deveriam adotar uma estratégia

para sobrevivência do território. Isso revela que o plano elaborado como estratégia de Gestão Territorial e a adoção das novas tecnologias está trazendo pontos positivos.

Isto posto, temos um novo arco e flecha diante o século XXI. Substituídos pelos tradicionais, as novas tecnologias chegam como meio de defesa territorial, fortalecimento cultural-identitária para a quebra dos discursos postos como atrasados, bárbaros e primitivos. É uma nova forma do indígena pensar o “moderno” diante um mundo multifacetado e diverso. O povo indígena Paiter Suruí aos poucos vai adaptando-se aos novos instrumentos disponibilizados pelo que o mundo altamente tecnológico oferece e entende que é necessário conhecer, estudar e adequar-se aos novos padrões sociais de seu mundo externo.

Toda essa nova forma de gestar o território nos leva a analisar sobre o conceito de demarcador territorial, defendido Almeida Silva (2015):

> [...] Instrumentos de gestão territorial do Estado que atua sobre os indivíduos e as coletividades, o que implica em estruturas de poder [...] exercidas pelo Estado [que] opera um caráter de controle e regulação territorial [...] compostos prioritariamente pelos elementos político, cultural e étnico, ambientais, tecnológicos e de valorização dos objetos dispostos na natureza, que são responsáveis pelo continuum da existência física, cultural e territorial. (SILVA, 2015, p. 117-118)

A partir deste conceito, verificamos que um demarcador é algo que carrega interesses, desejos de controlar territórios e riquezas indígenas diante uma política estatal. Eles carregam múltiplas representações, agregam inclusive o poder simbólico. Nisto encontramos as novas tecnologias embutida neste conceito, uma vez que atualmente exercem um poder de controle neste território atuando como instrumento de gestão territorial.

Para além deste conceito também analisamos o de marcador territorial, compreendido a partir de:

> [...] Símbolos que ocorrem enquanto espaço de ação, definem territorialidades vinculadas à cosmogonia e experiências sócio-espaciais e possibilitam a formação das identidades culturais e do pertencimento identitário. Sendo assim, os „marcadores territoriais são experiências, vivências, sentidos, sentimentos, percepções, espiritualidade, significados, formas, representações simbólicas e presentificações que permitem a qualificação do espaço e do território como dimensão das relações do espaço

> de ação, imbricados de conteúdos geográficos. (ALMEIDA SILVA, 2015, p. 106)

Observamos que tais marcadores territoriais são aquilo que possui significado para o indivíduo ou para a coletividade, aquilo que o rodeia através de sua ação no espaço, no ambiente material e imaterial, e em suas (re) configurações neste mesmo espaço. No caso dos indígenas Suruí, um arco e flecha seria um exemplo de um marcador pois, possuem significado fundamental, são como a identidade deste povo. Ao adotar as novas tecnologias como ferramentas de enfrentamento e de subsistência, tornam-se estas também, marcadores territoriais. Isto nos leva a concluir que tais ferramentas transformaram-se de demarcadores para marcadores territoriais nesta T.I.

Para refletirmos melhor sobre este conceito analisemos a discursão de Carvalho Mello e Almeida Silva (2015) quando afirmam que a adoção dessas tecnologias se caracterizou aquilo que classificam como “antropofagia pós-moderna”, isto é, a capacidade de emprego de instrumentos de estratégia transcultural-territorial que visam fortalecer a cultura e a identidade, bem como se municiar para o enfrentamento dos discursos pós-colonialistas.

É diante essas definições que arriscamo-nos a apontar estas novas tecnologias como possíveis novos marcadores territoriais do Território Indígena Paiter Suruí. A tese é que elas se metamorfosearam, ou seja, reconfiguraram a forma de gestar seu território. Há aí uma formatação cultural, julgada pela fala de um dos anciões deste povo, Iamangan Pô, de que os indígenas mais jovens perderam o interesse pelas técnicas tradicionais utilizadas por seu povo, substituídas pelas mais modernas. Os dias que convivemos durantes as duas viagens de campo, nos permitiu confirmar a mesma tese deste ancião. No entanto, entendemos que este é um assunto que requer uma pesquisa mais aprofundada em um futuro próximo.

O certo é que o arco e flecha foram substituídos pelas novas tecnologias da informação e comunicação com fim de atingir outros distantes e ousados alvos. O novo arco e flecha alcançaram dimensões interplanetária, colocando em vitrine mundial a Cultura dos Paiter Suruí.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propomos a discutir a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação dentro do Território Indígena dos Paiter Suruí, como meio de defesa territorial. O Plano elaborado pelos Paiterey é uma estratégia pioneira de Gestão Territorial que visa mudar um cenário devastado devido ao contato com o não indígena, com objetivo de resgatar seus valores culturais e assim perpetuar os costumes e história de seu povo. As novas tecnologias da informação e comunicação entram como recurso chave para a concretização deste plano.

Todavia, defrontamo-nos com a tarefa de analisar o espaço geográfico em toda sua complexidade, desafio em que a ciência geográfica entra com uma forte contribuição. As diferentes perspectivas do olhar geográfico orientaram-nos a analisar nosso recorte espacial escolhido, através da utilização de conceitos básicos. Tais conceitos foram neste estudo ferramentas na edificação do nosso conhecimento, de forma que obtivemos um olhar de mundo através de um olhar espacial.

Para nosso posicionamento crítico e contextual, optamos pela categoria geográfica “Território”, como dimensão das relações de poder, produção, controle, uso e apropriação do espaço pela ação da sociedade. Vimos então que o território é uma expressão do espaço produzido/consumido, por isso as dimensões economia, política, cultura e natureza são indissociáveis, uma vez que redefinem o complexo jogo relacional da sociedade no território. Quanto ao território indígena, a concepção perpassa outra lógica, que vai muito além daquela concebida pelo Estado, pois atuam principalmente no entendimento psíquico e cosmológico da questão, por meio de seus costumes, tradições e valores espirituais. Em verdade, é em suas subjetividades e representações simbólicas que se encontram suas identidades.

Ao optarmos pela fenomenologia perceptiva vimos que a fenomenologia indígena se caracterizaria pelo modo que eles entendem o mundo, por sua percepção com seu universo material e imaterial e pelo seu bem viver. Seria o conjunto das experiências e vivências, incluindo as subjetivas.

Analisamos o conceito de tecnologia e verificamos que a técnica aliada ao conhecimento cientifica gera aquilo que conhecemos por tecnologia, através de um

processo temporário agregado por um conjunto de conhecimentos melhorados. Já a tecnologia indígena, o arco e flecha foi por muito tempo a principal tecnologia utilizadas para a provisão e, sobretudo para mantê-los unidos. Mas as novas gerações passaram a se interessar mais pelas tecnologias modernas do não indígena do que as suas, o que ele não vê com bons olhos, pois, o moderno nem sempre é bom para seu povo. A sua visão reflete o peso exercido pelas influencias externas sobre as tradições deste povo.

Depois de vivenciarem as ameaças do desfacelamento territorial e cultural de seu povo nas décadas finais do século XX, as novas lideranças Suruí perceberam entenderam que era preciso adequar-se às mudanças da atual sociedade do mundo moderno. Por isso, tiveram que conhecer e se apropriar das novas ferramentas tecnológicas disponíveis pela sociedade não indígena como estratégia de defesa. O Plano de gestão elaborado pelos Paiter Suruí é uma estratégia pioneira de Gestão Territorial de início do século XXI. É um modelo único com novas estratégias para mudar um cenário devastado. As tecnologias entraram aí como suporte para cumprir seus objetivos. Elas auxiliam estes povos, monitoram e divulgam seu território. Elas servem, sobretudo, de vitrine para propagar sua cultura e para monitorar os males que rodeiam suas florestas. A percepção que os Suruí tiveram sobre a utilidade destas ferramentas tecnológicas é o que se pode chamar de atuação fenomenológica, pois para a fenomenologia tudo começa pela percepção das vivências.

Deste modo, a ideia de um mundo desterritorializado e sem fronteiras, defendido por muitos autores devido ao processo da globalização, cai por terra quando se trata do universo indígena, de modo que, os novos aparatos tecnológicos utilizados pelos indígenas rompem suas fronteiras no intuito de, principalmente, fortalecer e defender seu território. Neste sentido, a tecnologia é para os indígenas uma ferramenta para a afirmação e consolidação de seu território. Os (não lugares) de Milton Santos, são fortalecidos, neste sentido. A ideia da fronteira “móvel”, “fluxos” faz-se tão somente devido as estratégias de seu plano de levar e/ou abrir suas fronteiras para apresentar sua cultura ao mundo. Quando este povo se “move” para além de suas fronteiras levando sua cultura ao mundo, está em verdade no processo de fortalecimento e afirmação de um território, o seu. É a busca pela perpetuação de um território subjetivo próprio.

Deste modo, este povo saiu da posição de expectadores para ser protagonistas de sua própria história. Metaforicamente, trata-se de um novo arco e fecha que alcança dimensões globais e que busca superar a invisibilidade junto à sociedade envolvente. Elas funcionam também como um novo marcador territorial por ser determinante no desenvolvimento e na proteção deste povo. A substituição do arco e flecha pelo laptop, por exemplo, revelou um novo modo de pensar e agir dos Paiter Suruí. Hoje eles estão em rede e maloca digital. É uma nova forma de resistência política social e cultural de um dos povos originários da Amazônia brasileira.

Partido dos objetivos propostos nesta pesquisa, a priori, é possível considerar que a utilização dos novos recursos tecnológicos tem ocorrido de modo significativo e positivo, visto que se abrem novas possibilidades no resgate e valorização de sua cultura; de apresentar suas histórias para o mundo; de mostrar para as novas gerações um novo modo de proteger à floresta e o território. Entretanto, não se sabe ainda ou não se tem clareza quais impactos negativos que essas mídias podem gerar devido ao poder de influência que essas exercem em qualquer que seja a cultura. Percebe-se, a priore, uma formatação dos costumes culturais, principalmente pelos mais jovens, devido a substituição das técnicas antigas pelas mais modernas, devido à falta de interesse dos mesmos. Apontamos, neste sentido, a necessidade de uma pesquisa aprofundada sobre esse fato.

Salientamos ainda que é importante que estas tecnologias da informação e da comunicação não reeditem as práticas colonialistas, perpetuada na história do contato com estas populações, visto que este é um cuidado devido à todas outras sociedades. O fato é que a utilização destas novas tecnologias pouco a pouco vai alterando funções e criando outras formas, de acordo com a utilização e entendimento de cada sociedade, inclusive na sociedade indígena.

Por fim, compreendemos que tais conceitos aqui abordados não estão/são prontos nem acabados, mas, em constantes transformações, uma vez que a ciência é passível de refutações. Registro ainda que, devido à escassez teórica do tema, e por ser este um tema pioneiro na geografia, não nos permitiu um debate mais contundente com autores da geografia. Estamos como ponto de partida para refletirmos sobre as novas e modernas formas de gestar os territórios indígenas na Amazônia brasileira.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ACEVEDO DÍAZ, J. A.¿Qué puede aportar la Historia de la Tecnología a la Educación CTS? **Biblioteca Digital da OEI** (Organização de Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2002 (b). Disponível em: http://www.campusoei.org. Acesso em agosto de 2019.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. A questão indígena em Rondônia e os projetos de desenvolvimento na Amazônia Ocidental. **Ciência Geográfica**, v. XVI, p.8-14, 2012.

Bauru: AGB, 2012. Disponível em: http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI_1/agb_xvi1_versao_internet / AGB_abr2012_02.pdf. Acessado em 28 fev 2019.

ALMEIDA SILVA, Adnilson. de. **Entre a floresta e o concreto**: os impactos socioculturais no povo indígena Jupaú em Rondônia. / Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

ALMEIDA SILVA, Adnilson. de. **Territorialidades e identidade dos coletivos**

***Kawahib* da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**: "*Orevaki Are*" (reencontro) dos"marcadores territoriais". Curitiba, 2015.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Entre a floresta e o concreto**: os impactos socioculturais no povo indígena Jupaú em Rondônia. Jundiaí: Paco Editorial: 2015a.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**. Jundiaí:

Paco Editorial, 2015b.

ALVES-MAZZOTTI, A J. e GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Editora Pioneira, 1998. 203p.

AMAZÕNIAREAL**. Amazonas recebe sete grupos musicais indígenas da turnê Sonora Brasil.** Disponível em: https://amazoniareal.com.br/amazonas-recebe-sete-grupos-musicais-indigenas-da-turne-sonora-brasil/. Acessado em: outubro de 2019.

ANDRADE, A. Ribeiro de; SCHMIDT, L. Pezzi. **Metodologias de pesquisa em Geografia**. 2015. http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/929.

Acessado em: maio de 2019.

ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

ARAYA, E. R. Mass; VIDOTTI, S. A. B. Gregorio. Direito Autoral e Tecnologias de Informação e Comunicação no contexto da produção, uso e disseminação de informação: um olhar para as Licenças Creative Commons. In: **Inf. & Soc.:** Est.,

João Pessoa, v.19, n.3, p. 39-51, set./dez.2009. Disponível em:

http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3900. Acesso em agosto de 2019.

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks**: liberdade e o futuro da internet. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013

ASHANINKA. **Associação Ashaninka do rio Amônia** -. Disponível em: http://www.apiwtxa.org.br/associacao-apiwtxa/. Acessado em junho de 2019.

BARROS, B. M. Correa de; RICHTER, Daniela. A Criança e o Adolescente

Internauta – Doenças, Celeumas e Distúrbios: Uma análise Jurídica das Tecnologias da Informação e Comunicação sob a ótica do Princípio da Proteção Integral. In**:**

XXIICongresso Nacional do Conpedi, São Paulo, de 13 a 16 de novembro de 2013. Disponível em: http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=8ce13ccd4a1b7b88.

Acesso em agosto de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Ed. Zahar, 2001

BELLO, Angela Ales. Intrapessoal e interpessoal. Linhas gerais de uma antropologia filosófico-fenomenológica**.** In: (org.) Juvenal Savian Filho. **EMPATIA EDMUND**

HUSSERL E EDITH STEIN: Apresentações didáticas. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 09-28.

BLAUNER, R. **Alienation and freedom**: the factory worker and his industry Chicago:

University ot Chicago Press, 1964.

BONILLA, M. Helena; PRETTO, N. De Luca. Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação (Orgs). **Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação**. P 23-40. Ministério da Educação, INEP, v. 28, n. 94, p. 1-240, Brasília, jul./dez, 2015.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: **Geografia cultural**: um século (3). (Orgs) Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83- 132.

BORRGES, N. **Tecnologia:** um estudo sobre os impactos positivos que ela pode causar em sua empresa. Sedan Contabilidade. 2018. Disponível em:

www.sedan.com.br/tecnologia-um-estudo-sobre-os-impactos-positivos-que-ela-podecausar-em-sua-empresa/. Acessado em: junho de 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. **ERGONOMIA, DORTE ou LER - Lesões causadas por esforços repetitivos ou traumas no sistema músculo-esquelético**. Normas e Manuais Técnicos, n.° 103. Brasília – DF Fevereiro, 2001. Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ler_dort.pdf. Acesso em Acesso em agosto de 2019.

BRYMAN, Abetti. **Research methods and orga nization studies**. Unwin Hyman, Londres, 1989.

CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **Introdução à Globalização.** Repositório Universidade de Évora, Editora Instituto Bento de Jesus Caraça, abr. 2007.

Disponível em:

https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2468/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Globaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: julho de 2019.

CANCLINI, N. García. **Leitores, espectadores e internautas.** Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARVALHEIRO, J. da Rocha; MARQUES, M. C. Costa; MOTA, André. A Construção da Saúde Pública no Brasil no século XX. In: ROCHA, Aristides Almeida; CESAR,

Chester Luiz Galvão. **Saúde Pública**: bases conceituais. São Paulo: Atheneu, 2008.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty:** uma Introdução. São Paulo: Educ. 2000, 159 p.

CARVALHO MELO, K.; ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **OS PAITEREY E A TECNOLOGIA:** antropofagia pós-moderna. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/adnilson_de_almeida_silva/publication/304675

427_os_paiterey_e_a_tecnologia_antropofagia_pos-

moderna/links/5776b42e08ae4645d60d7f70/os-paiterey-e-a-tecnologiaantropofagia-pos-moderna.pdf. acessado em outubro de 2019.

CASTELLS, M. 1999. **La Era de la informacion**: economía, sociedad y cultura.

México: Siglo Veintiuno Editores, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet:** reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. Traduzido por Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História:** Novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.17-43.

CETIC.BR. **TIC Educação** – 2018. 2019. Disponível em: https://cetic.br/noticia/ticeducacao-2018-cresce-interesse-dos-professores-sobre-o-uso-das-tecnologias-ematividades-educacionais/. Acessado em agosto de 2019.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução: Luiz Fagazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª edição. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

CONTRERA, M. Segura. **Mídia e Pânico:** saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

COSTA, Leonardo Figueiredo. Novas tecnologias e inclusão digital: criação de um modelo de análise. In: BONILLA, MHS., and PRETTO, NDL., (orgs). **Inclusão digital:** polêmica contemporânea [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 109-126.

COSTA, A. C. A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára. **Anais do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Redes Sociais e Aprendizagem**. Recife:

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Atlas, 1995.

ELLUL, J. **La technique ou l'enjeu du siécle.** Paris: Armand Colin, 1954.

FARIA, I. Ferreira de. **Território e Territorialidades Indígenas do Alto Rio Negro**.

Manaus: EdUA, 2003.

FERNANDES, B. M. Entrando nos territórios do território. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Org.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo:

Expressão Popular, 2008. p. 273-301.

FEIJOO A. M. L. Calvo; MATTAR, C. Monteiro. A Fenomenologia como Método de

Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, Out-Dez, 2014, Vol. 30 n. 4, pp. 441-447.

FONSECA, E. Carrara; ARRUDA, G. Viani; ROCHA, E. Milani. Olho seco:

etiopatogenia e tratamento. In: **Arq Brasil Oftamol**, 2010;73(2): pag. 197-203.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-

27492010000200021&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em Acesso em agosto de 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRAGATA, J. **A fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia**. Braga: Livraria Cruz, 1959.

GALVÃO, I. Rodrigues; BEZERRIL, K. de Oliveira. FRIEDRICH RATZEL: uma Análise da Difusão de suas Ideias no Contexto da Geografia Brasileira. **Revista**

Sociedade e Território, v. 25, nº 1, p. 19 - 29, Natal, jan./jun, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Msc%20Paulo%20C%C3%A9sar/Desktop/Artigo%20sobre%20Ratzel.pdf. Acessado em janeiro de 2019.

GIACOIA JR., Oswaldo. **Heidegger urgente** – Introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013. 143 pp.

GILBERT, J. K. Educación Tecnológica: Una Nueva Asignatura En Todo El Mundo.

Enseñanza de las Ciencias, Vol. 13 (1): 15-24, 1995.

GOMES, P. C. da Costa. **Geografia e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. R. Sobre o método da historia oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katál.** Florianópolis v.10 n. esp. P. 83-92, 2007.

Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S141449802007000300009/5743. Acessado em março de 2019.

GUIMARÃES, V. Canezin; CELES, L. Augusto M. O Psíquico e o Social numa

Perspectiva Metapsicológica: O Conceito de Identificação em Freud . **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Jul-Set 2007, Vol. 23 n. 3, pp. 341-346. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a14v23n3.pdf. Acessado em: janeiro de 2020.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço- território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. T**erritório e territorialidades: teoria, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 95-120.

HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade:** um debate. GEOgraphia. Rio de Janeiro, ano 11, n. 17, p. 19-44, mar. 2007a

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 400p.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006a.

186p.

HAESBAERT, Rogério; MACHADO, Lia. **O Desenvolvimento da Faixa de Fronteira:** uma proposta conceitual-metodológica. Campo Grande, UFMS: 2005.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e Perspectivas do Território. In: SPOSITO, E., SAQUET, M., RIBAS, A. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens.

Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p. 87-120.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade:** a rede "gaúcha" no nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, R. A desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E.,et. al, **Geografia: Conceitos e temas**. 5ª. Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 165-206.

HEIDEGGER, Martin. ***Logic – The question of truth***. Translated by Thomas

Sheehan. Indiana: Indiana University Press, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. ***Ser e Tempo*** (edição em alemão e português). Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Rio de Janeiro, 2012b.

HENRIQUES C. **Turismo, Cidade e cultura**. Planeamento e Gestão Sustentável. Edições Sílabo, Lisboa, 2003.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Disponível em: https://www.socioambiental.org/ptbr. Acessado em 05 mar 2019.

KANIDÉ, Associação de Defesa Etnoambiental. **Uso de tecnologia por parte dos Suruí é destaque na coluna sustentável do Jornal da Globo.** Disponível em: https://www.kaninde.org.br/uso-de-tecnologia-por-parte-dos-surui-e-destaque-nacoluna-sustentavel-do-jornal-da-globo/. Acessado em agosto de 2019.

KANINDÉ. 2019. **Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé**. Disponível em: http://www.kaninde.org.br/. Acessado em 05 mar 2019.

KNELLER, G. F. **A Ciência como Atividade Humana**. São Paulo. ZAHAR/EDUSP.

1978.

KRUGLIANSKAS, I. **Tomando a pequena e média empresa competitiva**. São Paulo, Instituto de Estudos Gerenciais e Editora, 1996.

LAPORTE, A.M.A.; VOLPE, N.V. **Existencialismo:** uma reflexão antropológica e política a partir de Heidegger e Sartre**.** Curitiba: Juruá, 2009

LAYTON, D. Revaluing the T in STS. **International Journal of Science Education**, 10(4): 367-378, 1988.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Editora 34, São Paulo, SP, 1999.

LION, C. G. Mitos e Realidades na Tecnologia Educacional. In.: LITWIN, E. (org.)

(1997). **Tecnologia Educacional**: política, histórias e propostas. (Trad.: ROSA, E.).

Artes Médicas, Porto Alegre. 1997. p. 23-36.

LONGO, W. P. **Tecnologia e soberania nacional.** São Paulo : Ed. Nobel, 1984.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MAIA, R. **Redes cívicas e internet**: do ambiente informativo denso as condições da deliberação pública. Belo, Horizonte: UFMG, 2002.

MANDEL, A.; SIMON, I.; LYRA, L. J. de. **Informação:** computação e comunicação. 1997. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~is/infousp/imre/imre.htm. Acessado em: agosto de 2019.

MARTINO, J. P. **Technological Forecasting for Decision Making.** 2. ed., NorthHolland, New York, NY, 1983.

MANZI, Ronaldo. O que seria a consciência na fenomenologia heideggeriana?. Griot: **Revista de Filosofia.** v.13, n.1junho/2016.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação:** uma análise introdutória.

Tradução de Helena Vilar de Lemos. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1999

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Territórios do Cotidiano uma introdução a novos olhares e experiências.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. pp. 76 - 92

METAREILÁ. 2019. Associação Metareilá. Disponível em: http://www.paiter.org/associacao-metareila-3/. Acessado em 05 mar 2019.

Microbiologia Industrial e Biotecnologia, 2019. **Sociedade Brasileira de Microbiologia (SBM).** Disponível em:

https://sbmicrobiologia.org.br/areas/microbiologia-industrial-e-biotecnologia/. Acessado em junho de 2019

MINDLIN, Betty. **Nós Paiter: os Suruí de Rondônia.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MORAN, J. Manuel; MASSETTO, M. T.; BEHRENS M. Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas.** Campinas, SP. Papirus, 2012.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

MÜLLER, M. J. **Merleau-Ponty:** acerca da expressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Coleção Filosofia.

NUNES, M. What's space is cyberspace? In Loader, B. (Org). **A política do ciberespaço:** política, tecnologia, reestruturação global. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

PAITER SURUÍ. **Blog Paiter**. Disponível em: http://www.paiter.org/. acessado em abril de 2019.

PINTO, A. A. A "Inclusão Digital Indígena" na Sociedade da Informação. **V ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio.

Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-BA, 2009. p.01-15. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19128.pdf. Acessado em junho de 2019.

PINTO, Pimentel Júlio. **UMA MEMÓRIA DO MUNDO:** ficção, memória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 307p.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Geografia política e desenvolvimento sustentável.**

Terra Livre, São Paulo, AGB, n. 11-12, p. 9-76, ago/1992-ago/1993.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

POVOS INDÍGENAS. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui.

Acessado em: junho de 2019.

PRADO JÚNIOR, Caio – **A Revolução Brasileira** – 7a edição, São Paulo, Brasiliense, 1987.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades indígenas**. São Paulo: Ática, 1986.

RATZEL, F. Geografia do homem. In: **Ratzel.** MORAES, A. C. R. (Org.). São Paulo

SP: Ed. Ática, 1990. (Col. Grandes Cientistas Sociais.)

RIBEIRO, Wagner Costa. **A ordem ambiental internacional.** São Paulo: Contexto, 2001.

RIBEIRO, Wagner Costa. A quem interessa a globalização. **Revista ADUSP**, n. 2, p.

18-21, 1995.

RODRIGUES, A. M. M. **Por uma filosofia da tecnologia**. In: Grinspun,

M.P.S.Z.(org.). Educação Tecnológica - Desafios e Pespectivas. São Paulo: Cortez, 75-129. 2001.

ROSSONI, S. A HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DO CONHECIMENTO: Algumas (In) Certezas. **Revista de Ciências Humanas**. v.04 n.04, RS, 2003.

SACK, R. D. O significado de territorialidade. Em: DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Org.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis, Insular, 2011.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova:** Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. SP: Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo : Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científicoinformacional. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano 1. n. 1, p. 7-13, 1999.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997a.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo:

Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre:

EST Edições, 2003.

SATURNINO, Letícia. 9 doenças causadas pelas novas tecnologias. **MundoBit.** Disponível em**:** https://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2015/10/06/9-doencascausadas-pelas-novas-tecnologias/. Acessado em agosto de 2019.

SAUER, S.; ALMEIDA, W. **Terras e Territórios na Amazônia**: demandas, desafios e perspectivas. Brasília: UNB, 2011.

SAUER, S. **Terra e modernidade**: a reinvenção do campo brasileiro. São Paulo, Expressão Popular, 2010.

SCOFIELD JR, G. Índio usa computador e internet para preservar Amazônia. Revista eletrônica **O Globo**. Brasil. São Paulo, 03/03/2012 21:05. Disponível em: http://oglobo.globo.com/brasil/indio-paiter-surui-usa-tecnologia-para-preservaramazonia-4174905. Acessado em 05 mar 2019.

SEG+, **Segurança e Medicina do Trabalho**. Disponível em: https://www.segecompany.com.br/2018/11/22/produtos-e-servicos-4/. Acessado em agosto de 2019

SEEGER, A., R.A. DaMatta; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras.** Boletim do Museu Nacional 32: 2–19, 1979.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, M. L. Souza**. A BATALHA DA BORRACHA:** Os migrantes nordestinos – memória e imaginário. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. Porto Velho, RO, 2018. 150p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E., et. al, Geografia: **Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

SPOSITO, Eliseu S. Sobre o Conceito de Território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do Sudoeste do Paraná. In: SPOSITO, E., SAQUET,

M., RIBAS. A. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p. 15-36.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

UOL notícias. **Tribo usa tecnologia do Google para proteger a natureza**.

Disponível em: https://noticias.uol.com.br/album/110914indios_album.jhtm#fotoNav=11. Acessado em agosto de 2019.

VERASZTO, E. V. **Projeto Teckids**: Educação Tecnológica no Ensino Fundamental.

Dissertação de Mestrado. Campinas. Faculdade de Educação. UNICAMP. 2004.

ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In:_____. HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Entrevistas realizadas:

SURUÍ, Almir. Entrevista concedida em setembro de 2018.

SURUÍ, Uraiué, Suruí. Entrevista concedida em janeiro de 2019.

SURUÍ, Iamangan Pô. Entrevista concedida em janeiro de 2019